



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ENTRE FATOS E RELATOS: AS TRAJETÓRIAS DE CARMELITA PINTO
FONTES E ROSÁLIA BISPO DOS SANTOS NA EDUCAÇÃO SERGIPANA
(1960-1991)**

ANE ROSE DE JESUS SANTOS MACIEL

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ENTRE FATOS E RELATOS: AS TRAJETÓRIAS DE CARMELITA PINTO
FONTES E ROSÁLIA BISPO DOS SANTOS NA EDUCAÇÃO SERGIPANA
(1960-1991)**

ANE ROSE DE JESUS SANTOS MACIEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa Dra Josefa Eliana Souza (UFS)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



ANE ROSE DE JESUS SANTOS MACIEL

**ENTRE FATOS E RELATOS: AS TRAJETÓRIAS DE CARMELITA PINTO
FONTES E ROSÁLIA BISPO DOS SANTOS NA EDUCAÇÃO SERGIPANA
(1960-1991)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 26/02/2016

Profa. Dra. Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Profa. Dra. Maria Neide Sobral da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. José Costa D'Assunção Barros
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ.

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016

Fotografia 01: Carmelita Pinto Fontes



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

Fotografia 02 - Rosália Bispo dos Santos



Fonte: acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos

*À minha avó, que mesmo sem nunca ter frequentado uma
sala de aula, me ensinou muito mais que qualquer
Universidade poderia me ensinar.*

Antônia Maria de Jesus (In memória).

AGRADECIMENTOS

Durante a construção dessa pesquisa tive a colaboração de várias pessoas, portanto, quero aqui registrar minha eterna gratidão a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a concretização deste sonho. Primeiramente agradeço a Deus, por permitir minha existência, sem ele eu não estaria aqui. Sua força me guia, me controla, me domina. Agradeço a minha família, meus pais, meus irmãos, pela compreensão e amor incondicional. Agradeço ao meu marido pela companhia, pelo apoio, pelos dias e noites ao meu lado, firme, sempre acreditando em mim.

Agradeço a minha orientadora, Eliana Souza, pela confiança depositada em mim, em meu trabalho, por suas orientações, por sua presteza em me ouvir, em me guiar nesse caminho árduo, que é a pesquisa. Um dia, mesmo sem me conhecer, me concedeu a oportunidade de realizar uma pesquisa que, contribuirá para ampliação dos trabalhos do seu, do nosso, Grupo de estudos, o GREPHES, do qual faço parte com muito orgulho. Muito obrigada professora, por tudo. Obrigada também aos membros do GREPHES, pela presença, fortalecendo ainda mais o enriquecimento do grupo.

Aos meus professores do PPGED, que com suas aulas contribuíram para a construção desta pesquisa, cada disciplina na sua completude, fortaleceram as bases desta escrita. Aos amigos e colegas que, durante o curso tornaram a caminhada mais leve, em especial a minha querida amiga Rose Siqueira, pessoa do bem que Deus colocou em meu caminho. Agradeço também em especial as professoras Jussara Maria Viana e Maria Neide Sobral e, ao professor José D'Assunção Barros, componentes da minha banca que, com suas orientações ampliaram meu entendimento acerca da pesquisa, proporcionando um enriquecimento textual e pessoal. Obrigada professoras. Estendo os meus agradecimentos a professora Martha Suzana Cabral Nunes pelo apoio em me conectar com alguns dos ex-alunos do Ginásio de Aplicação, fato que contribuiu muito para a completude da minha pesquisa, serei eternamente grata.

Agradeço também as professoras Rosália Bispo dos Santos e Carmelita Pinto Fontes, que abriram suas portas, suas vidas a mim, possibilitando que fatos importantes fossem revelados, fortalecendo ainda mais esta pesquisa. Agradeço também a cada pessoa que conversei sobre essas duas professoras, aos amigos, e ex-alunos, pela

confiança em abrir suas memórias a uma pessoa desconhecida, para falar de suas vidas, de suas paixões. Fica aqui minha eterna gratidão.

Agradeço também aos funcionários do arquivo do Colégio de Aplicação/CODAP, em especial a Lainy, uma querida que me acompanhou nas manhãs de pesquisas, aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, local constante nessa minha caminhada, as meninas do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense/CEMAS. Quero registrar meus agradecimentos também à Jaqueline e Morgana, do Instituto Dom Luciano Duarte/IDLD, “lugarzinho do meu coração”.

Não poderia deixar de agradecer a ajuda financeira proporcionada pela CAPES/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através da bolsa de estudos, fato que possibilitou um melhor aproveitamento do curso. Aos funcionários do PPGED/Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, nas pessoas de Eanes, Guilherme e Graciela.

Por fim, finalizo ressaltando que foram muitas pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa, portando, se alguém não foi citado, perdoe-me pelo equívoco, não foi minha intenção, mas, sei, com certeza, que agradei pessoalmente, sempre. Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar as trajetórias intelectuais de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos e suas contribuições para a educação sergipana, durante os anos de 1960 a 1991. Buscando compreender como essas professoras consolidaram suas profissões e conduziram suas atividades pedagógicas nas instituições que atuaram, a fim de demonstrar os impactos que suas ações proporcionaram à sociedade de sua época. O marco temporal aqui utilizado justifica-se, pois, em 1960 ocorreu a inauguração do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, primeiro espaço de convivência entre as duas personagens analisadas, e 1991, ano que ambas entraram em processo de aposentadoria. Vale destacar que esta investigação encontra-se alicerçada nos pressupostos da História da Educação, e de Sergipe, História Cultural e amparada pela História Oral. Utilizando-se das principais fontes: atas de inauguração, inscrições de alunos, atas de reuniões de pais e mestres, fotografias, artigos de jornais, entrevistas. As fontes aqui trabalhadas foram encontradas nos arquivos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe/CODAP, do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense/CEMAS, do Instituto Educacional Rui Barbosa/IERB, do Instituto Dom Luciano Duarte/IDLD, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE, e do Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe, além dos arquivos pessoais das personagens aqui retratadas. Esperamos que essa análise possa ampliar os estudos na área biográfica, principalmente com foco em personagens femininos, e possibilitando o alargamento do campo da História da Educação.

Palavras-chave: Carmelita Pinto Fontes, Educação, Ginásio de Aplicação, Rosália Bispo dos Santos, Trajetória.

ABSTRACT

This research aims to analyze the intellectual trajectories Carmelita Pinto sources and Rosalia Bispo dos Santos and their contributions to Sergipe's education through 1960 to 1991. It aims at understanding how these teachers consolidated their professions and conducted their activities educational in the institutions that acted, in order to demonstrate the impact that their actions have provided the society of his time. The present time frame can be justified whereas in 1960 occurred an opening of the Gymnasium of Application from the Catholic College of Philosophy of Sergipe, first space to the convivence between the two analysed characters, in 1991, the year which both of them were getting in retirement process. It is worth pointing out that this investigation is rooted in the assumptions of History of Education, and from Sergipe, Cultural History and supported by the Oral History. It was used the main sources: opening minutes, students registrations, meeting minutes of parents and teachers, photographs, newspaper articles, interviews. The sources from this paper were found in files at the, Application School of the Federal University of Sergipe/CODAP, Center of Education and Memory of the Atheneu Sergipense/CEMAS, Educational Rui Barbosa Institute/IERB, Dom Luciano Duarte Institute/IDLD, Historical and Geographical Institute of Sergipe/IHGSE and from the General Archive of the Federal University of Sergipe, beyond personal archiving from the characters who were described here. Hopefully this analysis can amplify bibliographical studies, mainly focusing in female characters, and enabling the enlargement of history of education.

Key- Words: Carmelita Pinto Fontes, Education, Gymnasium of Application, Rosália Bispo dos Santos, Trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA: 01 – Carmelita Pinto Fontes.....	4
FOTOGRAFIA: 02 – Rosália Bispo dos Santos.....	5
FOTOGRAFIA: 03 – Turma de Normalista ano 1941.....	36
FOTOGRAFIA: 04 – Carmelita Pinto Fontes, aula de Ginástica do Instituto de Educação Rui Barbosa.....	38
FOTOGRAFIA: 05 - Rosália Bispo dos Santos no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus em 1949.....	40
FOTOGRAFIA: 06– Luciano José Cabral Duarte.....	41
FOTOGRAFIA: 07 – Luciano José Cabral Duarte sendo ordenado, ano 1948.....	42
FOTOGRAFIA: 08 – Formatura de Rosália Bispo dos Santos, 1955.....	44
FOTOGRAFIA: 09 – Formatura de Carmelita Pinto Fontes,	52
FOTOGRAFIA: 10 – Lateral da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	54
FOTOGRAFIA: 11 – Entrada principal do Ginásio de Aplicação.....	60
FOTOGRAFIA: 12 – Área interna do Ginásio de Aplicação.....	70
FOTOGRAFIA: 13 – Primeira turma do Ginásio de Aplicação, ano 1960.....	83
FOTOGRAFIA: 14 – Turma do Ginásio de Aplicação em excursão, ano 1961.....	87
FOTOGRAFIA: 15 - Membros da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.....	95
FOTOGRAFIA: 16 – Peça teatral dos alunos do Ginásio de Aplicação em 1961.....	98
FOTOGRAFIA: 17 – Alunos em atividades na sala.....	99
FOTOGRAFIA: 18 - Turma de alunos do Ginásio de Aplicação, ano 1961.....	101
FOTOGRAFIA: 19 – Desfile Cívico de 07 de Setembro do Ginásio de Aplicação.....	104

FOTOGRAFIA: 20 – Carmelita Pinto Fontes em Brasília, 1966.....	120
FOTOGRAFIA: 21 – As professoras visitando as obras do Campus Universitário.....	129
FOTOGRAFIA: 22 – Núbia Marques e Giselda Moraes no lançamento do livro Baladas do Inútil Silêncio em Salvador Bahia em 1965.....	131
FOTOGRAFIA: 23 Carmelita Pinto Fontes, Núbia Marques e Gizelda Moraes no lançamento do livro Verdeoutono, 1982.....	136
FOTOGRAFIA: 24 – Carmelita Pinto Fontes em lançamento do livro Tempo de Dezembro, 1982.....	138
FOTOGRAFIA: 25 – Recorte do Jornal da Cidade, 1984.....	145
FOTOGRAFIA: 26 – Carmelita Pinto Fontes na Academia Sergipana de Letras, 1984.....	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – Academia Sergipana de Letras.

ASLJE – Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão de Ensino Secundário.

CDE – Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado de Sergipe.

CEMAS – Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

CULTART/UFS – Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe.

FCFS – Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

FUFS – Fundação Universidade Federal de Sergipe.

GA – Ginásio de Aplicação.

GREPHES – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior.

IDLD – Instituto Dom Luciano Duarte.

IERB – Instituto Educacional Rui Barbosa.

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

MEC – Ministério de Educação e Cultura.

PCB – Partido Comunista Brasileiro.

PR – Partido Republicano.

PSD – Partido Socialista Democrático.

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro.

UDN – União Democrática Nacional.

UFS – Universidade Federal de Sergipe.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

USP – Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
2.0- CONSTRUINDO UMA CARREIRA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	33
2.1- Luciano José Cabral Duarte o amigo em comum.....	41
2.2- A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	45
2.3- O Ginásio de Aplicação.....	59
2.4- O Espaço físico do Ginásio de Aplicação.....	70
2.5- O exame admissional do Ginásio de Aplicação.....	74
2.6- As ações pedagógicas do Ginásio de Aplicação.....	83
2.7- A Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.....	92
2.8- Outras ações.....	97
3.0-DESAFIOS DO TRAJETO: RECOMEÇOS, APRENDIZADOS E REALIZAÇÕES.....	108
3.1- Rosália Bispo dos Santos, recomeços.....	108
3.2- A Fundação Universidade Federal de Sergipe.....	123
3.3- Carmelita Pinto Fontes, outras faces.....	130
ALGUMAS REFLEXÕES.....	149
FONTES DOCUMENTÁIS.....	151
JORNAIS UTILIZADOS.....	152
ENTREVISTAS.....	152
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS.....	158

INTRODUÇÃO

A dissertação em destaque, objetiva analisar as trajetórias intelectuais das professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos, e suas contribuições para a educação sergipana, durante os anos de 1960 a 1991, buscando compreender como essas professoras consolidaram suas profissões e conduziram suas atividades pedagógicas nas instituições em que atuaram, a fim de demonstrar os impactos que suas ações proporcionaram à sociedade de sua época. O marco temporal aqui utilizado justifica-se, por ter sido em 1960 o ano de inauguração do Ginásio de Aplicação/GA da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe/FCFS¹, e 1991 o ano em que ambas entraram em processo de aposentadoria.

É relevante destacar que o interesse em pesquisar a trajetória intelectual de Rosália Bispo dos Santos surgiu durante uma das reuniões do GREPHES²/Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior, liderado pela professora Josefa Eliana Souza, o qual, objetiva investigar as transformações históricas verificadas no âmbito do ensino superior no Brasil (instituições públicas ou particulares), tendo como foco principal a Universidade Federal de Sergipe/UFS. Além da criação desta instituição, o Grupo busca investigar as trajetórias de intelectuais da educação, representações, práticas pedagógicas, criação, circulação e difusão de impressos da UFS e de outras instituições superiores públicas ou particulares, distribuídos entre trabalhos monográficos, dissertações, teses e livros, a exemplo do recém-lançado, “História e Memória: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)”, que objetivou “narrar o processo que conduziu a implantação da Universidade Federal de Sergipe, a construção da cidade universitária, o crescimento acadêmico e a expansão física da UFS, pelo interior de Sergipe, por meio do ensino a distância ou presencial” (SOUZA, 2015, p. 24).

Durante a reunião, realizamos a leitura da dissertação de Martha Suzana Cabral Nunes³, sobre o Ginásio de Aplicação, defendida em 2008, na qual pudemos

¹Doravante usaremos preferencialmente a sigla FCFS para reportarmos a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, além de usar a sigla GA quando nos referirmos ao Ginásio de Aplicação.

²O Grupo foi criado em 2011, entre os trabalhos já produzidos pelo Grupo destacamos, Melo (2014), Lima (2012), Santos (2013), além da pesquisa de Silva (em andamento).

³Professora Assistente da Universidade Federal de Sergipe, do Núcleo de Ciência da Informação, curso de Biblioteconomia e Documentação. Possui Graduação em Administração com ênfase em Análise de

perceber algumas lacunas, o que é normal, tendo em vista que nenhuma pesquisa abrange todas as vertentes, e nenhum documento está totalmente superado. Uma dessas lacunas era justamente a possibilidade de analisar a trajetória intelectual de Rosália Bispo dos Santos, a primeira diretora e fundadora do GA, juntamente com o padre Luciano José Cabral Duarte⁴. A princípio, seguiríamos analisando apenas Rosália, no entanto, durante o processo de coleta das fontes pudemos observar que vários acontecimentos de sua vida se interligavam a Carmelita Pinto Fontes, a primeira vice-diretora do GA, e professora de português até o ano de 1967. Um desses fatos era justamente a presença do padre Luciano Duarte, tanto na construção e consolidação intelectual de ambas, como também proporcionando a obtenção de cargos importantes no cenário educacional sergipano. Sendo assim, analisá-la ampliaria o entendimento acerca da trajetória de Rosália, buscando preencher possíveis lacunas que surgissem durante a pesquisa.

Rosália Bispo dos Santos foi graduada em Letras Neolatinas pela FCFS, no ano de 1955, e esteve à frente, juntamente com o padre Luciano Duarte, na organização do GA em 1959, atuando também como professora de Francês até 1965. Ela nasceu em 13 de abril de 1924 no povoado “Estivo da Raposa”, na cidade de Pacatuba, município de Sergipe, filha de Arthur Bispo dos Santos e Rosa Pereira dos Santos, pequenos proprietários rurais, foi a última filha a nascer no interior. De família humilde, cresceu ouvindo sua mãe dizer que para conseguir alguma coisa na vida, tinha que ter estudo. Sua mãe não tinha estudado muito, mas sabia o valor da educação. Ainda menina, com seis anos de idade, veio para cidade grande, como muitas famílias, migrando em busca de melhores condições de vida.

Morávamos em Pacatuba/SE, onde eu nasci, era uma vida de lavrador, vida muito simples, minha mãe disse a meu pai, se você quiser ficar aqui no interior, para criar nossos filhos roceiros, lavradores, fique. Porque eu não fico. Ele não teve escolha, teve que vir para Aracaju⁵.

Rosália ainda era muito pequena, segundo ela, não se lembra dos banhos de rio, que seus irmãos vivenciaram, não conheceu a vida no campo. Não correu pelos caminhos de pedras e areias soltas, nem sentiu o vento puro de cidade de interior. Suas

Sistemas pela Universidade Tiradentes (1993), é Mestre em Educação pela UFS (2008), Doutora em Ciência da Informação (2015), pela Universidade Federal da Bahia/UFBA/PPGCI/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

⁴Doravante usaremos preferencialmente o nome “Luciano Duarte”, quando reportarmos a Luciano José Cabral Duarte.

⁵Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora, em 12 de agosto de 2014.

brincadeiras foram iniciadas na “cidade de pedra”, nas ruas asfaltadas. Tudo era novidade. Seus pais tinham alguns parentes e amigos que já haviam migrado para Aracaju e, por intermédio desses, conseguiu um emprego na prefeitura da cidade. Não era nenhum cargo importante, mas, para sustentar a família, servia. Sua mãe não trabalhava fora de casa, não havia tempo, tinha tido oito filhos, dois morreram, restaram seis filhos para cuidar, era tudo com muito sacrifício e, para deixar seus pais felizes, principalmente sua mãe, o mínimo que as crianças podiam fazer era estudar.

Com sete anos de idade, Rosália iniciou suas primeiras letras no Grupo Escolar General Siqueira⁶, ela e seus irmãos retornavam a pé para casa, pois, moravam na Rua Estancia⁷, no Bairro Cirurgia. “Minha vida de criança, adolescente e já adulta eu passei nessa rua, moramos em duas casas, uma era alugada e a outra já foi comprada, com muito sacrifício⁸”. As ruas da cidade grande era uma preocupação para sua mãe, que sempre lhe dizia, “não fale com estranhos”, “não receba nada de ninguém”, eram recomendações de uma mãe preocupada com a educação de seus filhos, afinal, morar na cidade era diferente de morar no interior, onde todo mundo se conhecia. Quando ainda criança decidiu ser professora, inspirada por algumas professoras do primário, quando adolescente preferiu ser normalista.

Ser professora eu sempre quis, eu escolhi o caminho do magistério, as minhas colegas, todas escolheram ir fazer o Secundário no Colégio Atheneu, eu não, eu quis ir para a Escola Normal, porque eu queria ser professora, vocação alimentada desde minhas brincadeiras de criança, a que sempre dava um ar professoral, não me arrependo⁹.

Um orgulho para sua mãe, em 1937, aos treze anos de idade, Rosália passou no exame admissional para cursar a Escola Normal e, iniciando os estudos nessa instituição no ano de 1938. Foi uma festa! Sua mãe sentiu-se realizada, ela sabia que quando sua filha saísse de casa, trajando saia plissada azul-marinho, blusa branca com gola tipo marinheiro e punhos azul-marinho, meias e sapatos pretos, estaria representando simbolicamente um diferencial entre os demais. Seus esforços em trazer a

⁶O Grupo Escolar General Siqueira se chamava, Grupo Escolar Central e foi inaugurado em 1914, pelo General José Siqueira de Menezes e, a princípio, funcionava onde hoje se encontra o Batalhão da Polícia Militar do Estado de Sergipe situado na Rua Itabaiana. Logo depois, passou a ter o nome do General que o inaugurou, em sua homenagem. Por muitos anos, funcionou anexo ao Grupo Escolar Barão de Maruim onde hoje funciona o Cultart/UFS (SANTOS, 2013).

⁷Em 08 de janeiro de 1873, uma resolução da Câmara Municipal de Aracaju, determinou que as ruas da capital, deveriam receber os nomes das principais localidades da Província, a exemplo de Rua São Cristóvão, Rua Itabaiana, Rua Laranjeiras e Rua Estância (PORTO, 2011).

⁸Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

⁹Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

família para a capital havia compensado, afinal, sua filha teria uma profissão decente, e, consequentemente um bom emprego. Segundo Freitas (2003), a influência familiar foi o centro das motivações que fizeram com que as ex-normalistas tivessem ido para a Escola Normal.

As condições materiais, os valores, a profissionalização, a garantia de um emprego, a possibilidade de sobrevivência, a qualidade do ensino oferecido pela instituição, foram aspectos elaborados pela convivência familiar (FREITAS, 2003, p. 40-41).

Para Rosália, assim como para outras moças de sua época, era a oportunidade de trabalhar e poder ajudar sua família. Por esses mesmos motivos, outras famílias também fizeram o mesmo percurso que Rosália. A busca por completar a educação dos filhos e, consequentemente, um melhor emprego, fazia com que muitas famílias migrassem para a capital do Estado. Esse fato foi retratado também pelo escritor Amando Fontes (1979), em seu romance “Os Corumbas”. Nele, o escritor narrou a vinda de uma família do interior do Estado de Sergipe para a capital, em busca de melhores condições de vida e oportunidades para que seus filhos, ao menos as filhas mais novas, pudessem estudar. As personagens retratadas lutavam para que suas duas filhas caçulas pudessem se tornar “normalistas”. A família de Carmelita Pinto Fontes, também movida por essa analogia, decidiu migrar para a capital, buscando complementar a educação dos filhos e, na esperança de que suas duas filhas também se tornassem normalistas.

Carmelita Pinto Fontes também graduada em Letras Neolatinas pela mesma instituição, em 1957, exerceu a função de vice-diretora e professora de Português até o ano de 1967 no GA. Nasceu em 01 de fevereiro de 1933, na cidade de Laranjeiras¹⁰, município de Sergipe. Era filha de João da Silveira Fontes e Francisca Pinto Fontes, de família pequena, seu pai era funcionário da Usina São João, e sua mãe dona de casa, suas primeiras letras concluiu na Escola Laranjeirense, instituição de ensino misto, fundada em 1904, que tinha à frente a professora Eufrozina Amália Guimarães ou simplesmente “Zizinha Guimarães”¹¹.

¹⁰Situada no vale do Cotinguiba, a 23 km da capital Aracaju, um dos polos mais importantes das manifestações culturais do Estado de Sergipe, para mais detalhes consultar (DANTAS, 2004).

¹¹Eufrozina Amália Guimarães mais conhecida como Zizinha Guimarães foi uma mulher que ganhou notoriedade na cidade de Laranjeiras/SE em virtude de seus feitos no cenário educacional e social, entre os fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, mais detalhes consultar (SANTANA, 2011).

Estudei as primeiras letras na escola de Zizinha Guimarães, acho que ela deixou marcas em mim. Ela tinha uma força extraordinária. Nós fazíamos teatro, tudo que ela fazia dava certo. Ela tocava piano, compunha. Tínhamos aulas de música, dança. Durante o mês de setembro toda tarde a turma toda ia dançar, ela colocava a turma toda pra dançar, não havia preconceito, dançávamos menino com menina ou menina com menina mesmo, era todo mundo junto, não havia esse negócio de preconceito. Havia aulas de pinturas. Ela ensinava de tudo, Espanhol, Francês. Tudo ela se metia e dava certo¹².

Aos onze anos vivenciou o sofrimento de sua família, a perda do pai em um acidente de trabalho. Seu pai era a base familiar, após sua morte, sua mãe teve que tomar as rédeas da educação e sustentação dos três filhos, José Pinto Fontes, Eunice Pinto Fontes e Carmelita Pinto Fontes. Com uma pequena pensão de aproximadamente Cr\$ 82,000,0¹³(oitenta e dois mil cruzeiros), recebida por conta do acidente de trabalho do marido, sua mãe resolveu vender a casa e migrar para a capital, pois, acreditava que seus filhos teriam uma melhor educação e, consequentemente um bom emprego.

Vimos para Aracaju todo mundo junto. A gente não se separava nunca. Vendemos a casa em Laranjeiras e compramos uma casa aqui na Rua Dom Quirino no Bairro Dezoito do Forte. Meu irmão tinha vindo à Aracaju passar férias na casa de amigos, quando voltou me avisou que a Escola Normal estava com as inscrições abertas, daí pegamos um carro e viemos, era 1946. Ficamos na casa de um amigo da família, passamos um semestre ainda assim, até vender a casa e comprar outra aqui. Todo mundo junto, não nos separávamos nunca¹⁴.

Carmelita e sua irmã foram estudar na Escola Normal, estavam, enfim, inseridas na representação simbólica que a figura da normalista detinha na sociedade de sua época, algo que para Bourdieu (2013, p. 311) significa dizer que,

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.

Segundo este autor, os investimentos aplicados na carreira escolar dos filhos viriam integrar-se um sistema das estratégias de reprodução, estratégias mais ou menos compatíveis conforme o tipo de capital a transmitir, e pelas quais cada geração esforça-se por transmitir à seguinte os privilégios que detém. Essa transmissão passava a ser

¹²Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 18 de março de 2015.

¹³Essa fração, elevada aos valores atuais corresponderia parcialmente a R\$ 298,18 (duzentos e noventa e oito reais e dezoito centavos). Mais detalhes consultar: [www.http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=82,000,0](http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=82,000,0) acessado em, 15 de março de 2016.

¹⁴Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 18 de março de 2015.

uma forma de seleção, pois, as moças que não podiam ser normalistas estavam automaticamente excluídas dos melhores empregos. Em 1946, Carmelita integrou o corpo discente da Escola Normal, partilhando valores sociais, normas, regras e representações de uma época em que ser normalista era sinal de *status*. Durante os seus estudos na Escola Normal Carmelita teve diversos professores, entre eles, Rosália Bispo dos Santos, cuja relação ficou marcada em sua memória. “Conheci Rosália na Escola Normal, ela foi minha professora de ginástica, ela era muito jovem, uma adulta adolescente ainda, muito boa profissional, um pouco dura, mas uma boa profissional¹⁵”. Rosália havia retornado do Rio de Janeiro após ter concluído um curso em Educação Física, foi nomeada professora de ginástica na Escola Normal.

Suas trajetórias, formativa e profissional, sempre estiveram ligadas às propostas educacionais do padre Luciano Duarte que, por várias vezes, estimulou o crescimento educacional de ambas, seja com a promoção de cursos, seja com a possibilidade de empregos em colégios na capital. Ambas realizaram, em momentos diferentes, um curso de Especialização em Língua e Literatura Francesa no Centro de Estudos Superiores de Francês, na *Maison de France*, no Rio de Janeiro. Lecionaram em estabelecimentos educacionais importantes no Estado e se mantiveram dispostas ao enriquecimento cultural, proporcionado a elas pelo padre Luciano Duarte. Em 1968, Rosália Bispo dos Santos viajou para a França, afim de fazer um curso de Especialização em Língua e Literatura Francesa, com uma bolsa de estudos concedida a ela por intermédio do padre Luciano em parceria com a CAPES/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sendo certificada pelo, *D'études Linguistiques Françaises*¹⁶ na Sorbonne/Paris.

Já Carmelita Pinto Fontes, em 1967, ao sair do GA, viajou para Portugal afim de fazer um curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Linguística, além de viajar ao Chile para se especializar numa Pós-Graduação em Língua e Literatura Hispano-americanas na Universidade Católica do Chile, sob os mesmos princípios. Além desses cursos, Carmelita também exercia a função de colaboradora do Jornal “A Cruzada¹⁷”, escrevendo crônicas em uma coluna denominada “O Mundo Feminino”,

¹⁵Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

¹⁶Estudos Linguísticos de Francês.

¹⁷Periódico semanal de orientação católica, fundado em 1918 pela Diocese de Aracaju, foi um dos mais importantes e duradouros do Estado na primeira metade do século XX. Sua história divide-se em duas

sob o pseudônimo de “Gratia Montal¹⁸”. Essas duas professoras, com personalidades distintas e divergentes, estiveram por vários momentos unidas pelos mesmos princípios educacionais e ligadas pelo mesmo elo, fato esse, que possibilitou a ascensão de ambas a diversos estabelecimentos educacionais no Estado de Sergipe.

Na busca por compreender essa conjuntura de acontecimentos na vida dessas professoras, a dissertação em destaque encontra-se diretamente ligada à linha da História da Educação, sob a dimensão da História Cultural. No Brasil, ganhou forças a partir da década de 1980, rompendo com paradigmas existentes, como o interesse por pesquisar a vida e as obras dos grandes homens e das grandes datas, a partir desse deslocamento, passando a observar pessoas e acontecimentos comuns, numa concepção de que os heróis não se configuram sozinhos, há sempre uma estrutura social estabelecida, compondo um quadro, seja ele político, social, educacional ou econômico, que, não poderia passar despercebido pela historiografia.

Segundo Chartier (1990, p. 17), a História Cultural deve ser entendida como, “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido”. Sendo assim, podemos construir um entendimento histórico a partir de técnicas específicas, pode ser um documento político, um relato, um texto, dentre outros, para isso, basta organizar suas fontes, manejar técnicas de análise, utilizar critérios de prova, adotar técnicas específicas para estabelecer um entendimento entre o relato e o que é objeto desse relato. Essa composição pode ser encontrada em um documento e/ou em uma entrevista. Segundo Ginzburg (2006, p. 20), “a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais”.

Assim, a nova História Cultural concebida a partir da Escola dos *Annales*¹⁹ que, abriu um vasto campo de possibilidades de pesquisas, interligando a história a

fases: a primeira, entre 1918 a 1926 e a segunda, de 1935 a 1969. Mais informações consultar (SÁ e LINHARES, 2009).

¹⁸Dom Luciano Duarte era o diretor do jornal A Cruzada, eu era colaboradora, ele me pediu que eu criasse um pseudônimo, para, segundo ele, ficar melhor, mais charmoso, então fiz. Eu gostava muito de uma escritora francesa que tinha o sobrenome de Montal, peguei o Gratia que do Latim significa “graça”, juntei e ficou “Gratia Montal”. Entrevista de Carmelita Pinto Fontes, em 21 de agosto de 2015.

¹⁹Um movimento originalmente iniciado na França no início do século XX, a partir da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre. Esse movimento abriu novas possibilidades para campos de investigações até então desprezadas por diversos

outras áreas das ciências, como a Sociologia, a Antropologia, a Geografia, entre outras, possibilitando analisar acontecimentos até então descartados pelas pesquisas tradicionais. Objetiva sobretudo, não só os feitos dos grandes homens, mas sim, personagens vindos de lugares distintos, o que a historiografia chamou de “histórias vindas de baixo²⁰”. Essa diversidade de áreas ampliou consideravelmente as possibilidades de pesquisas, entre elas, destacamos a micro história que, segundo Barros (2009), significa uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Nesse entendimento, o objeto de estudo do micro historiador não precisa ser necessariamente o espaço micro recortado, pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência, ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que se dispôs a examinar. Ainda segundo Barros (2009, p. 156),

Embora não seja possível enxergar a sociedade inteira a partir de um fragmento social, por mais que ele seja cuidadosamente bem escolhido, será possível, dependendo do problema escolhido, enxergar algo da realidade social que envolve o fragmento humano examinado.

Assim, a partir das relações estabelecidas entre os personagens analisados, é possível compreender a configuração das camadas sociais que os envolveram, possibilitando, dessa forma, uma observação mais detalhada. Dentro desse entendimento, analisar trajetórias compreende-se um passo importante para o entendimento das realizações de um determinado indivíduo, em meio à sociedade que ele está inserido, pois, para Barros (2009, p. 191), quando estudamos uma vida, não a escolhemos aleatoriamente, buscamos estudar composições que se configuram importantes para compreensão de outras questões relevantes na sociedade, ou seja, não se trata de estudar qualquer pessoa demasiadamente, mas, “[...] estuda-se através de uma vida com vistas a enxergar mais longe, mais profundo, mais densamente, de maneira mais complexa”. Ou seja, busca-se através de um estudo individual ou de grupo, possíveis respostas a questões que são necessárias para o entendimento mais amplo, seja ele social, cultural ou político.

historiadores. A partir de então há uma interação com diferentes áreas das ciências humanas. Mais detalhes consultar (HUNT, 1992).

²⁰No final da década de 1950 e nos primeiros anos de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre “a história vinda de baixo”, inclusive os atualmente clássicos estudos de George Rudé sobre as classes populares parisienses, de Albert Soboul sobre os sans-culottes parisienses, e os de E. P. Thompson sobre a classe operária inglesa (HUNT, 1992, p. 02).

Ainda, segundo Barros (2009), não existe propriamente as vidas coadjuvantes, pois todas elas desempenham um determinado papel na configuração relacional mais ampla, ou seja,

[...] Quando se estuda o indivíduo, estuda-se a sua comunidade, a sua localidade, ou, conceitualmente falando, a sua configuração social, mesmo que se tenha escolhido o caminho metodológico de acompanhar uma trajetória individual, neste caso, necessariamente imbricada e inter-relacionada com outras trajetórias (BARROS, 2009, p. 192).

Podemos entender, então, que, ninguém se configura sozinho, e que uma observação, a partir da conjuntura social na qual o indivíduo está inserido, faz necessário para compreensão de um todo. Para isso, Medeiros (2005), afirma que só é possível decifrar o que um indivíduo pensa a partir da materialidade, isto é, pelos vestígios que deixou, sejam eles: escritos, discursos, conferências. Sendo assim, a relação autor/obra altera-se, pois, o que interessa é o ponto da trajetória em que determinada obra, discurso ou conferência foi produzida. Isto implica proceder à leitura da produção cultural do referido intelectual pesquisado, de modo a interrogar acerca de quais as circunstâncias o provocaram a publicar, ou expressar suas ideias, em qual tradição apoiou-se, com quem dialogava, como articulou as diversas experiências e heranças teóricas e, ainda, interrogar se a produção cultural, em questão, assinala algum traço de originalidade. Entendendo-se então que ninguém se configura sozinho, Sirinelli (1996, p. 246) salientou para, não nos limitarmos apenas às trajetórias dos grandes intelectuais, mas,

[...] descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representam um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política.

Sob essa perspectiva, consideramos, então, as professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos, como “intelectuais despertadoras”, pois, a partir de suas atividades pedagógicas, transmitiram aos seus alunos valores educativos, que serviram de referência àqueles que, mesmo sem seguir a profissão de educador, visualizavam nelas um referencial de assiduidade, responsabilidade e compromisso. Para essa compreensão, partimos da análise realizada por Miceli (2001) que, em sua obra, “Intelectuais à Brasileira”, buscou demonstrar as similaridades existentes na

construção de um perfil intelectual. Segundo ele, ao analisar a formação intelectual de brasileiros, descobriu que estes se configuraram a partir de parâmetros igualitários existentes em suas vidas. Miceli elaborou um quadro analítico onde pôde demonstrar que havia semelhanças entre os intelectuais da primeira metade do século XX, fato que, segundo sua análise serviu de subsídios para a construção de um perfil intelectual desses.

A capacidade comparativa realizada por Miceli nos serviu também de base quando analisamos a construção intelectual das personagens aqui retratadas, ou seja, quando comparado os motivos pelos quais Rosália Bispo dos Santos, juntamente com sua família, migraram para a capital Aracaju, buscando melhores condições de vida e uma educação de qualidade. Podemos encontrar os mesmos motivos pelos quais Carmelita Pinto Fontes também migrou com sua família para a capital, embora a perda do pai de Carmelita tenha proporcionado uma estruturação diferenciada, o fator “educação”, pode ser entendido como o principal condutor da vinda de ambas para a capital naquele momento.

Outro fator relacionado às duas professoras está ligado às relações sociais estabelecidas por elas, e/ou em torno delas. Fato que nos possibilita analisá-los sob a ótica de Sirinelli (1996), pois, para ele, essas relações são entendidas como “redes de sociabilidades”. E essas *redes* que as interligavam estavam movidas por ligações culturais, religiosas e principalmente educacionais. Para Sirinelli (1996, p. 248),

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.

Embora as duas professoras fossem nitidamente diferentes em termos de personalidades, elas estavam inseridas na mesma composição social, com as mesmas aspirações e, tendo, na maioria das vezes, as mesmas aspirações profissionais. Para essa compreensão, Warde (2003) afirma que, é preciso pensar os intelectuais como coletivos que se organizam e funcionam em *redes*, mas, que, tornar-se membro de uma *rede* intelectual, não se impõe como lei sobre um indivíduo que pode decidir dela participar ou não. De outro lado, pensar intelectuais em *rede* – por oposição à imagem de um cipoal de indivíduos cujos caminhos se cruzam por força do acaso – aponta para a existência de regras de inclusão e exclusão, de pertença ou de oposição. Dessa forma,

[...], o coletivo articulado de agências e agentes de formação do intelectual. Face, a seu membro, a rede opera como o veículo de acesso a um conjunto determinado de ferramentas mentais disponíveis em um tempo e lugar; valida e legitima aquele conjunto; admitindo; dispensando ou se opondo a outros; funciona como base de apoio para investidas individuais dos seus membros; assim como opera como filtro dos novos arranjos morfológicos que as criações originais desencadeiam (WARDE, 2003, p. 150 *apud* MEDEIROS, 2005, p. 19)

Pensando então dessa forma, podemos compreender a construção intelectual de Carmelita e Rosália a partir de suas relações estabelecidas por ligações de afinidades, ou não, pois, as desavenças também se configuram importantes para obtenção de uma análise mais ampla. E, para isso, buscamos analisar sob a ótica do *campo* de Bourdieu (2004), pois, segundo ele, o campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações, que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. O que significa dizer que.

Todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

Pensando assim, compreender as relações sociais que as envolveram a partir das disputas existentes nos ambientes em que atuaram, se configura tão necessário quanto compreender como cada uma delas construíram suas carreiras. Para isso, é preciso compreender a trajetória de cada professora, que segundo Le Goff (2010, p. 20), não se configura uma tarefa fácil, pelo contrário, “a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”, porém há sempre a possibilidade de um novo olhar sobre determinado momento, ou sobre uma personagem que muitas vezes nos passa despercebida, mas, quando analisada num contexto social, passa a compor um leque de informações que completam outras tantas necessárias. O que, para Sirinelli (1996, p. 232), significa que “a história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias políticas, sociais e cultural”.

Dentro dessa perspectiva, Levi (2006, p. 168), afirma que “a biografia constitui, na verdade, o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura, se transmitem à historiografia”. Sendo assim, essa pesquisa buscou dar voz às histórias vividas por essas mulheres, professoras, que construíram suas trajetórias numa sociedade marcada por transformações econômicas,

sociais e, principalmente, educacionais. As histórias de vidas permitem captar o modo como cada pessoas, permanecendo ela própria, se transforma, só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoas mobiliza os seus conhecimentos, seus valores, suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. Segundo Nóvoa (2001, p. 116-117), “numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as transferências de preocupações e de interesses, [...]”.

Já Bourdieu (2006) afirma que não podemos entender uma trajetória de vida como uma construção a priori, como algo que foi maquinado com antecedência por quem percorreu, mas, sobretudo, como resultado de análise a posteriori. Para Pesavento (2005, p. 16-43), “tudo que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra, tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas”. Já Souza (2007, p. 18), explica que, “o cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos, e que falamos, e pelas formas como contamos as histórias vividas”. Segundo ele,

[...] a crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos (SOUZA, 2007, p. 18).

Assim, a biografia permite compreender mudanças sociais vividas ou não, pelas personagens analisadas, e que, se tratando de pesquisas que envolvem a educação, essa análise se torna ainda mais completa, uma vez que a escola dificilmente dissocia-se dos fatos ocorridos, sejam eles, políticos, culturais ou econômicos. Dessa forma, buscando ampliar meu entendimento acerca de trajetórias de intelectuais relacionados com a educação, busquei leituras que trataram desse tema, a fim de compreender melhor meu objeto. Na busca da conjuntura social e educacional do período vivido pelas personagens, aqui retratadas, utilizei da pesquisa de Souza (2003), denominada “Nunes Mendonça: um Escolanovista Sergipano”, uma figura envolvida com a política e com as ações educacionais, que, através do ideário escolanovista, buscou implantar em Sergipe uma proposta educativa que não condizia com a conjuntura social da época. Para essa análise, a autora buscou traçar um perfil de atuação de Nunes Mendonça, em diferentes momentos e espaços, buscando compreender seu posicionamento político-pedagógico durante a década de 50 do século passado.

Assim, com a leitura da pesquisa de Souza (2003), pude compreender quais as principais questões educacionais estavam sendo discutidas na época que as professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos estavam construindo seus perfis educacionais, ou seja, ao analisar o ambiente educacional vivenciado por Nunes Mendonça, pude visualizar sob quais critérios sociais e ideológicos as personalidades dessas professoras estavam sendo construídas. E para isso, Souza (2007, p. 18) afirma que “as biografias educativas permitem, também, adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações ensino aprendizagem [...]”.

Além desta, também me serviu de auxílio na busca por compreender o personagem Dom Luciano Duarte, destaquei a pesquisa de Lima (2009), que buscou salientar as contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte para o ensino superior em Sergipe, especificando sua atuação frente à FCFS e à Universidade Federal de Sergipe/UFS, além de mostrar sua capacidade de articulação em meio às organizações educacionais. Na sequência da amplitude do meu olhar, acerca de trajetórias de intelectuais, temos Silveira (2008), que reconstruiu historicamente a trajetória do médico e professor João Cardoso Nascimento Júnior, especificadamente entre os anos de 1945 a 1983. Nessa pesquisa, a autora buscou narrar cronologicamente a história desse intelectual, destacando os acontecimentos desde o seu nascimento até sua morte, e, sobretudo, sua atuação em diversas áreas, como, saúde e educação, destacando ainda suas ações como médico puericultor do Departamento Nacional da Criança/DNC, além, de seu desempenho, como professor catedrático da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Medicina, e também como primeiro reitor da Universidade Federal de Sergipe.

Busquei também ler trajetórias de intelectuais femininas na educação, a exemplo de Melnikoff (2014), que analisou a trajetória de Núbia Nascimento Marques, a qual fez parte da mesma conjuntura social que Carmelita Pinto Fontes, pois as duas eram amigas e parceiras na escrita. Nesta pesquisa, a autora buscou salientar as contribuições da referida docente sergipana, destacando a mulher intelectual, escritora, professora, poetisa e sua atuação como pioneira na Academia Sergipana de Letras/ASL. Na busca por pesquisas que servissem para ampliar meu olhar acerca de trajetórias encontrei no banco de dados da CAPES, a pesquisa de Rodrigues (2011), que analisou a trajetória acadêmica de uma professora negra em Belém/Pará, adentrando em questões

subjetivas como, a luta traçada pelos negros para conquistar seus espaços, além disso, a autora buscou discutir como os estudos desenvolvidos por intelectuais negros, repercutem na luta contra a discriminação racial no Brasil. Embora essa questão não seja o foco do meu trabalho, a pesquisa em destaque serviu como aporte metodológico e de estruturação.

Além desses, busquei compreender a constituição da sociedade que se formara no período áureo das atuações de ambas, pois, segundo Le Goff (2010, p. 22).

O historiador deve ser capaz, em função da familiaridade com as fontes e com o tempo em que vive sua personagem, de pôr, nos próprios documentos, graças a uma desmontagem apropriada, “efeitos do real” com a verdade das quais, se possa, chegar a conclusões. Ou, mais simplesmente, de destrinchar esses documentos para fazer com que neles apareça o que introduz uma convicção razoável de verdade histórica.

É preciso, portanto, analisar os diferentes documentos, buscando, assim, uma compreensão dos fatos o mais próximo possível, além disso, o auxílio da História Oral, foi estritamente importante, pois, segundo Alberti (2011), ela está evidentemente relacionada ao fato de permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais, ou seja, a partir da oralidade, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de histórias dentro da história que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a hierarquia de significações historiográficas.

Ainda sobre a História Oral, Thompson (1992) afirma que, é uma história construída em torno de pessoas, pois ela busca lançar a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação, admitindo heróis vindos não só dentre os líderes, mas também dentre a maioria desconhecida do povo, estimulando professores e alunos, a se tornarem companheiros de trabalho, trazendo a história para dentro da comunidade, e, extraíndo a história de dentro da própria comunidade. Para Thompson (1992, p. 197) “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade, descolar as camadas de memória, [...], nas expectativas de atingir a verdade oculta”.

Pensando a partir dessa compreensão, a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Ou, “entrevista piloto” – um levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto local, pode ser uma etapa muito

útil, ou seja, procura-se conhecer os entrevistados previamente antes de iniciar propriamente as entrevistas. Foi apoiada nessa constante, que essa pesquisa buscou realizar as entrevistas com as personagens aqui retratadas, seguidas de forma aberta, deixando-as livres para que suas memórias as guiassem, pois, segundo Thompson (1992, p. 258), “o objetivo de uma entrevista deve ser revelar as fontes dos vies, fundamentais para a compreensão social, [...]”. Após as entrevistas, foi necessário buscar documentos que evidenciassem os fatos por elas narrados. Tão necessário ao conhecimento dos fatos ocorridos temos a memória que, segundo Le Goff (2003, p. 469-470),

[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, [...] a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Já Alberti (2011, p. 167) afirma que,

[...] a memória é essencial a um grupo, pois, está atrelada à construção de sua identidade. A memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade.

Nessa compreensão, o entrevistado organiza o que vai ser lembrado, cabendo ao historiador cruzar os dados coletados com os documentos referentes às memórias. Numa construção de garimpagem documental e de cruzamento de dados. “[...] deve-se ter em mente também outras fontes – primárias e secundárias, orais, textuais, iconográficas etc. – sobre o assunto estudado” (ALBERTI, 2011, p. 187). Já Souza (2007) evidencia que a memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências, tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

Ainda segundo Souza (2007), a memória escreve-se como uma construção social e coletiva, vinculando-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. A relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e o não dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marcando dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que

constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas. O não dito vincula-se, às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou de uma experiência.

Assim, a pesquisa aqui proposta, analisou dados pessoais, como nascimento, família, formação inicial, na tentativa de situar o leitor quanto a formação intelectual dessas professoras, para isso, um fato relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa destaca-se, por serem duas mulheres, que construíram suas trajetórias intelectuais, numa sociedade ainda marcada pela figura masculina, mas, que buscaram ultrapassar barreiras sociais para alcançarem seus objetivos. Embora nosso foco não tenha sido exclusivamente uma pesquisa de gênero, vale considerar que a questão feminina é relevante para uma melhor compreensão do objeto aqui proposto.

Essa análise amplia consideravelmente quando observamos a constituição feminina na área educacional no Brasil²¹. Essas, só passaram a ter espaços na educação a partir das Escolas Normais²², nascidas a princípio para o sexo masculino, mas que, no entanto, aos poucos, essa condição foi sendo alterada, algo que a historiografia denominou de feminização do magistério²³. Esse fato, esteve provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização, algo que, ampliou consideravelmente as oportunidades de trabalhos para os homens, o que possibilitou que as mulheres fossem monopolizando o magistério primário ante a falta de interesse pelo curso normal demonstrado pelos homens, assim,

[...] ia decrescendo o número de professores masculinos, que já haviam sido a totalidade, até desaparecerem sem que tivesse havido qualquer lei coercitiva. Os baixos salários foram desestimulando o homem da regência das escolas primárias e da frequência à Escola Normal [...] (NUNES, 1984, p. 180).

A educação era caracterizada como a primeira porta de acesso à liberdade feminina, pois, ela garantia uma oportunidade de socialização em espaços que antes estavam restritos aos homens. Para Freitas (2003, p. 37), “as escolas normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela

²¹Essa concepção de educação às mulheres inicia-se em fins do século XIX com um grande movimento em prol da educação feminina. Inicia-se também uma grande dúvida, educá-las ou não. Proclamada a independência, surge então a necessidade de construir uma imagem de país que afastava seu caráter marcadamente colonial, atrasado, inculto e primitivo. Mais detalhes consultar (LOURO, 2013, p. 443).

²²Nascidas no Brasil, a partir de 1830, nas províncias de Niterói (1835), Bahia (1836), Ceará (1845), São Paulo (1846), Pará (1839), Sergipe (1870) e Goiás (1882) (FREITAS, 2003).

²³Mais detalhes consultar (LOURO, 2013).

profissionalização de um grande número de mulheres”. Era a oportunidade que essas tinham de sair de casa, e ainda exercer uma profissão que lhes garantisse respeito e prestígio. No entanto, segundo Louro (2003, p. 453) devemos levar em consideração que “a profissão de professora era defendida por muitos, como uma profissão de solteiras, pois a mulher, estava endereçada à carreira de mãe e esposa devotada, sua profissionalização não deveria chocar com sua feminilidade”. Dessa forma, Louro (2013, p. 453) afirma que,

[...] dentro desse quadro se construiu para a mulher, uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe.

Mesmo com todas essas especificidades, muitas mulheres burlavam essas regras e buscavam sua profissionalização, independente das normas estabelecidas socialmente. Como exemplo, a sociedade sergipana vinha se modificando, aumentando a participação da mulher na vida social, embora de forma ainda tímida. Segundo Nunes (1984), isso podia ser observado a partir da criação do Clube Esportivo Feminino de Aracaju, em 1919, um estabelecimento que buscava inserir a mulher no reduto social através das festividades, tentando modificar os hábitos existentes, trazendo as jovens para as competições públicas. Em relação à educação, a escola normal era a principal porta de entrada para a profissionalização feminina, esta, que passou à denominação de “Escola Normal Rui Barbosa” em 1923, em homenagem póstuma à memória do sábio precursor da reforma do ensino, também funcionava como passaporte para a independência feminina, denotando prestígio social e independência financeira (NUNES, 1984, p. 249).

Segundo Louro (2013), durante muito tempo se associou a imagem da mulher como sendo doce, frágil, paciente, minuciosa, afetiva, características que por sua vez foram se articulando à tradição religiosa de que a atividade docente, deveria ser entendida como um sacerdócio e não como uma profissão, fato que justificou-se por muito tempo os salários baixos referentes às professoras. As escolas normais seriam o principal meio de inserção social, garantindo às mulheres uma representação cultural, o que para Bourdieu (2013, p. 221) significa que,

[...] a escola não cumpre apenas a função de consagrar a ‘distinção’ – no sentido duplo do termo – das classes cultivadas. A cultura que ela transmite separa os que a recebem do restante da sociedade mediante um conjunto de diferenças sistemáticas: aqueles que possuem como

‘cultura’ (no sentido dos etnólogos) a cultura erudita, veiculada pela escola, dispõem de um sistema de categorias de percepção, de linguagem, de pensamento e de apreciação, que os distingue daqueles que só tiveram acesso à aprendizagem veiculada pelas obrigações de um ofício ou a que lhes foi transmitida pelos contatos sociais com seus semelhantes.

É dentro dessa concepção estrutural da formação social educacional do Brasil do século XX que Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos construíram suas trajetórias intelectuais. Portanto, analisá-las, amplia a possibilidade de estudos na área biográfica, destacando personagens femininos e alargando o campo da História da Educação. Durante o processo de construção, algumas questões foram elaboradas de modo que possibilitou a realização desta pesquisa, são elas: como as professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos conduziram suas atividades educacionais? Quais as principais medidas adotadas por elas em suas gestões? Quais as dificuldades enfrentadas? O que foi mantido? E o que foi alterado? Como duas mulheres se tornaram importantes para a base educacional de uma sociedade ainda marcada pela figura masculina?

Em busca de respostas para essas questões, foi necessário um trabalho de separação e análise das fontes encontradas. Essas fontes foram localizadas em acervos de estabelecimentos por elas geridos, a exemplo do Arquivo do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe²⁴, onde localizamos as Atas das primeiras reuniões de professores, Registros de Autorização de Funcionamento do GA, Inscrições de Alunos para realização das primeiras provas de admissão, Declaração de Idoneidade dos primeiros professores do GA, assim como do diretor o padre Luciano Duarte, O Regimento Interno do GA, entre outros. Além desses, a coleta seguiu também no Arquivo do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte/IDLD, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense/CEMAS, Arquivo do Instituto Educacional Rui Barbosa/IERB, Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE, Arquivo da Academia Sergipana de Letras/ASL, e Arquivo pessoal das professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos.

²⁴O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, fundado como Ginásio de Aplicação em 30 de junho de 1959 pela Sociedade Sergipana de Cultura, foi incorporado à Fundação Universidade Federal de Sergipe através do Decreto-Lei nº 269 de 28 de fevereiro de 1967, passando a Órgão Suplementar vinculado diretamente à Reitoria, em estreita articulação com o Centro de Educação e Departamentos, de acordo com a resolução 07/79/CONSU. **REGIMENTO INTERNO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO**. 17/06/1982.

Assim, para uma melhor compreensão, esta dissertação encontra-se dividida em três sessões. No primeiro destacamos a Introdução entendida aqui como a primeira sessão, onde trabalhamos com os caminhos teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa, além de destacar dados pessoais e familiares buscando situar o leitor acerca das personagens aqui analisadas.

No segundo momento, intitulado de “Construindo uma Carreira: Possibilidades e Perspectivas Profissionais”, onde destacamos a construção de um perfil educador, além de salientar a fundação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, com destaque para as ações pedagógicas de cada uma, frente a administração desse estabelecimento. Os cursos de aperfeiçoamento feitos por elas para assumir a gestão do GA. Buscando demonstrar a presença do padre Luciano Duarte como mediador da profissionalização das duas professoras, e o responsável direto pela fundação do GA, espaço onde as duas iniciaram suas gestões administrativas.

No terceiro momento, denominado de “Desafios do Trajeto: Recomeços, Aprendizados e Realizações”, nesta buscamos analisar a saída da professora Rosália Bispo dos santos do GA, e sua gestão no Colégio Estadual de Sergipe (Colégio Atheneu). Destacamos ainda as viagens realizadas tanto por Carmelita Pinto Fontes à Portugal e ao Chile, como da professora Rosália à França. Relatamos ainda, a posse da professora Carmelita na Academia Sergipana de Letras e a Fundação da Universidade Federal de Sergipe.

2- CONSTRUINDO UMA CARREIRA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.

Nessa sessão, o objetivo é compreender como as professoras Rosália Bispo dos Santos e Carmelita Pinto Fontes construíram suas carreiras profissionais, e iniciaram suas atividades administrativas em estabelecimentos importantes na sociedade de suas época. Segundo Gonçalves (2003) a construção profissional, ou acadêmica dos professores, desenvolve-se por referência a duas dimensões complementares: a individual, ou a coletiva, construída do seu *eu*, elaborado a nível consciente e inconsciente, e, a grupal, ou coletiva, construída sobre as representações do campo escolar, influenciando e determinando àquelas. Para essa compreensão, seguiremos analisando dados pessoais e profissionais, além de sociais, a fim de completar informações importantes para a concretização desta. Cabe salientar que a educação vinha passando por transformações desde o início da década de 1930, mais precisamente em 1932, com o movimento da Escola Nova²⁵, iniciado a partir do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, encabeçado por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, entre outros, que vinha buscando ditar o que seriam as novas regras do sistema educacional brasileiro.

O processo que desencadeou na Escola Nova, foi uma reinvenção do espaço escolar e social, cuja direção se fez no sentido de empurrar a escola para fora de si mesma, ampliando sua área de influência na cidade; atravessando o espelho da cultura europeia e norte-americana para elaborar um conhecimento instrumental sobre a realidade e a educação brasileira; retirando o problema da educação do governo, da tutela da Igreja e do Estado; construir representações sobre a escola e a sociedade criando saberes e definindo prioridades; lutar contra os “destinos escolares”, procurando quebrar as barreiras hierárquicas impostas por uma rígida divisão social, o que criou conflitos em vários níveis (NUNES, 2000).

Em Sergipe, o processo não foi diferente. O cenário educacional se modificara com a nova política nacional formulada com a instalação do Governo

²⁵Entendida como uma reação categórica, intencional, e sistemática contra a velha estrutura do serviço educacional, artificial e verbalista, montada por uma concepção vencida. A Escola Nova procurava condensar as aspirações do momento e adaptar a educação às transformações estruturais que se processavam no Brasil. Mais detalhes consultar (NUNES, 1984).

Provisório, decorrente do triunfo da Revolução de 1930. Entre os órgãos administrativos surgidos para a execução do programa revolucionário, destacava-se o Ministério da Educação e Saúde, criado por decreto de 14 de novembro de 1930. Teve como primeiro ocupante o Dr. Francisco Campos, que, ao tomar posse, anunciava novas perspectivas, ao enfatizar que educar o Brasil, tornava-se, assim o primeiro dever de uma revolução que se faz para libertar os brasileiros (NUNES, 1984).

Para Romanelli (1996, p. 131),

[...] sua ação se fez sentir logo, através dos atos de seu ministério, entre os decretos destacamos; Decreto nº 19.850 de 11 de abril de 1931 que criou a Conselho Nacional de Educação, Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização do Ensino Secundário e o Decreto nº 21.241 de 14 de abril de 1932, que consolida as disposições sobre a organização do Ensino Secundário. Era a primeira vez que uma reforma atingia profundamente a estrutura do ensino e, o que é importante, era pela primeira vez imposta a todo o território nacional.

Assim, a reforma Francisco Campos teve o mérito de dar organicidade ao ensino secundário, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no ensino superior. Além disso, equiparou todos os colégios secundários oficiais ao Colégio Pedro II, mediante a inspeção federal e deu a mesma oportunidade às escolas particulares que se organizassem, segundo o decreto, e se submetessem à mesma inspeção. Estabeleceu normas para a admissão do corpo docente e seu registro junto ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Estabeleceu também as normas para a realização da inspeção federal, criou a carreira do inspetor e organizou a estrutura do sistema de inspeção e equiparação de escolas (ROMANELLI, 1996).

Para Nunes (2000), o mais importante sobre a Reforma de Instrução Pública, é que ela criou a possibilidade de estruturar um campo de identificação dos educadores e isso só foi possível mediante interferências que atingiram a organização simbólica da cidade, montando novas representações, do urbano e do papel dos profissionais da educação dentro desse novo espaço. Sobre o ensino normal, Soares (2004) destaca que, até 1946 era regulamentado pelas legislações estaduais, com a

reforma Gustavo Capanema²⁶, passou a ser regido a nível nacional, com a Lei Orgânica legalizada pelo Decreto-Lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946. Após a implantação da Nova República, com a queda de Vargas em 1945, esta lei delegava à Nação o poder de estabelecer as diretrizes do ensino e fixar as normas para a implantação em todo o território nacional, cabendo aos Estados articular as medidas administrativas exequíveis ao plano federal. Daí, o curso Normal ficou subdividido em cursos de dois níveis. O primeiro para formação de regentes, com duração de quatro anos, funcionando nas escolas regionais; e o de segundo ciclo, com duração de três anos, formando os professores primários, funcionando nas Escolas Normais.

Aqui em Sergipe, Freitas (2003) destaca que, após a instituição da Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946, a qual passou a estabelecer que o curso da Escola Normal, teria a duração de três anos. Determinou-se também que os Institutos de Educação que deveriam oferecer jardim de infância e escola primária em anexo e os cursos de especialização de professores primários e habilitação de administradores escolares. Dentro dessas propostas, os professores deveriam participar de cursos de Aperfeiçoamento, para então seguir suas atividades educacionais. Rosália havia terminado o curso normal em 1941 e, após o término, foi nomeada para o interior do Estado, para um povoado denominado de Marcação, no município de Rosário do Catete.

Ainda me lembro, como se fosse hoje, os alunos perplexos diante da jovem professora, as pessoas me receberam muito bem. Quando eu terminei o curso, o diretor Dr. José Rolemberg Leite me chamou e perguntou: “você quer ficar aqui interinamente, (ficar aqui chamava interina, como se fosse contrato) ou vai para o interior”? Se você for para o interior você vai nomeada. Eu como sempre fui viva e nunca tive medo de nada, fui nomeada professora primária, foi meu primeiro trabalho na área do ensino. Fui nomeada e comecei minha vida profissional e o que eu fazia realmente era da minha maneira de ser, era muito dura com os meus alunos, mas também muito justa e muito querida, eu completei 18 anos de idade lá, nesse povoado²⁷.

²⁶Gustavo Capanema nasceu em Pitangui (Minas Gerais), em 1900, e faleceu em 1985. Foi vereador em sua terra natal (1926-1930); interventor no governo de Minas Gerais (1933); Ministro da Educação por 11 anos, de 1934 a 1945, também, criador do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP (1938), um dos fundadores do Partido Social Democrático – PSD (1945); deputado federal por seis legislaturas de 1946 a 1970; senador pela Arena – Aliança Renovadora Nacional, partido de apoio ao governo criado pela ditadura militar em 1965, ao lado do MDB – Movimento Democrático Brasileiro, ao qual caberia fazer uma oposição consentida a partir de 1971 (PILETTI, 2013).

²⁷Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

Após sua formatura, houve a tão desejada nomeação, e para isso, acontecia a partir da “Lei dos Acessos²⁸”. Segundo essa “lei”, as normalistas deveriam passar em média três anos atuando no interior para, somente depois, serem transferidas para a capital. Às vezes, ocorriam casos “excepcionais”, e, por influências políticas, algumas normalistas atuavam diretamente na capital. Já Rosália, apesar de seu pai ser funcionário público da prefeitura municipal, não tinha nenhuma influência política que lhe garantisse privilégios. A fotografia abaixo representa um dos momentos mais esperado por Rosália e sua família, a tão sonhada formatura como normalista, um momento de consagração não só para ela como para suas colegas. Ao analisar a fotografia observamos os professores sentados acompanhados de algumas alunas, seguidos de alunas em pé, Rosália encontra-se na terceira fila da direita para a esquerda sendo a terceira aluna. Infelizmente não foi possível identificar as demais alunas, pois a professora não grafou os nomes das colegas na fotografia.

Fotografia 03. Turma de Normalistas de 1941.



Fonte: acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos.

²⁸De acordo com a “lei dos acessos”, depois de formada, a normalista deveria iniciar a carreira no interior. Primeiramente em uma escola de primeira entrância, situada em um povoado. Passaria depois a lecionar em uma vila considerada segunda entrância. Em seguida, para a terceira entrância, uma escola situada na cidade. Após sucessivas promoções, poderia lecionar na capital. (FREITAS, 2003).

Sobre essas ‘ingerências’ por parte do Estado com a educação, Nunes Mendonça achava que a escola era afetada pelo uso da administração educacional de acordo com os interesses pessoais e de grupos. [...] Ele defendia a necessidade de “destruir” esse tipo de ação que influenciava na localização da escola, na construção do prédio e no recrutamento do professor primário (SOUZA, 2003). Em 1946, com 14 anos, Carmelita e sua irmã com 15, foram estudar na Escola Normal. Nesse ano, Rosália havia retornado para fazer um curso de Aperfeiçoamento para Professores do Interior com duração de um ano, estruturado e dirigido pelo professor Acrísio Cruz²⁹. Esse curso funcionava na Escola Normal, segundo a professora Rosália, através desse, além de adquirir novos conhecimentos, poderia possibilitar o seu retorno à capital do Estado, algo possível para muitas professoras que aproveitavam essa chance para, além de se profissionalizarem, garantir o retorno ao convívio de seus entes queridos. De acordo com entrevistas de ex-normalistas da mesma época que Rosália, esse curso representava uma oportunidade de profissionalização e garantia de trabalhos em estabelecimentos educacionais da capital.

O curso de aperfeiçoamento era para preparar, ou renovar, ou aperfeiçoar, como tinha o curso... Eu fiz em 1940... Eu fiz o curso de aperfeiçoamento... Para fazermos o curso de aperfeiçoamento, teríamos que fazer uma espécie de admissão, oral, nós já tínhamos o curso normal, mas para chegarmos a esse curso de aperfeiçoamento teríamos que nos submeter a exames, quer dizer, exames com currículo não estranho, mas atualizado... Quer dizer, avançado, então eu me submeti, eu fiz. [...] Nesse tempo, ficamos com o professor Acrísio Cruz em português, e o professor José Cardoso em matemática e álgebra, [...]. (Ex-aluna Diana, *apud* FREITAS, 2003).

Rosália aproveitou a oportunidade para se aperfeiçoar e durante o curso houve a visita de uma equipe do Rio de Janeiro, pertencentes à Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil³⁰, que ministrou algumas palestras.

²⁹Acrísio Cruz, filho de Manoel Antônio da Cruz e de Maria Leopoldina da Cruz, nasceu em Laranjeiras/SE, em 31 de outubro de 1906. Estudou na Escola Laranjeirense da professora Eufrozina Amélia Guimarães ou simplesmente Zizinha Guimarães. Aos 25 anos de idade assumiu a direção do Grupo Escolar General Siqueira. Professor de Língua Portuguesa, Psicólogo Infantil, Pedagogo, em (1941) assumiu o cargo de Assistente Técnico Geral do Departamento de Educação até 1942. Técnico em Educação (1943), e por cinco vezes o cargo de Diretor do Departamento de Educação, entre os anos de (1944-1950). Diretor da Instrução Pública no governo de José Rollemberg Leite. Deputado Estadual em 1950. Após o golpe civil-militar de 1964, foi afastado, falecendo em setembro de 1969 (BERGER, 2011).

³⁰“A Escola Nacional de Educação Física e Desportos” foi criada em 1939, por solicitação do Ministro da Educação Gustavo Capanema, na Universidade do Brasil, com a participação ativa dos militares na

Durante o curso de Aperfeiçoamento, uma equipe do Rio de Janeiro ministrou algumas palestras, e um professor me olhou e disse que eu era muito alta e tinha um porte atlético, perguntou se eu não queria fazer um curso de nível superior para ser professora de Ginástica no Rio, procurou também o Dr. Acrísio Cruz, e sugeriu que o governo me mandasse fazer esse curso de Educação Física, eu disse que sim, sempre gostei de estudar. Mas para ir ao Rio fazer o curso, tinha que tirar boas notas, eu fiquei em primeiro lugar e consegui ir fazer o curso³¹.

Após o término, Rosália obteve boas notas e foi selecionada para fazer um curso, foi contemplada com uma bolsa de estudos com duração de um ano no Rio de Janeiro. Era um curso superior de Educação Física e, ao retornar em 1948, Rosália assumiu a cadeira de Educação Física do Instituto de Educação Rui Barbosa, ficando agora longe de ser enviada ao interior. Conforme dito anteriormente, foi naquele momento que Carmelita, na condição de aluna em seu último ano, conheceu a professora Rosália. Na fotografia abaixo, a professora Carmelita ao lado da professora de Ginástica Elodi, (de blusa branca) que dividia as turmas com a professora Rosália.

Fotografia 04: Carmelita Pinto Fontes em aula de Ginástica.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

organização e na direção, procurando orientá-la de acordo com o modelo da Escola de Educação Física do Exército (HORTA, 1994, p. 72)

³¹Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

Após terminar o curso ginasial na Escola Normal, com 17 anos, passou então a fazer o curso secundário no Colégio Estadual de Sergipe, buscando preparação para fazer o vestibular. Ao terminar, lançou-se a sonhos mais altos.

A partir daí, em 1953³², houve a oportunidade de fazer o vestibular em São Paulo, fui, fiz e fiquei aguardando ser chamada, como estava demorando, retornei a Sergipe. Quando cheguei fui a Faculdade Católica de Filosofia, me inscrever para o vestibular, para não ficar parada, mas as matrículas já haviam sido encerradas, foi então que Dom Luciano me viu, e me perguntou: porque que você está triste? Eu expliquei, e ele fez minha inscrição mesmo assim, acho que não há nada de mal, ele não fez nenhum mal a ninguém, eu queria estudar, e ele me deu uma oportunidade. Fiz o vestibular, passei e fui estudar na turma de 1954, fiz Letras Neolatinas. Formei-me em 29 de março de 1957³³.

Embora a professora Carmelita soubesse de quem se tratava, pois participava das missas, juntamente com sua mãe, ela não tinha amizade com o padre Luciano Duarte, foi somente a partir daquele momento, e na sequência das aulas na FCFS, que ambos iniciaram uma amizade e parceria nas atividades educacionais. Já Rosália precisava garantir sua estabilidade e, para isso, lecionava ao mesmo tempo em outros estabelecimentos educacionais, a exemplo do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, do Colégio Patrocínio São José, do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus e do Colégio Jackson de Figueiredo, como podemos observar na fotografia abaixo.

³²Embora a entrevistada não confirme, mas, ao analisar as datas podemos perceber que houve um período de dois anos sem que essa, estivesse envolvida com atividades educacionais, porém ela afirma que nunca ficou nenhum ano sem estudar. Em anexo quadro relativo às datas de participações em cursos, e empregos.

³³Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

Fotografia 05. Rosália Bispo dos Santos no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus em 1949.



Fonte: acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos

Para mim era uma realização, estava ministrando aula na capital, perto de minha família, estava começando a construir minha carreira de professora³⁴. Ainda em 1952, Rosália passou a fazer parte do corpo docente da FCFS, na primeira turma de Letras Neolatinas. A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe já havia iniciado suas atividades um ano antes, porém o curso de Letras Neolatinas só passou a funcionar em 1952.

Eu estava no ponto de ônibus, indo para casa, quando o padre Luciano veio em minha direção de bicicleta, parou e me perguntou: você tem curso superior? Eu disse que tinha um curso de Educação Física, e ele me disse: você não quer fazer um curso em Letras, não? Eu disse que queria, e fui. Foi muito bom, ele estava buscando alunos para a Faculdade recém-criada, eu aceitei e fui. Formei-me³⁵.

Essa passagem retratada por Rosália configura o primeiro momento de uma amizade, entre ela e o padre Luciano Duarte, embora não fosse uma figura

³⁴Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

³⁵Idem, 12 de agosto de 2014.

desconhecida, pois, Rosália, assim como Carmelita também frequentava as missas juntamente com sua mãe, eles não tinham amizade, foi somente a partir daquele momento e das aulas na FCFS, que ambos mantiveram contato com frequência, e consequentemente firmaram parceria de trabalho.

2.1- Luciano José Cabral Duarte, o amigo em comum...

Fotografia 06: Luciano José Cabral Duarte, 1948.



Fonte: acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.

Luciano José Cabral Duarte nasceu em 21 de janeiro de 1925, filho de José de Góis Duarte e Célia Cabral, recebeu as primeiras noções de alfabetização em casa por sua tia materna e madrinha, Maria Cabral, carinhosamente chamada por seus sobrinhos de “tia Zizi”. Durante uma parte de sua infância morou na cidade de São

Cristóvão, dos 04 aos 08 anos, pois seu pai era telegrafista e havia sido transferido para esta cidade. Quando tinha 11 anos de idade, decidiu pela vida clerical. Em 1936, ingressou no Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus³⁶, pertencente à Diocese de Aracaju, em regime de internato, ficando neste, durante seis anos. Em 1942, com dezessete anos, seguiu para o Seminário Provincial de Olinda no Estado de Pernambuco (MORAIS, 2008).

Fotografia 07: Luciano José Cabral Duarte sendo ordenado padre.



Fonte: acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.

Em 1945, aos 20 anos de idade, Luciano Duarte partiu para o Seminário Maior de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Esse Seminário chamava-se de Seminário Central³⁷, porque tinha sido feito para atender aos Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas, era aberto para outras regiões do país. Em 04 de agosto de 1947, o seminarista Luciano Duarte recebeu a *Sacrum Sacerdotatus Ordinem*, tornando-se diácono, e em 18 de janeiro de 1948, o diácono foi ordenado padre na

³⁶O Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus foi instalado em 04 de abril de 1913, pertencente à diocese de Aracaju (MORAIS, 2008).

³⁷“O Seminário Central Nossa Senhora da Imaculada Conceição da cidade de São Leopoldo, pertencente à Província do Brasil Meridional, da Companhia de Jesus, encerrou suas atividades em 1956, transformando-se na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)” (MORAIS, 2008, p. 56).

Catedral Metropolitana de Aracaju, conforme indica a fotografia acima, nesse mesmo dia o agora padre Luciano Duarte celebrou sua primeira missa.

Eu me lembro da primeira missa do padre Luciano, eu havia retornado do Rio de Janeiro, foi um acontecimento, a Catedral ficou pequena, todos foram ver, era uma novidade, tão jovem e já ordenado padre, foi tudo muito bonito, só se falava disso em Aracaju³⁸.

O então padre Luciano Duarte foi ungido com o Sacramento da Ordem antes de completar a idade requerida pela lei canônica, assumindo a capela de São Salvador, considerado o primeiro aracajuano saído do Seminário de Aracaju a se ordenar sacerdote. Ainda em 1948, foi nomeado Diretor Espiritual do Seminário Menor de Aracaju³⁹, lecionando as disciplinas de Latim e Grego, sua primeira experiência na carreira docente. Nessa mesma época, assumiu também a função de assistente eclesiástico dos Homens da Ação Católica e da Juventude Masculina Católica, além das pregações na Igreja São Salvador, ele mantinha uma coluna ativa no Jornal “A Cruzada”, de onde foi durante aproximadamente cinco anos diretor e também colunista (MORAIS, 2008).

Em 1963, foi nomeado pelo então Secretário de Educação, Luiz Rabelo Leite, para integrar o Conselho Estadual de Educação, assumindo, também, a presidência da Câmara de Ensino Superior e a liderança dos trabalhos em prol da criação da Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUFS). Entre 1963 a 1964 o padre Luciano Duarte, juntamente com Dom José Vicente Távora foram os responsáveis pela cobertura jornalística das sessões do Concílio Vaticano II, em Roma, e em 1966, participou do Congresso Internacional de Bombaim como responsável direto pela cobertura do acontecimento, sendo o representante da Revista “O Cruzeiro”⁴⁰. Em 14 de julho de 1966, o padre Luciano Duarte foi nomeado Bispo Titular de Gadiaufala⁴¹ e Auxiliar de Aracaju, assumindo efetivamente em 02 de outubro do mesmo ano e, em 1968, o então monsenhor Luciano Duarte foi nomeado membro do Conselho Federal de Educação pelo presidente da República, atuando durante mais de quinze anos. Um ano

³⁸Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

³⁹O Seminário de Aracaju hoje se transformou em Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (MORAIS, 2008, p. 67).

⁴⁰Revista nacional ilustrada no século XX. Publicada pela empresa gráfica O Cruzeiro, era uma revista semanal iniciada em 28 de novembro de 1928 e que circulou até julho de 1975.

⁴¹Pelas regras da Igreja, um novo bispo só pode ser nomeado para uma diocese vacante. Não havendo diocese vacante no Brasil quando monsenhor Luciano foi elevado a bispo, o papa o nomeou para essa distante diocese, situada em um país africano, designando-o, porém, para exercer suas funções como bispo auxiliar de Aracaju (MORAIS, 2008, p. 320).

após o falecimento de Dom Távora, houve a nomeação de Dom Luciano como Arcebispo Metropolitano de Sergipe em 1977, realizada pelo então Papa Paulo VI (MORAIS, 2008).

Ainda em 1955, Rosália estava terminando o curso em Letras Neolatinas na FCFS, concludente da primeira turma de Licenciados em Letras Neolatinas do Estado de Sergipe por essa instituição: “Fiz parte dessa turma, tendo sido sua oradora oficial⁴²”. Na fotografia abaixo, Rosália no dia de sua formatura em 1955.

Fotografia 08: Formatura de Rosália Bispo dos Santos, 1955.



Fonte: acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos

⁴²Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

2.2- A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe...

Conforme dito anteriormente, o padre Luciano Duarte juntamente com Dom Fernando Gomes, articulou a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1950, passando para sua sede própria em 1959, na Rua Campos número 177, na cidade de Aracaju. Segundo Dantas (2004), o momento da criação da FCFS, destacava-se como de efervescência educativa, pois, nessa época, duas escolas superiores recém-criadas pelo poder público estadual abriram suas portas em Aracaju, a escola de Química, originada da Lei Estadual nº 86, de 26 de novembro de 1948, sendo autorizado a instalar o curso de Química Industrial pelo Decreto Federal nº 26.928, de 21 de julho de 1949, e a Faculdade de Ciências Econômicas, originada da Lei Estadual nº 73, de 12 de dezembro de 1948, também teve seu início em 1950, sob o comando de José Rollemberg Leite (1947-1951), além dessas, o governador esteve à frente também da implantação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, com o bispo Dom Fernando Gomes⁴³ e o padre Luciano Duarte.

Uma faculdade que pudesse resolver o problema da falta de professores no Estado, pois, os que haviam não comportavam a demanda, além disso, alguns trabalhavam em áreas que não eram necessariamente educacionais, segundo Morais (2008), a intenção em construir uma faculdade para sanar esse problema já havia sido pensada a muito tempo.

[...], essa Faculdade Católica tem a seguinte história: o governador do Estado era o Dr. José Rollemberg Leite no seu primeiro mandato. Um dia ele telefonou pra mim, queria falar comigo. Eu fui atender ao chamado e ele me disse: “Nós estamos num surto de Faculdades”. É que já tinha nascido as duas faculdades do Estado, criadas por ele, a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Química. No ano seguinte, veio a Faculdade de Direito, que, inicialmente, pertencia a um grupo de professores, e aí surgiu uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para preparar o pessoal que ia cuidar da educação. Então ele me disse: “Bem, o senhor converse com D. Fernando, e se ele estiver interessado, o apoio que o Estado deverá dar a uma entidade que surja pleiteando uma Faculdade de Filosofia, ele dará a essa Faculdade Católica”. Dom Fernando era um homem muito corajoso, aceitou a oferta, e assim surgiu a Faculdade Católica de

⁴³Dom Fernando Gomes ocupou o cargo de bispo da Diocese de Penedo (1943-1949), da Arquidiocese de Aracaju (1949-1957) e, finalmente, da Arquidiocese de Goiânia (1957-1985), onde ficou até a morte. Em Aracaju, Dom Fernando Gomes foi precedido por Dom José Thomaz da Silva e sucedido por Dom José Vicente Távora (OLIVEIRA, 2011).

Filosofia de Sergipe, em 1951. Dom Fernando me colocou à testa dessa entidade, e nós começamos a funcionar. Chegamos a ter seis cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MORAIS, 2008, p. 75-76).

Assim, a FCFS nasceu a partir da junção entre a Diocese de Aracaju na pessoa do Bispo Dom Fernando Gomes, com o apoio do governador do Estado, no qual garantia uma subvenção anual de cem mil cruzeiros (Cr\$ 100.000,0)⁴⁴. Vale destacar ainda que o primeiro espaço de formação pedagógica de nível superior no Estado de Sergipe funcionou efetivamente no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, a partir da criação do curso de Filosofia e Teologia. No entanto, essa iniciativa não objetivava formar professores, e mas sim padres para atuarem na Igreja Católica e impedir o crescimento do protestantismo e de outras religiões⁴⁵.

Dessa forma, com a interação da Arquidiocese, a FCFS não prepararia somente professores exclusivamente para a educação, mas professores sob os auspícios da doutrina cristã. Na busca pela concretização desta, o padre Luciano Duarte buscou conhecer o currículo dessa nova instituição, viajou para Recife, visando estudar o funcionamento da Faculdade de Filosofia que ali funcionava. Para uma melhor estabilidade financeira, a diocese aracajuana, sob o comando de Dom Fernando Gomes, criou a Sociedade Sergipana de Cultura/SSC em outubro de 1950, o que seria a organização mantenedora dessa Faculdade. A Sociedade Sergipana de Cultura tinha como diretor o padre Luciano Duarte, o secretário, Hélio de Souza Leão e a contadora, Áurea de Melo (Zamor). O Conselho Técnico Administrativo era formado pelo diretor e os professores, padre Euvaldo Andrade, Felte Bezerra, José Barreto Fontes, Lucio Costa Pinto, Manoel Ribeiro e Gonçalo Rollemberg Leite.

Buscando ampliar o conhecimento da sociedade em relação a uma obra desse porte, o padre Luciano Duarte, em 19 de novembro de 1950, lançou uma nota no Jornal “A Cruzada”, com as seguintes explicações,

[...] Todos sabem que está em vésperas de funcionar em Aracaju uma Faculdade de Filosofia, criada e mantida sob os auspícios da Igreja. Entretanto é possível que muita gente ainda não tenha compreendido o alcance deste fato, que vai exigir tão grandes sacrifícios. Rupturas tremendas, entre a inteligência do homem e o seu objeto, [...]. Não

⁴⁴Essa fração convertida para valores atuais corresponderia a R\$ 363,64 (trezentos e sessenta e três reais e sessenta e quatro centavos). Mais detalhes consultar [www.http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=100,000,0](http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=100,000,0). Acessado em 15 de março de 2016.

⁴⁵Mas informações consultar (BARRETO 2004).

existe uma filosofia humana e outra anti-humana. É a serviço da primeira que nos colocamos. Da filosofia “sabedoria”, norma da vida, da filosofia serena e profunda interpretação da existência que é a melhor preparação do homem para ser transfigurado em Cristo pela Igreja de Deus (A CRUZADA, 19/11/1950, nº 677).

Com esse artigo, o padre Luciano Duarte buscava, além de esclarecer a população sobre a importância de uma Faculdade de Filosofia que funcionaria sob as ordens da Igreja Católica, demonstrar também, de forma impositiva, a credibilidade dessa nova instituição, já que sua salvaguarda estava atribuída à Igreja Católica. Após as explicações acerca da nova instituição educativa, a sociedade estudantil começou então uma procura por fazer parte de tamanho acontecimento,

[...] está sendo relativamente grande o número de pessoas interessadas em cursar a Faculdade de Filosofia, no próximo ano, e que tem procurado o secretário da mesma, à cata de informações. Candidatos para todos os seis cursos já se apresentaram, notadamente para Neolatinas e Geografia e História (A CRUZADA, 26/11/1950, nº 677).

No entanto, para fazer parte desta, os candidatos deveriam apresentar, no ato da inscrição, os certificados que comprovasse a conclusão dos cursos secundários, como ginásial e colegial, ou então do curso único que funcionou até 1936, ou de outros cursos equiparados ao ginásial completo, como o curso de contador, por exemplo, ou ainda do curso normal completo de seis anos, ao mínimo, ou do ginásial e do pedagógico, o que vai equivaler ao normal completo. Além disso, era preciso ter no mínimo 18 anos de idade, ou a completar até o início do curso e, no caso dos homens, apresentar o atestado de comprovação de quitação com o serviço militar, atestado de idoneidade moral, atestado de sanidade física e mental, atestado de saúde e de vacinação antivariólica. Mesmo aguardando a autorização para o funcionamento, a direção resolveu ofertar um curso preparatório para os candidatos, de forma gratuita e lecionado pelos próprios professores da referida instituição, o preparatório teve início em 15 de janeiro de 1951, às 19hs no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, com entrada na parte nova, pela Rua Itabaianinha.

[...] Com o objetivo de prestar uma ajuda eficiente ao número bastante satisfatório de candidatos, resolveu-se organizar um pequeno curso, contando para isso com a dedicação de alguns professores, que, assim sendo, não tomarão parte dos exames. [...] As matérias mais necessárias num semelhante curso deverão ser: Latim, Francês, Matemática e Física (A CRUZADA, 14/01/1951, nº 684).

Dentre os professores envolvidos, podemos destacar o professor Paulo Machado nas disciplinas de línguas, e José Barreto Fontes nas áreas de matemática e física, além de outros professores que atuaram como auxiliar. Um fato interessante é que os professores envolvidos com o curso preparatório, não poderiam participar dos exames vestibulares, segundo uma portaria expedida pelo Ministério da Educação, sob a pena de nulidade, proibindo que os mesmos professores envolvidos no preparatório, fossem eles também, examinadores do vestibular. A direção não poderia correr esse risco, e assim o fez. A Faculdade esperava a autorização dos seguintes cursos: Filosofia, Línguas Neolatinas e Anglo-Germânicas, Geografia e História, Matemática e Pedagogia. Para custear o funcionamento da Faculdade a Sociedade Sergipana de Cultura recebeu em 03 de dezembro de 1950, do Senado Federal, um auxílio no valor de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). Esse auxílio foi conseguido através de uma emenda por parte do senador Durval Cruz.

Após muita espera, em 28 de fevereiro de 1951 saiu o decreto sob o número 29.311 que autorizava o funcionamento da Faculdade de Filosofia, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas e o Ministro da Educação e Saúde Pública Simões Filho. O decreto autorizava o funcionamento dos seguintes cursos: Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Matemática⁴⁶. Mesmo recebendo autorização para o funcionamento de cinco cursos, as dificuldades financeiras, apesar do auxílio financeiro recebido do governador do Estado, obrigaram a abertura de inscrições apenas para três cursos, Filosofia, Matemática, Geografia e História, que na época era apenas um curso. Após autorização, a divisão do Ensino Superior, na pessoa do Dr. Jurandi Lodi, secretário de educação, abriu um calendário especial para o funcionamento da Faculdade, e designou o Inspetor da Faculdade de Direito de Sergipe, A. Temporal, para responder pelo expediente da Faculdade de Filosofia. O curso de Letras Neolatinas só passou a funcionar no ano seguinte, em 1952, ano que Rosália Bispo dos Santos passou a integrar o corpo discente da FCFS.

Fui aluna do padre Luciano Duarte, ele ministrava Latim e Francês. Eram aulas maravilhosas. Foi o segundo professor que me despertou, e, como uma boa aluna, pois, eu sempre me sentei na frente, acredito que a gente se concentra mais, assim, ele me chamou para lecionar na

⁴⁶Mais detalhes consultar (SOUZA, 2015).

FCFS e também para ser a primeira diretora do GA. Organizamos tudo⁴⁷.

Fiz parte da primeira turma de licenciados em Letras Neolatinas de Sergipe, me formei em 1955 na mesma turma que Rosália Bispo dos Santos. Aliás, ela foi minha professora de Educação Física no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e depois nos tornamos colegas de turma na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, e hoje somos amigas. Durante as aulas na FCFS era tudo muito bom, tivemos aulas de Filosofia e Latim com ele, eram aulas maravilhosas, o padre Luciano Duarte tinha uma didática extraordinária, eram aulas completas, você se sentia vivenciando os acontecimentos, não eram aulas somente das disciplinas, eram aulas de vida⁴⁸.

Através da fala das professoras Rosália e de Maria Hermínia Caldas, podemos perceber o reconhecimento ao trabalho realizado pelo padre Luciano Duarte. Rosália revela o agradecimento por ter sido ela escolhida entre tantos a participar da organização e criação do GA, mas, também o prazer em ter sido aluna do padre Luciano Duarte, prazer esse compartilhado pela professora Hermínia, que fez questão de destacar a didática que o padre possuía, pois, segundo ela, eram “aulas de vida”, além disso, a satisfação que ambas demonstram em terem participado da primeira turma da FCFS, em fazer parte de um projeto inovador para Sergipe, voltado exclusivamente para a profissionalização de professores. Antes do processo seletivo, a Congregação da FCFS se reuniu para esclarecimentos e orientações acerca do funcionamento da mesma, a reunião teve a seguinte pauta,

[...] Sob a presidência da Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Sergipana de Cultura, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, e presente quase a totalidade dos professores, iniciou-se a referida reunião. Depois de ter o Exmo. Sr. Presidente da Entidade Mantenedora se congratulado com todos os presentes, pelo fato de já ser uma realidade a nossa Faculdade, a Congregação, atendendo ao que dispõe o Regimento da Faculdade, passou a eleição dos membros do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade, que ficou assim constituído: Pe. Euvaldo Andrade, Dr. Gonçalo Rollemberg Leite, Dr. Felte Bezerra, Dr. Manuel Ribeiro, Dr. Lucilo da Costa Pinto e Dr. José Barreto Fontes. Em seguida, em cumprimento ainda das disposições do Regimento, a Congregação procedeu dentro dos trâmites regimentais, à escolha dos nomes para a direção da Faculdade, nomes que foram apresentados ao Exmo. Sr. Presidente para nomeação de um, que recaiu no Pe. Luciano Duarte, que na mesma ocasião se empossou nas suas funções [...] (A CRUZADA, 18/03/1951, nº 693).

Além de assuntos administrativos, a Congregação discutiu também assuntos relacionados à parte funcional da Faculdade, como ventiladores, materiais de uso em

⁴⁷Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

⁴⁸Entrevista com a professora Maria Hermínia Caldas concedida à autora em 15 de dezembro de 2015.

geral, além disso, selecionaram a banca que examinaria as provas de habilitação, pois, conforme dito, os professores envolvidos com o curso não poderiam corrigir as provas, além disso, discutiram também sobre o valor da taxa de inscrição que ficou determinada que fosse de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros)⁴⁹. A matrícula seria gratuita e as mensalidades determinaram o valor de, Cr\$ 1.500,00,0 (mil e quinhentos cruzeiros)⁵⁰ a serem pagos em três prestações (março, junho e setembro), ou mensalmente, durante 10 meses. Além desses, outros assuntos também foram discutidos, quando e como aconteceria a inauguração da Faculdade, que ficou determinado que seria no dia 25 às 20hs, no salão de atos da atual sede, Rua Itabaianinha. Além da inauguração, acertaram ainda a data dos exames vestibulares, que ocorreram entre os dias, 15 e 22 de março e tiveram os seguintes aprovados.

Curso de Filosofia: 1º lugar: Irmã Maria Carmelita – 8,8; 2º lugar: Maria Luiza a Cruz Leite – 8,5; 3º lugar: Elisa Sylvia Leite – 8,0. Curso de Geografia e História: 1º lugar: Magnoria de Nazaret Magno – 8,2; 2º lugar: Maria Clara V. de Faro Passos – 8,0; 3º lugar: Gildete Santos Lisboa – 7,3; 3º lugar: Josefina Sampaio Leite – 7,3; 3º lugar: Beatriz Sampaio – 7,3. Curso de Matemática: 1º lugar: Mariadyr Cardoso Soares – 7,4; 2º lugar: Olga Batista Andrade – 7,2; 3º lugar: Nalva Xavier de Oliveira – 6,7 (A CRUZADA, 25/03/1951, nº 694).

Após os exames, houve a tão esperada inauguração, realizada pelas mãos de seu presidente, o padre Luciano Duarte. A cerimônia contou ainda com a presença de diversas autoridades e pessoas ilustres do Estado, como Exmo. Senhor Bispo de Aracaju Dom Fernando Gomes, o ex-governador de Sergipe, Dr. José Rollemberg Leite, o diretor da Faculdade de Filosofia do Recife Manuel da Nóbrega, o Padre Francisco Bragança, entre outras. As aulas iniciaram em 26 de março de 1951, com 19 alunos matriculados, a partir de então, a Faculdade se comprometeu a ministrar aulas em formato intensivo, para recuperar as aulas do mês de março, seguindo dessa forma até junho.

Em 1953, a Faculdade de Filosofia, agora já instalada e produzindo conhecimentos, obteve seus cursos reconhecidos pelo Conselho Nacional de Educação - CNE, a partir do parecer nº 499, o mesmo que autorizou as disciplinas de Didáticas. Em

⁴⁹Essa fração traduzida para valores atuais corresponderia a R\$ 3,64 (três reais e sessenta e quatro centavos). Mais detalhes consultar [www.http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=100.00](http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=100.00). Acessado em 15 de março de 2016.

⁵⁰Essa fração traduzida para valores atuais corresponderia a R\$ 545,45 (quinhentos e quarenta e cinco reais e quarenta e cinco centavos). Mais detalhes consultar [www.http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=1500.00.0](http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=1500.00.0). Acessado em 15 de março de 2016.

19 de janeiro de 1954, o presidente Vargas e o Ministro da Educação Antônio Balbino assinaram o Decreto-Lei nº 34.963, reconhecendo os cursos de Filosofia, Letras Anglo-Germânicas, Letras Neolatinas, Geografia e História, e Pedagogia, que ainda não havia sido ofertado. Os primeiros frutos começaram a desabrochar em Sergipe a partir de 1954. Os primeiros alunos que teve início em 1952, concluíram seus estudos em 1955⁵¹, nesta, constava Rosália Bispo dos Santos, além dela, também tivemos:

Adelci Figueiredo Santos, Arthur Oliveira Fonseca, Berenice Ferreira Oliveira, Carmelita Alves de Oliveira, Diva Alves dos Santos, Isabel Amaral Barreto, Ivonete Santos Lisboa, João Epifânio de Lima Campos, Maria do Carmo Fonseca, Maria Euzila dos Santos, Maria de Lourdes Araújo Fontes, Maria Hermínia Caldas, Thilda Maria Imaculada, Vandete Amália Regis (MORAIS, 2008, p. 85).

Entre os anos de 1957 e 1958, o número de formandos pela FCFS decresceu. A turma de 1957 foi a que houve o menor número de formandos, apenas cinco, entre elas, Carmelita Pinto Fontes, que somente colou grau em 1958, pois a turma resolveu aguardar o padre Luciano Duarte que estava na França terminando seu doutorado. Na fotografia abaixo, podemos observar Carmelita Pinto Fontes no dia de sua formatura, segundo ela, “um momento único” e de muito orgulho para sua mãe, pois, enfim, havia conseguido realizar a promessa que fez ao seu pai, cuidou para que seus filhos estudassem.

⁵¹Embora tenha havido outros formandos anteriores a 1955, não nos atentaremos a esta informação, pois destoa do foco principal desta, que é traçar a trajetória intelectual das professoras, Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos.

Fotografia 09: Formatura de Carmelita Pinto Fontes, 1958.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

As aulas do padre Luciano Duarte, nos proporcionava uma viagem de intelectualidade, era incrível como poderia caber tanto conhecimento em uma só pessoa. Terminamos em 1957, mas resolvemos aguardá-lo. Nós aprendíamos muito com ele, por isso, era justo aguardá-lo, pois queríamos que ele fosse nosso paraninfo⁵².

Conforme o jornal “A Cruzada”.

No próximo sábado, dia 29 do corrente, terá lugar a solenidade de formatura da quarta turma de licenciados da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Tendo concluído o curso de Didática em dezembro de 1957, somente agora a nova turma de licenciados receberá oficialmente o título superior que lhes cabe, em virtude de que o paraninfo escolhido, o padre Dr. Luciano Duarte, então na Europa, não poderia ter estado presente à solenidade de formatura em dezembro. A turma de 1957 da FCFS é composta de cinco jovens professoras, sendo uma do curso de Filosofia, a Srta. Maria do Carmo de Oliveira, e quatro do curso de Letras Neolatinas, as Srtas.

⁵²Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

Carmelita Pinto Fontes (oradora), Enilda Franco Barreto e Maria Giovanni Santos Mendonça, e a Sra. dona Hilda Sobral de Faria [...] (A CRUZADA, 25/03/1958, nº 1.034).

O padre Luciano Duarte havia solicitado em 1954 seu afastamento da direção da FCFS, por motivo de sua viagem à Europa em busca de aperfeiçoamento cultural. Antes da viagem ele precisou validar seus diplomas do Seminário, que ainda não eram reconhecidos pelo Ministério da Educação. Esse processo fora feito na Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção em São Paulo, a qual já era devidamente reconhecida pelo MEC. Para isso, ele prestou exames em Teologia Fundamental, Dogmática e Moral, obtendo o título de Bacharel em Teologia, certificado em 20 de agosto de 1954 (MORAIS, 2008).

Após receber os certificados, o padre Luciano Duarte seguiu para a França onde estudou durante três anos, obtendo uma Licenciatura em Filosofia Escolástica pelo *Institut Catholique de Paris* (1956), dois certificados de estudos (em Psicologia e em Moral e Sociologia) obtidos na Faculdade de Letras da Universidade de Paris/Sorbonne e, a Licenciatura em Filosofia, obtendo também os certificados de Filosofia Geral e Lógica e o de História da Filosofia. Além disso, o padre Luciano Duarte obteve também o Título de Doutor pela Sorbonne, onde recebeu a menção máxima, *Très Honorable*. Sua tese foi defendida em 30 de novembro de 1957. O padre Luciano Duarte tornou-se, aos 32 anos, o primeiro Doutor em Filosofia de Sergipe (MORAIS, 2008). Ao retornar da França, retomou suas funções de antes e novas lhes foram atribuídas, como exemplo, a função de diretor do Apostolado Radiofônico de Sergipe.

Na fotografia abaixo a lateral do novo prédio da FCFS inaugurado em 29 de março 1959, a qual mesma havia funcionado durante quase dez anos em um prédio emprestado pelas freiras da Ordem das Irmãs Sacramentinas, onde funcionava o Colégio Nossa Senhora de Lourdes⁵³, localizado no centro da cidade, nas proximidades do mercado Thales Ferraz (SOUZA, 2015). Segundo Santos (1999), essa localização não era bem vista, principalmente por que o curso funcionava à noite, o que dificultava bastante a frequência, além disso, a localização era em uma área que, durante o dia funcionavam atividades comerciais e, durante a noite, a iluminação era precária, e a falta de segurança tornava tudo ainda pior. Com o novo prédio, esperava-se que aumentasse o número de alunos, pois, a localidade era agradável.

⁵³Mais informações sobre o Colégio Nossa Senhora de Lourdes consultar (COSTA, 2003).

Fotografia 10: O Padre Luciano Duarte na lateral da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, 1959.



Fonte: acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.

Durante a solenidade de inauguração, o padre Luciano Duarte agradeceu aos presentes, ao governador do Estado Luiz Garcia, ao Bispo Dom José Vicente Távora, além citar o nome do ex-Bispo de Aracaju, Dom Fernando Gomes, do ex-senador Durval Cruz que conseguiu um auxílio para a Faculdade no valor de Cr\$ 1.500,00,0⁵⁴ com o qual foi dado início a construção do prédio, além do senador Lourival Fontes e ex-senador Júlio Leite, e dos deputados Leite Neto, Seixas Dória e Arnaldo Rolemberg, do ex-deputado Luiz Garcia, dos ex-governadores José Rollemberg Leite, Arnaldo Garcez e Leandro Maciel, ainda na sequência, o padre agradeceu e homenageou o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Além do diretor da FCFS discursar, também

⁵⁴Essa fração traduzida para valores atuais corresponderia a R\$ 545,45 (quinhentos e quarenta e cinco reais e quarenta e cinco centavos). Mais detalhes consultar [www.http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=1500.00.0](http://pt.coinmill.com/BRC_BRL.html#BRC=1500.00.0). Acessado em 15 de março de 2016.

pronunciaram palavras de agradecimento, o professor Manoel Cabral Machado, que mesmo sendo breve, deixou sua contribuição, declarando sua alegria por aquela inauguração, e o estudante Clodoaldo de Alencar Filho, que também falou, saudando o nome do Diretório Acadêmico “Jackson de Figueiredo”. Toda a cerimônia foi acompanhada pelo coral das alunas do curso de Química de Sergipe, que homenageou a Faculdade, entoando delicado número folclórico que todos deleitaram (A CRUZADA, 14/03/1959, nº1.080).

A inauguração do novo prédio da FCFS abriu espaço para o tão necessário Ginásio de Aplicação. A importância desse estabelecimento de ensino para a qualificação do professorado sergipano era de grande valia, pois buscava ampliar a capacidade profissional tanto dos alunos da FCFS, quanto dos alunos que nele estudaria. Ainda sobre Rosália, em 1955, mesmo ano de sua formatura, passou a lecionar Francês no Instituto de Educação Rui Barbosa e, em 1957, foi indicada professora substituta de Língua e Literatura Francesa da mesma instituição que a formou, substituindo a professora titular Monique Rolland⁵⁵.

Esse momento foi muito importante para mim, pois, ser professora eu sempre quis, mas professora de Francês era uma realização ainda maior, pois, durante as aulas na Escola Normal eu conheci uma professora chamada Norma Reis⁵⁶, uma mulher forte, de muita atitude, muito séria, quando ela entrou, no primeiro dia de aula, e se apresentou, eu não tive dúvida, queria estudar francês, outros professores também contribuíram para a concretização dessa escolha, eu me lembro de Júlia Telles Costa⁵⁷ que lecionava Língua Portuguesa, a partir dessas, passei a unir as minhas duas paixões, o Português e o Francês, embora tenha me dedicado mais ao Francês⁵⁸.

⁵⁵Monique Rolland era francesa, lecionava Francês na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, e na Aliança Francesa, no final do ano de 1957 precisou retornar a sua terra, deixando suas atividades aqui no Brasil. (Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014).

⁵⁶Norma Monte' Alegre Reis (1888-1984), filha única de Zacarias Horácio dos Reis advogado e Josefa Monte' Alegre dos Reis, dona de casa. Foi normalista, formou-se em 1912, ano que também assumiu a cadeira de Francês nessa mesma instituição, aposentou-se em 1951. Além de lecionar na Escola Normal Rui Barbosa, a professora Norma Reis foi também diretora do Instituto América (1920-1935), esse estabelecimento funcionava em regime de internato e externato, oferecendo o curso primário e secundário para meninas e jovens. Além do Instituto, Norma Reis também ministrava aulas particulares de Francês. Para mais informações consultar (ANDRADE, 2008)

⁵⁷Júlia Telles Costa nasceu em 1907 na cidade de Riachuelo/SE, concluiu o curso primário na Escola Modelo, anexa à Escola Normal, ingressou na Escola Norma em 1920, não foi lecionar no interior por conta de sua mãe que não permitiu, foi então trabalhar no Banco Federal. Em 1937 foi ao Rio de Janeiro fazer o curso superior, formou-se, e ao retornar foi nomeada professora de português na Escola Normal Rui Barbosa. Foi a criadora da Caixa Escolar do Instituto de Educação Rui Barbosa, essa era uma maneira de ajudar as alunas pobres a se manterem nos estudos. Mais detalhes consultar (CALDAS, 2015).

⁵⁸Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

Já Carmelita, após sua formatura em 1958, passou a lecionar português no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, e, no mesmo ano, integrou o corpo docente do Colégio Estadual de Sergipe (Colégio Atheneu), sua primeira grande experiência como professora. “Eu era professora efetiva, havia os professores catedráticos⁵⁹ e os efetivos, eu era efetiva⁶⁰”. Ainda em 1958, Rosália foi contemplada com uma bolsa de estudos concedida a ela por intermédio do padre Luciano Duarte em parceria com a CAPES/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, para fazer um curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa no Centro de Estudos Superiores de Francês, na *Maison de France* no Rio de Janeiro. Esse curso lhe garantiu a titulação de professora de Francês de nível superior, “passei um ano de intensos estudos e profundas avaliações, fui julgada capaz de receber o diploma conferido pelo curso, esse curso era ministrado por professores que vieram diretamente da França para o Brasil⁶¹”.

A maioria dos professores das áreas de línguas, dos cursos de Francês e Inglês, que lecionava na FCFS, não era brasileiros, o que dificultava sua permanência na instituição, muitos deles retornavam às suas cidades de origem, deixando uma lacuna difícil de resolver. Buscando sanar esse problema, o padre Luciano Duarte decidiu proporcionar uma melhor qualificação aos seus professores. Dessa forma, ficaria mais garantido que esses não se ausentassem durante o curso⁶². Além de Rosália, outro professor também foi contemplado com uma bolsa de estudos para o *Fulbright* Programa, uma interação entre o Instituto Brasil-Estados Unidos-Secção de Sergipe.

O professor Paulo Nascimento Fontes, que desde vários anos se dedica ao estudo da língua inglesa e norte-americana, teve os seus reais méritos de estudioso e professor de inglês premiados pelo Departamento de Estado Americano e pela Comissão Educacional dos Estados Unidos da América no Brasil, que lhe concederam uma bolsa de estudos de aperfeiçoamento para professores de inglês, com viagem e estada de seis meses, pagas pelo governo americano. Ao embarque do professor Paulo Fontes, alguns professores compareceram além do diretor da Faculdade de Filosofia, assim como números amigos do bolsista sergipano (A CRUZADA, 05/09/1959, nº 1.168).

⁵⁹Refere-se aos professores que defendiam uma tese diante de uma banca, a partir disso, sendo aprovados passavam a compor o quadro de professores daquele determinado estabelecimento de ensino. Sendo esse “dono da cadeira”, ou seja, responsável por uma determinada disciplina. Esse sistema foi extinto a partir da reforma do ensino superior em 1968, quando ocorre a integração das Faculdades Isoladas a um único sistema de Universidades Federais (OLIVEIRA, 2011).

⁶⁰Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

⁶¹Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

⁶²Informações obtidas durante entrevista com Carmelita Pinto Fontes, em 21 de agosto de 2015.

Em 1959, ao retornar a Sergipe, Rosália foi convidada pelo padre Luciano Duarte para gerir o Ginásio de Aplicação da FCFS. Para assumir essa função, ela participou de um curso de Aperfeiçoamento em Orientação Educacional, no Centro de Estudos Pedagógicos em Nova Friburgo no Rio de Janeiro.

A professora Rosália Bispo dos Santos, que será a diretora do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia, a funcionar na parte da tarde, a partir de fevereiro de 1960, com a primeira série, se encontra atualmente na cidade de Friburgo, Estado do Rio. A profa. Rosália segue um curso intensivo de orientação educacional, promovido pelo Ministério da Educação, para professores e educadores. A futura diretora do Ginásio de Aplicação deverá estar de volta a Aracaju no começo de outubro [...] (A CRUZADA, 19/09/1959, nº 1.109).

Para a professora Rosália, esse curso foi muito importante, pois, tanto lhe beneficiou na sua atuação como diretora, como também em sua função de professora, pois nesta mesma época ela lecionava também no Instituto de Educação Rui Barbosa (antiga Escola Normal), as disciplinas de Francês e Educação Física, além de lecionar Português e Francês, no Colégio Estadual de Sergipe. Outros professores também estiveram presentes neste curso, a exemplo de Carmelita Pinto Fontes e Celina Oliveira Lima⁶³, Inspetora Federal, que se sentiu entusiasmada com as novidades do Colégio Nova Friburgo, cujas Metodologias Educacionais deveriam ser seguidas por outros Colégios em todo Brasil.

Nós fomos fazer o curso de aperfeiçoamento no primeiro Ginásio de Aplicação do Brasil. Foi uma experiência enriquecedora, voltamos cheios de ideias, com várias novidades para melhorar cada vez mais o nosso trabalho. No Ginásio do Rio de Janeiro, eu queria ver como era o trabalho feito lá, e queria aprender coisas novas, e por intuição eu aplicava também muita coisa boa, muita coisa eram criações minhas, e outras por influência do ensino que foi muito bom, na nossa época na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe⁶⁴.

Em um artigo no Jornal “A Cruzada”, a Inspetora Federal Celina destacou, os pontos primordiais, do “Colégio de Nova Friburgo”, mantido pela Fundação Getúlio Vargas.

⁶³Educadora e funcionária pública, natural de Itabaiana/SE, filha de Antônio Oliveira Lima e Elvira Lima, estudou o curso Normal no Colégio Nossa Senhora das Graças, iniciou sua vida como professora em Areia Branca. Em Aracaju lecionou no Grupo Escolar José Augusto Ferraz, formou-se em Pedagogia em Maceió/Al. Em 1954, assumiu o cargo através de concurso de Inspetora de Ensino, lotada na Inspeção Seccional – representação do Ministério da Educação e Cultura em Sergipe, para mais informações consultar (CALDAS, 2015).

⁶⁴Entrevista com Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

[...] Trata-se de uma escola progressista que combate o tradicionalismo, com professores atuantes especializados adotando as mais modernas técnicas de ensino. Aliando à técnica a capacidade do seu corpo docente [...]. Possui salas especiais bem aparelhadas onde para facilitar a aprendizagem são aplicados os meios auxiliares do ensino ou recursos audiovisuais. Num ambiente de cordialidade, os adolescentes se desenvolvem sadios ajustados e felizes. [...] Entre as atividades extraclasse funcionam regularmente, vários clubes que tivemos ocasião de visitar, como: clube de teatro, de música, de geografia, de ciências, de cinema, de aeromodelismo. [...] As aulas de Didática Geral constituíram o ponto mais forte do estágio dada à importância que a Didática assume na vida do professor, e ainda mais pela maneira clara, como estas aulas nos foram ministradas [...] (A CRUZADA, 21/11/1959, n 1.118).

Algumas dessas atividades desenvolvidas no Colégio de Nova Friburgo foram aplicadas no GA sob a supervisão de Rosália já no primeiro ano de funcionamento, e depois com Carmelita, a partir de 1961: “aplicamos algumas metodologias de ensinamentos como a psicologia de Piaget, depois do estágio que fiz, eu mais alguns professores de áreas isoladas como português, matemática, história e ciências⁶⁵”. Após o curso preparatório, Rosália retornou a Sergipe para a concretização da tarefa que lhe foi designada. Já Carmelita, em 1959, dentro da proposta de melhorar a qualidade dos professores da FCFS, também foi contemplada com uma bolsa de estudos, na *Maison de France* para fazer o mesmo curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa, feito por Rosália no Rio de Janeiro, sob os mesmos princípios. Carmelita já integrava o corpo docente da Faculdade, lecionando a disciplina de Didática: “ganhava uma bolsa de estudos na melhor escola de Francês aqui no Brasil, com professores vindos da França, uma bolsa com duração de um ano”.

Um ano de conhecimentos e de aplicação do Francês. A melhor coisa que eu fiz na vida foi estudar. Eu briguei com todo mundo para ir estudar, briguei com o governador, briguei com o secretário de educação, que não queria me liberar, na época o secretário achava que não havia a necessidade de professor fazer especialização, ele achava que ser formado já estava bom. Eu achava isso um absurdo, era menosprezar o que é bom! Pois fui, quando estava no Rio de Janeiro recebi uma ligação dizendo que o governador queria falar comigo, ele estava hospedado em um hotel em Copacabana, liguei, quando ele atendeu foi me dizendo que eu tinha abandonado o Estado que isso era abandono de serviço, eu disse: Senhor Governador, entre a bolsa e o Estado eu prefiro a bolsa! Ele achou uma afronta! O Secretário de Educação era irmão dele, pois, me demitiu. Quando voltei, ele me chamou e disse: vou reconsiderar sua demissão, a senhora tem um jornal na mão, pode falar alguma coisa. Não sei o que houve, só sei

⁶⁵Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

que voltei, fui contratada novamente. Na época eu lecionava no Colégio Atheneu⁶⁶.

A notícia foi amplamente divulgada, pois a professora Carmelita era colaboradora do Jornal “A Cruzada”, desde o ano de 1957.

Viajará Gratia Montal, contemplada com uma bolsa de estudos oferecida pela Sociedade Franco-Brasileira, deverá viajar amanhã, com destino ao Rio de Janeiro onde fará um curso na Maison de France, a nossa assídua colaboradora Gratia Montal, que mantém na “A Cruzada” a seção “O Mundo Feminino”. Gratia Montal, cujo nome verdadeiro é Carmelita Pinto Fontes e cuja coluna é das mais lidas e apreciadas entre os leitores de jornais do nosso Estado, pelo interesse humano e profundidade dos estudos que aborda, num estilo leve, cheio de emoção e de poesia, não deixará os seus leitores de todo privados do prazer que despertam as suas crônicas, pois ficará enviando-as sempre que possível, para publicação neste jornal [...] (A CRUZADA, 12/03/1960, nº 1.132).

Após seu retorno, em 1961, Carmelita foi, então, convidada pelo padre Luciano Duarte, a integrar o quadro de funcionários do GA, trabalhando tanto como vice-diretora ao lado de Rosália, como também lecionando as disciplinas de português e literatura. O GA, já havia sido inaugurado e buscava sua estabilidade educacional. A partir de então, as duas passaram a dividir o mesmo espaço de trabalho, com ideias diferentes, personalidades distintas, mas, em volta do mesmo objetivo, fazer com que o GA se tornasse um estabelecimento educacional de renome na sociedade sergipana.

2.3- O Ginásio de Aplicação...

Na fotografia em destaque, observamos a entrada principal do GA, que conforme dito também funcionava a FCFS. Os GA no Brasil foram criados a princípio com o intuito de servir de campo de estágio para os alunos concludentes dos cursos de licenciaturas das Faculdades de Filosofia no Brasil. Além de estágio, serviram também de campo experimental para as novas metodologias educacionais, preparando o novo professorado aos desafios que a sociedade exigia. Eram instituições de ensino fundamental e médio, atuando na interface entre a educação básica e a educação

⁶⁶Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

superior. Segundo Marques (2011), o primeiro Ginásio de Aplicação no Brasil respondia ao âmbito Estadual, criado em 1934, na Universidade de São Paulo (USP), era conhecido também como “escola anexa”, e a proposta era a experimentação pedagógica. Já Bioto-Cavalcante (2011) destaca que, no âmbito Federal os primeiros Ginásios de Aplicação foram respectivamente, o da Faculdade Nacional de Filosofia em 1948 e o da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia em 1949.

Fotografia 11. Entrada Principal do Ginásio de Aplicação.



Fonte: (SOUZA, 2015, p. 58)

Sergipe foi o sexto Estado a ter um Ginásio de Aplicação, dentro dessa proposta nacional, objetivando melhorar o perfil profissional dos recém-formados nas licenciaturas e a fim de experimentar novas abordagens pedagógicas, proporcionando, assim, uma melhoria dos níveis educacionais como um todo. Segundo Dantas (2004), uma das preocupações no governo de Luiz Garcia (31/01/59 a 06/06/62) era o setor educacional. Isso podia ser observado pelo apoio à criação da Faculdade de Medicina, a ampliação da rede escolar, a criação da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde/SECS, além de incentivos a escritores e a artistas, algo favorável ao enriquecimento cultural do Estado. Todas essas transformações, aliadas ao desenvolvimento urbano, proporcionavam um crescimento da demanda social na capital.

O capitalismo industrial engendrava na necessidade de fornecer conhecimentos a camadas cada vez mais numerosas, sejam elas exigências da própria produção ou necessidades do consumo que essa produção acarreta, daí, “ampliar a camada social de atuação era, sobretudo, a sobrevivência do sistema capitalista industrial” (ROMANELLI, 1996, p. 59). Essa necessidade impulsionou a criação e/ou manutenção do sistema educacional brasileiro, em especial nos grandes centros econômicos onde se mantinham as principais indústrias, inspiradoras dessas mudanças educacionais, para Carvalho (1998, p. 169),

[...] a industrialização e, com ela, o processo de concentração urbana implicando a convivência forçada, no espaço da cidade e no tempo da produção – expropriação capitalista, de novas “elites” urbanas com populações urbanas resistentes à nova ordem que vinha sendo implantada, definiam o teor de controle social esperado na escola.

Nesse processo, Sergipe se encontrava rumo à produção industrial, lutando com sacrifícios para se posicionar. As fábricas de tecidos que geravam empregos e renda para o Estado, e impulsionavam o crescimento econômico, exigiam uma boa estruturação dos principais órgãos governamentais, a exemplo do sistema educacional, da segurança pública, da saúde, moradia, lazer entre outros, assim.

[...] O governo atual, o senhor Luiz Garcia, lutando pela ampliação do parque Industrial do Estado, fundou à margem da rodovia BR-11, a 9 km desta capital “a cidade industrial” onde devem concentrar-se no futuro os grandes e médios estabelecimentos fabris que forem instalados. Nesta localidade já se encontram fábricas de papel, de gênero alimentício (frigorífico) e em perspectiva uma fábrica de cimento. Todas essas melhorias apresentam alguns problemas, a água e a energia elétrica eram escassas, um problema que atingia outras partes da cidade (A CRUZADA, 17/12/1960, nº 1.178).

Os impulsos econômicos propiciavam o desenvolvimento, tanto na capital como no interior e, para suprir a demanda de pessoal qualificado, a rede particular de ensino avançava cada vez mais, principalmente no setor do ensino secundário.

[...], o que é realmente admirável é o surto da iniciativa privada, multiplicando os estabelecimentos destinados à formação da mocidade. Isso vem atender a uma premente necessidade coletiva, pois as famílias de todas as classes encaminham hoje seus filhos para escola secundária, tendo-a como instrumento indispensável de elevação social (A CRUZADA, 14/03/1959, nº 1.082).

Em vista dessa demanda, alguns estabelecimentos educacionais buscavam cada vez mais sua estabilidade no cenário representativo das elites, a exemplo do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903, pelas irmãs Sacramentinas, era

uma instituição dedicada à formação de moças ricas, pertencentes à elite, funcionando em regime de internato e externato, encontrava-se bem acentuado no cenário educacional do Estado, atendendo às necessidades da elite abastada, tanto de Sergipe, como de Alagoas e Bahia. Além desse, havia outros estabelecimentos educacionais que vinham desempenhando um papel crucial na formação intelectual sergipana, a exemplo do Ginásio Jackson de Figueiredo (1913), o Ginásio Tobias Barreto (1938), além do Ginásio Patrocínio de São José (1940), o Ginásio do Salvador (1935), do Colégio Atheneu (1870), (embora fosse público, garantia uma educação de qualidade a boa parte da sociedade sergipana), entre outros.

Esses estabelecimentos educacionais garantiram, durante muito tempo, uma educação de qualidade às famílias abastadas de Sergipe, especialmente aos filhos homens dos coronéis do interior, que estudavam em regime de internato. O Jackson, por exemplo, era uma escola mista, embora somente admitisse, em regime de internato, o público masculino. E o Tobias oferecia o ginásio noturno (GRAÇA, 2002). Embora a educação particular na capital estivesse assegurada, ao menos para as famílias ricas, o quantitativo de professores não comportava a demanda e a opção era a contratação de professores que trabalhassem na Faculdade de Filosofia ou nas cadeiras de outras instituições de ensino secundário, como o Colégio Estadual de Sergipe, o Instituto de Educação Rui Barbosa, entre outros. O problema educacional estava diretamente ligado ao déficit de professores bem qualificados, bem preparados.

Buscando sanar essa lacuna, a FCFS vinha desempenhando um papel crucial na formação desse professorado, buscando qualificá-los para uma boa atuação no mercado de trabalho, o que era essencial. Dentro dos cursos de licenciatura havia a disciplina de Didática, criada a partir do Decreto-Lei nº 1.190 de 04 de abril de 1939, que organizou a Faculdade Nacional de Filosofia (BIOTO-CAVALCANTI, 2013). Constituíam-se em um curso dentro da Faculdade, que deveria ser cursado por todos que desejassem ingressar nos cargos do magistério. A partir do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946, as Faculdades de Filosofias no Brasil, foram obrigadas a criar ginásios de aplicação para que seus alunos concluintes dessa disciplina pudessem praticar suas funções de docentes.

Essa obrigação foi determinante em outras partes do Brasil, como explica Andrade (2009) em sua dissertação denominada de “Cultura Escolar do Ginásio de

Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, na Década de 1960”, através da qual a autora buscou analisar aspectos da cultura escolar desse ginásio, que funcionou a partir de 1961, com o objetivo de servir de campo de estágio aos alunos dos cursos de Licenciatura da UFSC e de campo experimental das novas pedagogias, destacando ainda que suas novas técnicas metodológicas causaram receio à sociedade na época, mas, com o tempo, sua função educacional ganhou destaque e prestígio social, cumprindo com as funções de educação básica, desenvolvimento de pesquisas, experimentação de novas práticas pedagógicas, formação de professores, criação, e avaliação de novos currículos e disciplinas.

Por conta das exigências legais, pois, funcionaria sob a Lei Orgânica do Ensino Secundário, instituída pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema, e promulgada pelo Decreto-Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, determinou-se que, o ensino secundário fosse oferecido em dois ciclos, o primeiro, compreendia o ensino ginasial, e o segundo, composto de dois cursos: o clássico e o científico. Ficou então determinando dois tipos de estabelecimentos de ensino secundário: o ginásio e o colégio. No entanto, no primeiro momento, o Ginásio de Aplicação funcionou somente com o ginasial e, a partir de 1966, passou a denominação de Colégio de Aplicação, com a incorporação do curso “científico”. O padre Luciano Duarte, diretor da FCFS iniciou em 1959, juntamente com a professora Rosália, a organização do tão esperado GA. Em nota, o Jornal especificava que,

[...] efetivamente começará a funcionar em março de 1960, o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. [...] O Ginásio estará sob a supervisão do Diretor e do Conselho Técnico da Faculdade, e terá como diretora a profa. Rosália Bispo dos Santos. A profa. Rosália, que no ano passado conseguiu distinta classificação no curso de Literatura Francesa para o qual fora contemplada com uma bolsa de estudos, no Rio, durante 1958, se encontra atualmente na capital da República, a serviço da Faculdade. Durante o mês de agosto, a futura diretora do Ginásio de Aplicação está estagiando no Ginásio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, e durante o mês de setembro vai seguir um curso de Orientação Educacional, em Friburgo, promovido pelo Ministério da Educação. O Ginásio de Aplicação vai seguir com a primeira série, desdobrada em duas turmas, uma para meninos e outra para meninas, e com matrícula de 25 alunos por turma (A CRUZADA, 24/10/1959, nº 1.114).

Como podemos perceber, num primeiro instante, o GA, funcionaria com turmas separadas, fato que não aconteceu. Segundo a professora Rosália, “pedagogicamente, é bem melhor, todo mundo junto”. Esse estabelecimento deveria

seguir as bases educacionais vigentes no Brasil, e cumprir com seu principal objetivo, o de servir de campo de experimentações pedagógicas.

Como seu nome indica, servirá para o treinamento didático dos professores. Possui condições pedagógicas satisfatórias e contando com um excelente professorado, está capacitado a ministrar o melhor ensino ginasial do Estado. Com o crescimento da população escolar, é de interesse vital a criação desse Ginásio, que irá atender seguramente aos professores formados pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, e que se encontra às vezes em dificuldade de exercer a sua profissão por já estarem os demais Ginásios com o seu quadro docente completo⁶⁷.

Essa determinação também era reforçada por seu Regimento Interno. Em seu artigo 1º do capítulo I, determinava que, o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, mantida pela Sociedade Sergipana de Cultura, situado em Aracaju, Estado de Sergipe, teria por objetivo, administrar o ensino secundário dentro dos princípios estabelecidos pela legislação Federal em vigor, dentro dos princípios dos ideais de solidariedade humana. Para tanto, foi preciso uma autorização da Inspetoria Seccional de Aracaju. Esse órgão fiscalizava os estabelecimentos educacionais, dando-lhes autorização de funcionamento, assim como vistoriando para que todas as normas educacionais fossem cumpridas. Como se tratava de um órgão Federal, a Inspetoria achou por bem explicar a sociedade como seu trabalho funcionaria, para isso, lançou à sociedade uma nota no Jornal.

A fim de tornar efetiva a participação do Ministério da Educação no ensino Secundário, e evitar a enorme burocracia do ensino, no Rio de Janeiro, foram criadas, nos Estados, as Inspetorias Seccionais de Ensino, que trabalham sob a delegação da Diretoria do Ensino Secundário. A Inspetoria Seccional tem uma atuação muito ampla, pois, além de exercer inspeção nos estabelecimentos de ensino secundário, ainda fornece orientação pedagógica e didática. Qualquer estabelecimento de ensino, mesmo os oficiais – conforme estabelece legislação federal – estão subordinados administrativamente à Inspetoria Seccional. Em Sergipe a Inspetoria Seccional começou a ter atividade definida e atuante a partir do ano anterior, pelo mês de maio, quando chegou ao Estado o atual Inspetor Dr. Otílio Moniz Barreto de Aragão [...] (A CRUZADA, 10/01/1959, nº 1.074).

Para o funcionamento de qualquer estabelecimento educacional, a vistoria da Inspetoria Seccional era imprescindível, e com o GA não seria diferente. Esse órgão seguia o Plano de Inspetoria aprovado em 1959, pelo diretor do Ensino Secundário,

⁶⁷Relatório de Verificação Prévia para funcionamento do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, junho de 1959.

determinando que: a Inspetoria Seccional do Ensino Secundário de Aracaju exercerá inspeção sobre estabelecimentos de ensino secundário, equiparados e reconhecidos sobre sua jurisdição, abrangendo todo o Estado de Sergipe, ficando determinado que:

Art. 1º - a inspeção faz-se à mão somente sob o ponto de vista administrativo, mas ainda com o caráter de orientação pedagógica, fazendo cumprir as leis e regulamentos que regem o ensino secundário no Brasil;

Art. 2º - os trabalhos de inspeção serão realizados indistintamente, pelos inspetores lotados nesta Inspetoria;

Art. 3º - a Inspetoria Seccional designará quais os estabelecimentos de ensino secundário cujos diretores ficarão com a responsabilidade da fiscalização de provas e exames, sem que esta concessão importe em desistência das verificações periódicas por parte da Inspetoria Seccional através de seus inspetores;

Art. 4º - sempre que a Inspetoria Seccional julgar oportuno determinará correções administrativas e pedagógicas inclusive proporá a realização de provas objetivas ou uniformes nos estabelecimentos sob a sua jurisdição;

Art. 5º - a Inspetoria Seccional tomará as necessárias providências nos estabelecimentos de ensino secundário sob a sua jurisdição para corrigir irregularidades, fazer cumprir as leis e regulamentos que regem este ramo do ensino, restabelecer a ordem e a eficiência escolar;

Art. 6º - a Inspetoria fará entrega mensalmente aos inspetores a relação dos trabalhos que deverão ser executados no decorrer do mês, propondo, também, determinar a substituição desses encargos ou solicitando a execução de outros serviços;

Art. 7º - a fim de dar uniformidade aos serviços de inspeção a Inspetoria Seccional promoverá reuniões, estágios, cursos e outras atividades, própria de frequência obrigatória para os inspetores lotados nesta Inspetoria;

Art. 8º - a apuração da frequência dos inspetores será feita através de: a) assinatura no livro de ponto da Inspetoria Seccional; b) A apresentação dos relatórios de visitas, ou de serviços especiais, deverão ser entregues, na Inspetoria Seccional, até o quinto dia útil do mês seguinte;

Art. § Único – na falta de relatório ou justificativa, apresentada dentro do prazo estipulado, serão atribuídas ao Inspetor as faltas correspondentes (A CRUZADA, 10/01/1959, nº 1.074).

O bom funcionamento desse órgão garantia aos estabelecimentos educacionais o prestígio diante da sociedade e evitaria constrangimentos, pois, aqueles que não cumprissem as normas estabelecidas poderiam sofrer punições. Por exemplo, em 07 de janeiro de 1959, o senhor Manoel Cardoso Barreto, diretor do Ginásio Professor Posidônio Bragança, foi demitido de suas funções. Fato esse que, segundo o Inspetor, esse acontecimento afetou a legalidade e a moralidade dos atos escolares e administrativos do estabelecimento, e que, a partir daquela data se passaram a processar em desacordo com as disposições legais que regiam o ensino secundário. O estabelecimento permanecendo sem a pessoa legalmente credenciada a frente da direção, infringia as disposições legais que regiam o ensino secundário. Esse fato proporcionou por parte da Inspeção a nulidade das provas, exames e matrículas que foram processadas durante o período que o estabelecimento permaneceu sem a pessoa do diretor. A Inspeção decidiu então,

[...] notificar o Senhor Presidente da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos, entidade mantenedora do Ginásio Professor Posidônio Bragança, para que dentro do prazo de 10 (dez) dias, apresente a esta Inspeção Seccional um diretor e professor para substituir o demitido devidamente credenciado nos termos das portarias Ministeriais nº 501/52 e 960/54. Deste despacho seja dado conhecimento ao Senhor Presidente da Campanha dos Educandários Gratuitos e do mesmo seja afixado cópia no quadro da portaria desta Inspeção Seccional e mais duas outras cópias para publicação uma no diário oficial do Estado e outra num dos jornais de maior circulação no Estado, a fim de que os interessados tomem conhecimento 28 de fevereiro de 1959 – Otílio Muniz Barreto de Aragão – Inspetor Seccional (A CRUZADA, 10/01/1959, nº 1.074).

Buscando cumprir as determinações, a vistoria do GA teve início no dia 07 de julho de 1959, sob o comando da Inspectora Federal Celina Oliveira Lima. O GA se encontrava sob a responsabilidade do padre Luciano Duarte, que, por sua vez, se encontrava também na direção da Sociedade Sergipana de Cultura, mediante procuração assinada por Dom José Vicente Távora⁶⁸ (Ver anexo 01).

⁶⁸Documento apresentado à Inspeção Federal com o pedido de verificação prévia para funcionamento de estabelecimento de ensino secundário. 07 de julho de 1959.

A Sociedade Sergipana de Cultura, com sede nesta capital, representada neste ato pelo seu Presidente Dom José Vicente Távora, que também assina – Dom José Távora, Bispo da Diocese de Aracaju, nomeia e constitui seu bastante procurador o padre Doutor Luciano José Cabral Duarte, brasileiro, sacerdote, residente e domiciliado nesta capital, para fundar em nome da Outorgante, o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, podendo requerer no Ministério de Educação e Cultura e em qualquer repartição pública Federal, Estadual e Municipal, o que se tornar mister, à fundação do dito Ginásio, requerendo e assinando tudo que preciso for, podendo inclusive substabelecer, com ou sem reserva de poderes. Aracaju, 26 de junho de 1959⁶⁹.

A partir de então, o GA, fundado em 30 de junho de 1959, funcionaria na Rua Campos na cidade de Aracaju número 177, no horário da tarde, em regime de externato. Nesse mesmo endereço já funcionava durante a manhã a FCFS. Conforme mencionado anteriormente, esse estabelecimento era essencial para a formação professoral sergipana pois vinha suprir uma necessidade fundamental, “a prática docente”. Segundo a professora Carmelita, “a falta de estágio era complicado, eu mesma senti dificuldades, pois na minha época não se fazia estágio, o máximo que fazíamos era apresentar uma aula na frente dos colegas e do professor na sala mesmo⁷⁰”. A prática docente era indispensável aos professores, Berger (1985, p. 30-32) afirma que, “o estágio além de proporcionar ao futuro profissional uma vivência das atribuições inerentes à sua profissão, representa uma oportunidade de entrosamento entre a agência formadora de recursos humanos e o mercado de trabalho”. Esse era reconhecidamente o principal instrumento de inserção do professor ao mercado de trabalho.

Para a organização do GA, o padre Luciano Duarte buscou apoio da camada política, a fim de adquirir verbas para a manutenção do Ginásio. Mesmo sendo esse um estabelecimento particular, era comum o apoio do Estado a estabelecimentos educacionais particulares naquela época. Como exemplo, temos o já citado Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que recebia apoio financeiro do governo do Estado para sua manutenção, além de apoio financeiro, havia também outros tipos de concessões, por exemplo.

Durante o ano de 1920, o presidente do Estado de Sergipe, Maurício Graccho Cardoso, participou intensamente do processo de consolidação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Uma de suas

⁶⁹Procuração assinada por Dom José Vicente Távora designando poderes ao padre Luciano José Cabral Duarte, para que este administre a Sociedade Sergipana de Cultura entidade fundadora e mantenedora do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, 26 de junho de 1959.

⁷⁰Entrevista com Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

contribuições foi ceder às Irmãs Sacramentinas uma área de terra da Praça Pereira Lobo, a fim de que ali fosse construído o edifício no qual, mais tarde, funcionaria a Escola. (COSTA, 2003, p. 29).

Essa relação entre Igreja e Estado em prol da Educação esteve durante muito tempo, relacionada à difusão da moral e dos bons costumes. Essa, “educação controlada”, garantia a perpetuação da fé cristã por parte da Igreja e o controle da força de trabalho pelo Estado. Para Bourdieu (2013), a Igreja contribuía para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção de sua ordem simbólica, pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a naturalização, o que para ele, é,

[...], capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamentos comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa, que constitui uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia. (BOURDIEU, 2013, p. 70).

Assim, a relação entre a Igreja e Estado funcionava para que ambos se mantivessem estáveis, dando continuidade à manutenção de suas ordens, constituindo uma via de mão dupla, a Igreja garantia ao Estado a perpetuação de seu poder e o Estado garantia a proteção e difusão de seus dogmas, e símbolos. Ainda segundo Bourdieu (2013, p. 71), através da educação,

A Igreja consegue sua difusão implícita e explícita, o respeito por disciplinas lógicas, tais como, as que sustentam o sistema mítico-ritual, ou a ideologia religiosa e a liturgia e, como a condição de salvaguarda da ordem cósmica e da subsistência do grupo.

Assim, como estratégia de manutenção, o padre Luciano Duarte sempre manteve uma boa relação com a força política, tanto estadual, como federal. Buscando apoio, ele viajou ao Rio de Janeiro, (capital da República na época), para receber uma parte das verbas da Faculdade que estavam atrasadas, contando com a cooperação dos deputados Armando Rollemberg e Arnaldo Garcez. Ao retornar, algumas verbas ele deixou para receber depois, fato que foi noticiado,

[...] a Faculdade de Filosofia tem se empenhado, junto a todos os representantes sergipanos, no sentido de conseguir melhorar sua subvenção ordinária, e de obter auxílios para o Ginásio de Aplicação,

que a mesma Faculdade vai fazer funcionar no próximo ano, na parte da tarde (A CRUZADA, 05/09/1959 nº 1.168).

Por conta das dificuldades financeiras, o padre Luciano Duarte continuou mantendo as articulações entre os parlamentares quanto à distribuição de verbas para fazer funcionar o GA. Em busca de mais apoio financeiro, o padre Luciano Duarte buscou sensibilizar o chefe do poder executivo do Estado de Sergipe, o Dr. Luiz Garcia.

O Exmo. Sr. Bispo Dom José Vicente Távora, Presidente da Sociedade Sergipana de Cultura e o padre Luciano Duarte, diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, estiveram no Palácio do Governo, na quarta-feira passada, sendo recebidos em audiência pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Luiz Garcia. A visita teve como finalidade entregar ao chefe do executivo sergipano um memorial da Faculdade de Filosofia, onde é solicitado um substancial aumento da subvenção estadual àquela instituição, subvenção essa que continua a ser a mesma de 1951. O senhor Governador do Estado que é ele mesmo professor universitário, ouviu com interesse as explicações que lhe foram prestadas, e prometeu estudar o assunto e encaminha uma solução. A Faculdade de Filosofia, devido aos seus diversos cursos, é como se fosse uma Universidade em miniatura, e é muito mais onerosa do que qualquer uma das outras Faculdades existentes no Estado (A CRUZADA, 05/09/1959 nº 1.168).

Esse apoio à Faculdade, por parte do Estado, garantiu também uma estabilidade ao GA, já que esse funcionou no mesmo espaço, no entanto, faltava providenciar o material didático necessário, específicos para uso dos alunos, além da estrutura administrativa, bem como garantir as verbas para a contratação de professores, considerando que havia a necessidade de comprar equipamentos para os laboratórios e, para isso, várias solicitações foram enviadas ao Ministro da Educação e Cultura, para que ele arcasse com a compra desses equipamentos, além da solicitação da autorização para funcionamento do mesmo, para isso,

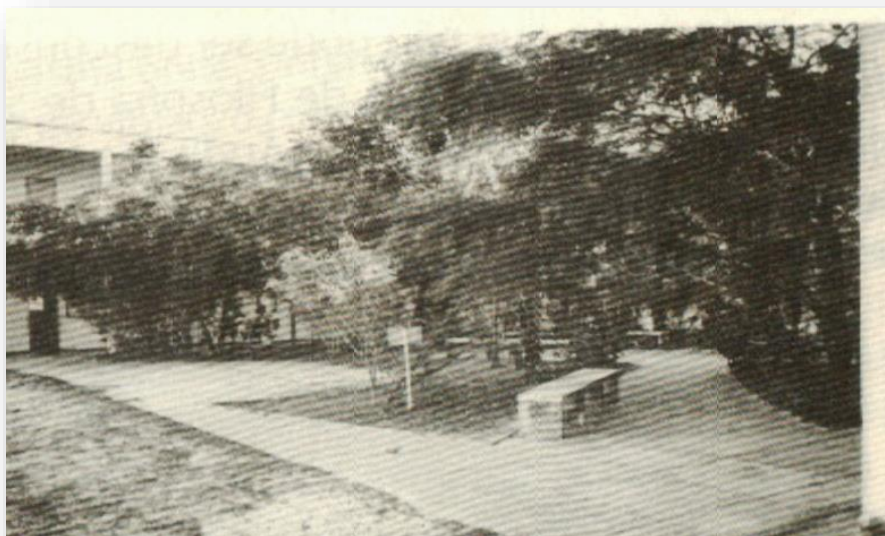
[...] a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe requereu ao Ministério da Educação e Cultura o funcionamento condicional do Ginásio de Aplicação da mesma Faculdade até serem preenchidos todos os requisitos para o funcionamento do mesmo em caráter definitivo, já tendo sido designada a Inspetora Celina Oliveira Lima para proceder à verificação prévia das condições existentes para aquela concessão. A referida Inspetora, já se acha entregue à tarefa para o qual foi designada, devendo apresentar dentro em breve o seu relatório ao Ministério. Com a apresentação do relatório, caso ele seja favorável à medida, o Ministério despachará favoravelmente, esperando-se que o mais tardar dentro dos próximos três meses, a Faculdade Católica de Filosofia terá funcionando o seu Ginásio de Aplicação (A CRUZADA, 15/08/1959 nº 1.105).

Conforme já mencionado, a professora Rosália Bispo dos Santos viajou ao Rio de Janeiro para realizar o curso de Orientação Educacional no Ginásio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia e, após seu retorno, juntamente com o padre Luciano Duarte, iniciaram os preparativos para a inauguração do GA.

2.4- O espaço físico do Ginásio de Aplicação...

Na fotografia abaixo, podemos observar a área interna do GA, espaço de convivência entre os alunos. Para seu funcionamento, foi preciso uma vistoria no prédio seguindo os moldes da Inspeção Seccional de Sergipe, que tinha, nesse momento, a professora Celina Oliveira Lima como Inspectora Federal. Para isso, era preciso analisar o espaço separadamente do espaço da Faculdade, buscando verificar se esse estabelecimento atendia as necessidades educacionais voltadas para crianças e adolescentes, ou seja, era preciso comprovar se o espaço que a Faculdade estava oferecendo à sociedade estudantil estava dentro dos padrões de educação secundária.

Fotografia 12. Área interna do Ginásio de Aplicação.



Fonte: (NUNES, 2012, p. 105).

A FCFS havia disponibilizado seis salas exclusivamente para as aulas do GA, contendo 37, 95 m² cada uma e com capacidade para 222 alunos no total. As aulas seriam ofertadas no segundo turno, obedecendo aos seguintes horários: entrada às 13 horas e saída às 17 horas. Os alunos também dispunha de salas para funcionamento de laboratórios, tanto para as disciplinas de ciências onde funcionava o clube de ciências, como para as aulas de línguas, onde funcionariam as aulas de Inglês e Francês.

Segundo entrevista com ex-alunos, as aulas de línguas realizadas fora das salas convencionais não funcionavam com muita frequência, somente algumas vezes os professores buscavam praticar algo diferenciado,

[...] as aulas que tinham mais frequência eram as aulas de ciências, por conta do clube de ciências, essa sim acontecia em outra sala, mas também não era permanente, aconteciam somente quando havia aulas práticas, e isso ocorria muito raramente⁷¹.

Segundo o Relatório de Inspeção Federal, realizado em 30 de junho de 1959 (ver anexo 02), havia, além das seis salas para as aulas, uma para a disciplina de ciências, uma onde funcionaria a biblioteca, uma para os professores, uma para a secretaria, uma para as aulas de geografia e história, uma para as aulas de desenho, uma para as aulas de Línguas vivas e uma onde funcionariam as aulas de trabalhos manuais, totalizando 14 salas à disposição do GA, todas contendo uma área de 37, 95 m². As salas haviam sido projetadas no formato retangular, com janelas dispostas no melhor eixo, permitindo a entrada da luz, tanto pela esquerda, quanto pela direita, seguindo as disposições dos alunos em sala, além do isolamento de barulhos. Toda a estrutura do prédio havia sido projetada para que os alunos fossem observados enquanto estivessem nas salas e que não pudessem ver quem os observava.

Às vezes nós percebíamos que a professora Rosália estava passando, mas não tínhamos a certeza se ela estava ali mesmo ou não, ou seja, nós éramos vistos, mas não víamos quem estava nos vendo⁷².

Segundo a professora Rosália, era uma necessidade observar os alunos, para manter a ordem e a disciplina.

O padre Luciano também fazia isso, ele entrava no GA e ia olhar os alunos, fazia questão de dar uma volta pelos corredores, não era sempre não, mas quando podia ele fazia isso, saía de sala em sala,

⁷¹Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

⁷²Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

olhando, observando se tudo estava em ordem, era uma necessidade, para manter a disciplina era preciso se impor⁷³.

Eu achava isso desnecessário! Primeiro que se você trabalha com adolescentes você tem que manter com eles certa confiança, tem que acreditar que eles podem se comportar, é claro que alguns casos devem ser realmente repensados, mas no geral, temos que saber como lidar com eles, acreditar neles e principalmente confiar, se isso acontece, não precisa punir ou ficar pelos cantos observando, isso eu não concordava⁷⁴.

A formação inicial da professora Rosália, conforme já mencionado, havia sido em Educação Física, fato que lhe proporcionou uma educação forte, rígida, voltada também para a moralização do corpo e do espírito, o que significa dizer que,

[...] a educação moral estaria acima de toda questão científica e só poderia ser realizada com preceitos da religião, pois, a formação moral era também proposta como finalidade principal da escola secundária [...], na escola secundária deveria ter lugar a preparação moral das elites dirigentes, na forma de uma elevada moral social traduzida no conhecimento dos fins coletivos e nacionais (CARVALHO, 1998, p. 249-250).

Embora Rosália também lecionasse Francês no GA, a formação inicial em Educação Física fica evidente quando relacionada à sua postura, destacada pelos alunos como, rígida, forte e, em alguns casos autoritária. Além dessa projeção, havia outras questões, como, a acústica das salas, pois essas também deveriam facilitar a comunicação entre professores e alunos sem que isso atrapalhasse as outras salas. “Não havia conversas, não havia esse negócio do professor estar dando aula, e o aluno conversar em sala, nós nos comportávamos, e principalmente, respeitávamos os professores⁷⁵”. O GA possuía ainda uma biblioteca com uma quantidade de 1000 exemplares catalogados (ver anexo 03), essa quantidade de livros era suficiente para atender as duas camadas de alunados. “O GA tinha uma excelente biblioteca, nós adorávamos quando os professores nos levavam para lá, normalmente era a professora Carmelita, mas os outros também levavam⁷⁶”.

Além da biblioteca, outro fator também impressionava os alunos, era a questão de o prédio ser novo, e bem localizado, o que lhe proporcionou ter sido bem avaliado quanto às questões de salubridade como poeiras e sujeiras nas ruas, fato

⁷³Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 28 de agosto de 2015.

⁷⁴Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

⁷⁵Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

⁷⁶Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

inexistente à época. Além disso, não havia vizinhos, nem passavam carros de propaganda, o que garantia uma boa qualidade sonora durante as aulas. O terreno era plano, protegido contra erosões, contendo um sistema de escoamento de água satisfatório. Havia uma área coberta de aproximadamente 330, 00 m² exclusiva para as atividades físicas, o que garantia seu funcionamento tanto em dias de chuvas quanto em dias de sol muito forte, não precisando que as aulas fossem interrompidas, além dessa, havia ainda uma área livre de aproximadamente 695, 50 m², toda revestida de grama. Quanto à segurança dos alunos, o estabelecimento possuía uma entrada principal (e duas secundárias), que dava para um *hall* de onde os alunos se dirigiam para suas salas, transitando pela área coberta que dava acesso a todas as salas de aula.

O GA disponibilizaria aos seus alunos uma educação diferenciada, isso poderia ser observado também a partir da preocupação com a qualidade das aulas, pois havia salas dispostas às disciplinas de geografia e história, ciências naturais, línguas e desenhos, com materiais apropriados para as aulas práticas (ver anexos 04). A partir da verificação, iniciou-se então a contratação dos professores que iriam compor o quadro de funcionários do GA. Para isso, era preciso que esses novos professores tivessem seus registros no Ministério da Educação e Cultura/MEC – de acordo com documentação apresentada (ver anexo 05).

Na relação apresentada constam professores com registros definitivos de licenciados pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e professores com o registro em andamento no MEC conforme nº de protocolo apresentado. Estudo da documentação apresentada com o pedido de verificação prévia para o funcionamento de Estabelecimento de ensino secundário. Ministério da Educação e Cultura. (RELATÓRIO DE INSPEÇÃO FEDERAL, 1959).

A partir dessa solicitação, os professores seguiram com os atestados de idoneidade⁷⁷, para comprovar seu caráter moral perante a sociedade. Além dos professores, o padre Luciano Duarte também teve que comprovar sua idoneidade (ver anexo 06). Apresentando documentação.

Atestado de Idoneidade Moral: Atestamos que o professor Dr. Luciano José Cabral Duarte, possui completa idoneidade moral e social. Aracaju, 26 de junho de 1959. Tendo como testemunha o Dr. José Rollemberg Leite (Registro no MEC nº 9949) e o Dr. José Silvério Leite Fontes (REGISTRO NO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, nº 11.479, 1959).

⁷⁷Segundo a professora Rosália em entrevista, esse documento corresponde hoje ao “atestado de bons antecedentes”, fornecido pela Polícia Civil ou Federal.

Após a apresentação do atestado de idoneidade, esses professores deveriam também declarar, mediante documentos, que estariam comprometidos com o Ginásio de Aplicação (ver anexo 07). Esses professores assinaram um termo declarando que iriam lecionar no GA, e se comprometendo com as normas e as metodologias desenvolvidas neste estabelecimento. Como exemplo, temos um atestado assinado pela professora Cândida Vieira Ribeiro que lecionaria Canto Orfeônico.

Declaro, para os devidos fins, que lecionarei Canto Orfeônico, em 1960, no Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em Aracaju, Estado de Sergipe, uma vez seja este estabelecimento autorizado a funcionar. Aracaju, 23 de junho de 1959. Assina ao final. Cândida Vieira Ribeiro (ATESTADO DE IDONEIDADE 1959).

Todos os professores deveriam assinar se comprometendo com o GA, só assim o padre Luciano Duarte poderia abrir inscrições para as matrículas, mostrando à sociedade a qualidade de seu corpo docente. Esse acordo entre professores e direção era a garantia da qualidade de suas aulas, “o GA tinha uma coisa fantástica, que era o quadro de professores, nós não tínhamos referências, nossos espelhos eram os professores, eles tinham uma moral íntegra [...]”⁷⁸. Após todas as exigências terem sido atendidas, o GA, enfim abriu inscrições para sua primeira turma de alunos.

2.5- O exame admissional do Ginásio de Aplicação...

Serão abertas, na nossa Faculdade Católica, as inscrições para os exames de admissão ao Ginásio de Aplicação. Ao mesmo tempo, será iniciado naquele estabelecimento, um curso de preparação para os referidos exames, ministrado por professores da Faculdade (A CRUZADA, 05/12/1959, nº 1.120).

Foi com essa notícia que o GA anunciou-se ao público. O exame admissional era, naquele momento, a única garantia de acesso ao GA, no entanto, esse estabelecimento educacional não era o único a utilizar desse instrumento de acesso. Essa forma de entrada propiciava uma “disputa” entre os principais colégios da capital. E essa “disputa” era amplamente divulgada nos meios de comunicação, além de seus

⁷⁸Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

curso preparatórios, também divulgavam seus exames admissionais, como por exemplo.

Curso Pré-vestibular. O presidente do Centro Acadêmico “Silvio Romero” avisa aos interessados que a partir do dia 1º de dezembro, funcionará na Faculdade de Direito, um curso pré-vestibular para os que pretendem ingressar naquela escola. O curso é inteiramente gratuito. Os interessados deverão se inscrever na portaria da Faculdade de Direito, diariamente de 8:00 as 12:00 horas. Aracaju – 17 de novembro de 1959. Assinado Francisco Melo de Novais – Presidente. (A CRUZADA, 21/11/1959, nº 1.112).

O Educandário de “Santa Zita”, à Rua de Propriá nº 386 tem o grande prazer de comunicar aos senhores pais de família que abrirá as suas portas para matrículas de crianças ao curso Primário, com mestras jovens, mas eficientes. Recebem-se meninos externos e semi-internos. A Direção. (A CRUZADA, 05/12/1959, nº 1.120).

A diretoria do Colégio Patrocínio de São José avisa às pessoas interessadas que as matrículas para o Jardim de Infância e curso preparatório já se encontram abertas e o início das aulas será no dia 12 de fevereiro. [...] Durante o mês de janeiro será dado um curso e preparação para os candidatos ao exame de admissão ao curso Ginásial [...]. Matrículas para o curso ginásial e pedagógico a partir do dia 02 de fevereiro. Qualquer informação poderá ser dada na secretária do estabelecimento [...]. Irmã Maria Carmelita da Ascensão. (A CRUZADA, 17/01/1959, nº 1.074).

Educandário João Henrique Pestalozzi: Direção – Professoras Maria Lúcia da Silva e Graziela Maria da Silva. Cursos diurno e noturno; pré-primário; primário; admissão. Aulas de Taquigrafia, português, matemática e francês para alunos do curso Ginásial. Aulas práticas para concursos diversos [...]. (A CRUZADA, 03/01/1959, nº 1.073).

Além desse tipo de divulgação, alguns colégios buscavam demonstrar também os resultados de seus alunos egressos, como prova da boa qualidade oferecida à sociedade sergipana, numa forma de publicidade aos futuros candidatos. Dentro dessa proposta, o Educandário Imaculada Conceição divulgou os nomes dos seus alunos e os colégios por eles escolhidos para dar seguimento aos seus estudos.

[...] Resultado dos exames de admissão a que se submeteram os alunos do Educandário Imaculada Conceição sob a direção das professoras Maria Carlota de Melo e Maria Lúcia de Melo Dantas nos diversos Ginásios da Capital. Colégio Estadual de Sergipe: Antônio Ângelo Azevedo Melo – 8,3 (1º lugar); Geraldo Múcio Cardoso Buarque – 8,3 (1º lugar); Zilda Lima – 6,3; Raimundo Nonato Vieira de Araújo – 6,3; Ilma Menezes Santana – 6,1. Ginásio Jackson de Figueiredo: Maria Isabel Fernandes Valente – 8,3; João de Araújo Monteiro Filho – 8,0; Ginásio Nossa Senhora de Lourdes: Ana Lúcia Queiroz Menezes – 7,4. Ginásio Pio Décimo: Maria Virginia Menezes Junqueira – 9,12 (1º lugar); Teresa Selma Moura Cavalcante – 7,25;

Maria Amélia Freire Sacramento – 6,62. Não houve reprovação (A CRUZADA, 24/10/1959, nº 1.114).

Não diferente da maioria, o GA, também publicou o anúncio de sua primeira prova admissional, a realizada em novembro de 1959, com o título de “Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe”.

Edital nº 1

Transmite instruções sobre os exames de admissão à 1ª série ginasial.

De ordem do Senhor Diretor torna público para conhecimento dos interessados que estarão abertas as inscrições aos EXAMES DE ADMISSÃO à 1ª SÉRIE GINASIAL, desde o dia 16 até o dia 30 de novembro inclusive. Os exames realizar-se-ão na primeira metade do mês de dezembro, de acordo com o disposto no art. 1º da Portaria nº 282, de 23 de agosto de 1957. “Os candidatos não aprovados em exames de admissão, em um estabelecimento, não poderão repeti-los, em outro, na mesma época, sob a pena de nulidade dos atos praticados” (Port. 501, de 19. 05. 1952). Para a inscrição dos candidatos aos exames de admissão será exigida a seguinte documentação: 1º- Requerimento firmado pelo candidato ou por seu responsável, dirigido ao diretor do estabelecimento, com a declaração de que não se inscreveu, nem se inscreverá em exames de admissão em outro estabelecimento na mesma época; 2º- Prova de idade em que se verifique ter o candidato 11 anos completo ou a completar até o dia 31 de julho seguinte; 3º- Provas regulamentares de sanidade física e mental e de imunização antivariólica; 4º- Certificado de conclusão do curso primário oficial ou atestado idôneo de haver recebido satisfatória educação primária (Port. 501, art. 2º § 4º) Outras informações poderão ser fornecidas na secretaria do estabelecimento, à Rua Campos, nº 177, não sendo possível responder para tais casos por telefone. Secretaria do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, 15 de novembro de 1959 (A CRUZADA, 14/11/1959, nº 1.117).

O processo seletivo era bastante rigoroso e ressaltava seu poder de representação diante da sociedade sergipana, o que para Bourdieu (2013, p. 199), significa que, “nada é mais adequado que o exame para inspirar a todos o reconhecimento da legitimidade dos *veredictos* escolares e das hierarquias sociais que eles legitimam [...]”. Essa legitimidade se propagou na visão de seus ex-alunos.

O GA fez uma jogada fantástica, adotou um processo seletivo. Era como um vestibular, com provas eliminatórias, que fazia com que a entrada para o GA dependesse dessa classificação. Só aí já fazia uma triagem enorme. Eram dois aspectos, primeiro os mais bem capacitados, ou os mais bem informados da época, faziam as provas, passavam e entravam. Isso dava ao GA uma diferença que classificava você para o ensino secundário. Seguindo essa triagem, que no Sul já adotava, eram alunos de classe média e classe média alta. Ele passou

assim a ser considerado modelo, e a partir daí, estudar no GA era coisa de elite⁷⁹.

Eu fiz o processo seletivo também e era como um vestibular mesmo, alguns alunos se preparavam, mas eu não precisei. Eu fiz uma boa base no Colégio Brasília, sai bem preparado. Já estava acostumado com provas difíceis. Era muito rigoroso⁸⁰.

Eu sou da segunda turma do GA, vindo de um Colégio particular em Estância, logicamente que era o melhor Colégio da cidade, mas com todas suas deficiências de Colégio de interior [...], tanto que o GA oferecia um mês antes da realização do exame, um curso preparatório para o exame de admissão. Então eu vim para Aracaju, me afastei do Instituto Dom Quirino e vim fazer o curso preparatório. No resultado, foram selecionados 30 alunos, eu fiquei em décimo sexto, era uma vitória, estava dentro dos trintas e próximo do meio⁸¹.

Conforme dito, o GA disponibilizou um curso preparatório, no entanto alguns alunos ou se preparavam em outros estabelecimentos de ensino ou, a depender de sua base educacional, não precisavam do curso, fato comum, já que essa era a única forma de entrada na maioria dos colégios, tornando-se, assim, uma atividade corriqueira.

Existia aqui um colégio chamado Educandário Imaculada Conceição de dona Carlota, nós fazíamos o curso preparatório lá. Eu fui, estudei para me preparar para fazer as provas de admissão do GA⁸².

Conforme já foi dito, eu não me preparei especificamente, pois eu já estudava em uma escola muito rigorosa, daí eu não precisei me preparar somente para a seleção do GA, eu já estava preparado⁸³.

Eu não fiz curso preparatório não, eu estudei no Colégio Brasília, e já funcionava uma educação diferenciada, bem rígida, então não precisei fazer nenhum curso preparatório, eu fiz o admissional e entrei direto⁸⁴.

O processo seletivo do GA era muito concorrido, o que denotava uma maior credibilidade, pois conseguir aprovação era demonstrar inteligência aos olhos da sociedade. O que Bourdieu (2013, p. 202) chamou de *função social* de legitimação das diferenças de classe. Para ele, as sociedades modernas conseguem cada vez mais obter da escola que ela produza e garanta como tais, cada vez mais indivíduos qualificados [...]. “O exame garante a qualidade social que ele outorga pelo que se poderia chamar de *efeito de certificação*”. Quem participasse do exame admissional de outros colégios não

⁷⁹Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedido à autora em 15 de julho de 2015.

⁸⁰Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

⁸¹Entrevista com ex-aluno Luiz Fernando Soutelo concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

⁸²Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

⁸³Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

⁸⁴Entrevista com ex-aluna Jane Lisboa concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

poderia participar do processo seletivo nem do GA, nem de qualquer outro estabelecimento, isso era uma regra comum na época. “Às vezes nós conferíamos nos jornais, era habitual, os jornais sempre publicavam os nomes dos alunos escritos nos exames de admissão dos colégios, assim ficava mais fácil⁸⁵”.

Quanto a essa questão, Bourdieu (2013, p. 312) afirma que.

Os mecanismos objetivos que permitem às classes dominantes conservar o monopólio das instituições escolares de maior prestígio se escondem sob a roupagem de procedimentos, de seleção, inteiramente democráticos, cujos critérios únicos seriam o mérito e o talento, e capaz de converter aos ideais do sistema os membros eliminados e os membros eleitos das classes dominadas [...].

Assim, o mercado escolar tende a sancionar e a reproduzir a distribuição do capital cultural fazendo com que o êxito escolar seja proporcional à importância do capital cultural legado pela família. Conforme o livro de abertura do primeiro exame de admissão do GA da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, assinado pela Inspectora Federal Celina Oliveira Lima e a diretora Rosália Bispo dos Santos, temos os seguintes candidatos.

Maria das Graças Melo Garcez; Eduardo Silveira Leite; Cecília Maria de Freitas Barreto; Tânia Falcão Carvalho; José Valter Nunes de Siqueira; Álvaro José Paes Moreira; Roberto Moraes de Almeida Mesquita; Antônio Renato de Melo Garcia Moreno; Edgard d'Ávila Melo da Silveira; Maria José Costa Andrade; Heloísa Rezende Machado; Maria da Conceição Sobral Garcez; Aroldo Firpo Andrade; Júlio Vieira Prado; Sérgio Petessen Botto de Barros; Vera Lúcia Santos Costa; Eliana Costa Lima Rezende; Vera Lúcia Sobral; Eliana Andrade Porto; Tânia Maria Pires Sarmiento; Jussara Fontes Aragão; Maria Auxiliadora de Oliveira; José Maria de Oliveira Neto; Maximino Prado Ribeiro; Osvaldo Gilson Fonseca Costa⁸⁶.

Após as inscrições, o primeiro exame admissional ocorreu na primeira semana de dezembro de 1959. Dentro do plano educacional do GA, as turmas não ultrapassariam 25 alunos. Essa era mais uma diferença na metodologia do GA, o que tornava naquele momento um fator decisivo para despertar, nos pais, o interesse em colocar seus filhos nesse estabelecimento educacional, pois uma turma com poucos alunos propiciava um melhor rendimento do aprendizado. Neste momento, a educação particular em Aracaju estava passando por uma situação complicada. Um surto no

⁸⁵Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

⁸⁶Livro de abertura dos exames admissionais do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 19 de novembro de 1959.

aumento das mensalidades desencadeou uma procura por matrículas nos colégios públicos, a exemplo do Colégio Estadual de Sergipe.

[...] O diretor do Colégio Estadual o Dr. Otávio do Espírito Santo, responsabilizou o aumento das anuidades e taxas escolares, ocorrido neste ano, que provocou verdadeira corrida em massa de pais e mães de famílias, rogando matrícula para seus filhos, naquela casa oficial de ensino, por não poderem pagar os novos preços cobrados nos colégios particulares. [...] Atendendo ao apelo do Instrutor Seccional e a dolorosa situação dos pais prejudicados, [...] o senhor governador determinou por intermédio do Secretário de Educação, ampliação de emergência nas instalações do Colégio Estadual, aumentando o número de carteiras e aproveitando todas as dependências que pudessem ser adaptadas para servir como salas de aulas. [...] o Colégio vai funcionar com 1.538 alunos, a divisão em turmas, produziu um aumento de mais de 10 turmas, [...]. O número de novos professores contratados além dos já existentes foi de 13 e mais 200 carteiras [...] (A CRUZADA, 14/03/1959, nº 1.081).

Dentre os professores contratados em caráter de emergência, destacamos a professora Carmelita Pinto Fontes, que assumiu a disciplina de Português. Ela já havia lecionado no Colégio Estadual de Sergipe em 1958, apenas como professora temporária, substituindo um professor que havia ficado doente. Em 1959, por conta da demanda de alunos, houve a necessidade de aumentar o quantitativo de professores, houve então a contratação da professora Carmelita, assumindo a disciplina de português em uma turma no curso ginásial com cinco aulas semanais, com vigência de um ano, contado a partir de 1º de março de 1959.

O problema do aumento das mensalidades só se normalizou com um anúncio do então presidente da República, Juscelino Kubitschek, determinando que o acréscimo de 35% permitido pela Portaria do Ministério de Educação, sobre os níveis do ano passado, fosse reduzido ao máximo de 10%. Segundo reportagem do Jornal “A Cruzada”, alguns estabelecimentos educacionais elevaram os preços a mais de 50%, a exemplo do Educandário da Rua Maruim, que de 230 cruzeiros mensais cobrados no curso primário em 1958, passou a cobrar Cr\$ 350,00, ou seja, 52,17% a mais, sem que nenhuma providência neste e noutros casos fossem tomadas pelas autoridades competentes (A CRUZADA, 14/03/1959, nº 1.081).

Era notadamente uma “Indústria do Ensino”. Verificam-se gerais reclamações em Aracaju, contra a indústria do ensino, que diversos colégios desta capital estão explorando com resultados altamente lucrativos, embora o nível de rendimento escolar nem sempre seja satisfatório. Alegam ainda, muitos, que apesar dos altos preços cobrados nos colégios, os salários dos professores mantem-se baixos,

dando lugar a situações de desinteresses no preparo das lições e faltas repetidas do professor às aulas com prejuízos para os alunos. Este problema, entretanto, manifesta-se mais acentuado no ensino de grau médio e superior, embora com menos intensidade, também se verifica no ensino primário (A CRUZADA, 14/03/1959, nº 1.081).

Essa “indústria do ensino” proporcionava uma corrida por novos alunos, desencadeando uma forte concorrência na educação, fato comprovado, pois, após anúncios da inauguração do GA, os principais colégios, que já tinham seus nomes firmados na capital, buscaram ampliar seus espaços a fim de garantirem ainda mais sua credibilidade. O Ginásio Jackson de Figueiredo, por exemplo, buscou realizar algumas melhorias em seu espaço físico, visando destaque perante a sociedade. Tendo ciência que o GA funcionaria a partir de março, o Jackson de Figueiredo antecipou a reinauguração de suas novas dependências.

[...] Em fevereiro de 1960 o seu Ginásio inaugurará um campo para prática de esportes, mais dois salões e um dormitório para 40 alunos. Instalação do refeitório que atende plenamente aos requisitos modernos. Quanto à religiosidade, o Ginásio encontra-se bem amparado. O ginásio Jackson de Figueiredo procurando cumprir o seu lema que é “instruir e educar”, busca formar o caráter dos seus alunos através da educação religiosa, respeita a crença paterna. Pertencendo a quase totalidade dos alunos à religião católica, [...] muitas outras solenidades do ginásio se revestem de aspectos religiosos que contribuem para que os alunos desenvolvam as suas faculdades intelectuais dentro de um ambiente moral solidificado pela religião (A CRUZADA, 05/12/1959, nº 1.120).

A busca por melhorias, a inauguração um mês antes do GA, e a reafirmação religiosa, deixa claro as intensões do Ginásio Jackson de Figueiredo em se manter ativo na sociedade sergipana. Autoafirmação de credibilidade social frente a mais nova “concorrência”, uma vez que o GA tinha como base afirmativa a presença marcadamente religiosa, tanto do padre Luciano Duarte, como da arquidiocese de Aracaju e claro a credibilidade já estabelecida pela FCFS. O que para Chartier (1990), significa que, as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepções do real. As representações são variáveis, segundo as disposições dos grupos ou classes sociais, e aspiram à universalidade, mas, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para

os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

A fim de legitimar a nova imagem do Ginásio, a direção buscou realizar uma reunião com os futuros professores, na intenção de creditar sua metodologia, e seus conceitos educacionais, tendo a presença do padre Luciano Duarte. Os principais pontos discutidos foram: metodologia, material didático, mensalidades dos alunos, fardamentos, além de discutir sobre o valor dos salários dos professores.

Realizada no dia 05 de março de 1960, às 15:00 horas a primeira reunião de pais e mestres do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Dentre os pontos discutidos, encontram-se questões sobre salário que infelizmente seria abaixo da média, uma vez que a receita ainda era pequena, tratou-se de questões de metodologia, a importância das aulas bem explicadas para que não houvesse a necessidade de contratar explicadores. A reunião seguiu analisando principalmente questões de metodologia. As aulas deveriam ser grandiosas, o aluno teria que aprender de forma complementar, ou seja, uma disciplina completando a outra (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DO GA, 05/03/1960).

Estavam presentes na reunião os seguintes professores, Manoel Lacerda, Adelci Figueiredo, Nalda Xavier de Oliveira, Iara Silveira Teixeira, Rosa Maria Nascimento Freire, Maria José Pizze de Menezes, além da Inspectora Federal, Celina Lima de Oliveira, sendo presidida pela diretora, Rosália Bispo dos Santos. A reunião teve início esclarecendo qual a razão de ser do GA em nossa terra, referindo-se ao ensino nos ginásios ofertados aqui, em Sergipe, e a necessidade de que os alunos tenham bons esclarecimentos nas aulas, a fim de não precisar contratar explicadores⁸⁷. A preocupação da diretora era que o ensino fosse realmente perfeito, que houvesse uma aproximação entre professores, alunos e os pais, para que houvesse um maior aproveitamento entre os estudantes e que o estabelecimento fosse elevado ao mais alto nível de credibilidade social.

Durante a reunião, Rosália citou sua experiência vivida durante o período do curso que ela participou no Colégio de Nova Friburgo no Rio de Janeiro e destacou o entrosamento entre os membros do Colégio e os alunos, algo que ela muito admirou. Dessa forma, ela esperava que o GA, pudesse oferecer à sociedade essa nova forma de relacionamento entre alunos/pais/professores, dentro do ambiente escolar. Para isto, segundo Rosália, seria preciso observar os planos de estudos, adaptados ao meio que o

⁸⁷Entendemos aqui como explicadores, professores particulares, ou aulas extras para alunos que estivesse relativamente com dificuldades nas aulas. Entrevista com Carmelita Pinto Fontes, 2015.

GA está inserido, e seguir o que rege seu Regulamento Interno, principalmente no capítulo VIII, artigo 20.

Auxiliar os alunos a conhecer as oportunidades educacionais da cidade, do Estado e do País. Levar os alunos a conhecer as oportunidades educacionais da cidade, a conhecer as profissões e a compreender os problemas do trabalho de forma que possam preparar-se para a vida na comunidade. Auxiliar os alunos na construção de seus objetivos educacionais. Zelar para que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos decorram em condições de mais convivência pedagógicas [...] (REGIMENTO INTERNO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1960).

Buscando realizar estes e outros objetivos, o GA, iniciou suas atividades em 30 de março de 1960. Seus alunos vivenciariam, a partir de então, as novidades educacionais tão esperadas pela sociedade sergipana, que via no Ginásio mais uma oportunidade de enriquecimento intelectual, social e, principalmente, moral, pois, a educação moral visaria a elevação espiritual da personalidade humana, buscando incutir nas crianças e nos jovens a confiança no próprio esforço, despertando nestes,

[...] o hábito da disciplina, o gosto da iniciativa, a intrepidez e a perseverança na ação, a dignidade na alegria e no infortúnio, e ainda a solidariedade para com a família, a generosidade para com o próximo e o amor a Deus. (HORTA, 1994, p. 232).

Uma vez que sendo este estabelecimento um agente mediador de uma educação que funcionaria sob os princípios da Igreja, as famílias conservadoras da elite sergipana teriam, além de um espaço de confiança e credibilidade, um lugar onde seus filhos receberiam uma educação completa.

2.6- As ações pedagógicas do Ginásio de Aplicação...

Fotografia 13. Primeira turma de alunos do GA, 1960.



Fonte: (NUNES, 2012, p. 56).

Na fotografia acima, referente à primeira turma de alunos, localizamos a professora Rosália Bispo dos Santos na segunda fila a esquerda, seus alunos dispostos em fila lado a lado demonstrando a imagem de organização que a professora Rosália buscou aplicar em sua gestão. Outro fator importante era o fato do GA proporcionar ao aluno uma vivência maior com os acadêmicos da FCFS, uma vez que o GA era campo de estágio desta instituição. Os alunos conviviam em um ambiente de formação superior, “a gente respirava o ar da Faculdade, nossos anseios circulavam em torno da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe⁸⁸”. Segundo o seu Regimento Interno, no capítulo VIII, consta “a proposta de auxiliar o aluno na consecução de seus objetivos

⁸⁸Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

educacionais”, evidenciando e valorizando os princípios educacionais do aluno, essa era uma das atividades principais de sua proposta educacional.

Havia no GA uma coisa que eu achava interessante, que era a direção, na pessoa de Rosália Bispo dos Santos. Havia um estímulo aos alunos, para que eles se direcionassem muito mais próximos da sua área de interesse. Por exemplo, eles viram que eu não era aluno de jogar futebol, sempre fui péssimo aluno de educação física, então ela me estimulou para outra área, e qual área? Escrever para o jornal mural do colégio, que ficava no pátio, exposto⁸⁹.

A busca por valorizar as aptidões pessoais dos alunos foi introduzida pela diretora Rosália já nos primeiros momentos de funcionamento do GA. Em sua primeira reunião, essa nova metodologia foi solicitada como ponto principal a ser seguido por todos os professores. Para ela, a educação deveria ser “uma educação voltada para a qualidade do aprendizado e não somente para adquirir boas notas”. Essa aproximação entre professores, alunos e pais de alunos foi mais uma proposta sugerida e implantada pela direção, buscando um maior aproveitamento entre os estudantes e uma melhoria no nível do estabelecimento. Essa metodologia foi vivenciada por Rosália, durante o curso no Colégio de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Outra técnica diferente para a época partiu de seu supervisor, o padre Luciano Duarte. Para ele, os professores deveriam trabalhar com a metodologia do Co-Currículo. Segundo Ferretti (1995) esse sistema é denominado de Core-Currículo, trata-se de um tema relacionado ao conceito de inovação e sua influência no currículo educacional. Segundo ele, seria uma proposta de mudança na padronização curricular que se limitava aos conteúdos compartimentalizados das disciplinas, toda via é necessário ressaltar que.

Além da integração, alguns dos modelos identificados (“o Core-Currículo” e o “currículo de atividades”) propõem, também, a mudança do tipo de conteúdo a ser abordado – ao invés de ser determinado pela organização dos campos do conhecimento humano, propõem que seja pelos fenômenos sociais ou pelos interesses e necessidades dos alunos. Nesse sentido inovar, do ponto de vista da organização curricular, tem significado a proposição de conteúdos que derivam de outros referenciais que não o conhecimento específico compreendido pelas disciplinas (FERRETI, 1995 *apud* NUNES, 2012).

A proposta desse projeto era justamente a interação entre professores e alunos, segundo a professora Carmelita, essa técnica foi trazida pelo padre Luciano

⁸⁹Entrevista com ex-aluno Luiz Fernando Soutelo concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

Duarte a partir de sua viagem à Europa, “o padre Luciano tinha retornado da França cheio de ideias, como todo mundo que viaja para fora. Quando retornou, ele trouxe essa ideia, de implantar o sistema do Co-Currículo⁹⁰”.

Eu lembro que eu fiz duas apresentações: uma sobre “mulheres famosas na história”. Eu peguei várias mulheres em períodos diferentes da história, apresentei uma pequena biografia, exemplo: Cleópatra, Maria Antonieta, Madame Kerry, e assim fazia as apresentações. A outra apresentação foi sobre “A conquista de Sergipe”. Essa última foi tão interessante, que a professora de história (isso já foi no terceiro ano do ginásio, ou seja, em 1963), Maria Auxiliadora, e me levou para apresentar na turma de Ginásio que ela lecionava no Atheneuzinho⁹¹.

Esse sistema fazia parte das atividades desenvolvidas em sala de aula, o professor da matéria selecionava entre oito ou dez assuntos diferentes, e os alunos escolhiam quais eles queriam apresentar e como iriam fazer essa apresentação. A proposta era deixar o aluno livre, se algum aluno não quisesse participar, não participaria. Assim, os alunos que escolhiam participar, marcavam a data e dentro daquela aula apresentavam. Essas apresentações eram pontuadas através de notas. Não eram notas fechadas, era sempre um terço do valor das notas das provas e os outros alunos poderiam dar sugestões, para melhorar o desempenho daquele aluno, no entanto o valor da nota era sempre determinado pelo professor da matéria.

Mas, é claro que a maioria dos alunos, escolhiam participar, era algo diferente, aluno gosta de coisa diferente. Em minha matéria, por exemplo, os alunos apresentavam também para os estagiários, pois eu era professora de Didática, então sempre tinha alunos da Faculdade de Filosofia em minhas aulas. Uma aluna chamada Clara Angélica, escolheu a disciplina de Arte, ela tocava muito bem, escolheu música e apresentou duas aulas⁹².

Esse projeto era muito inovador para a época, seria o que hoje chamaríamos de pedagogia de projetos. Segundo a professora Carmelita, um aluno de nome Eduardo Walter Bastos, escolheu falar sobre as colunas gregas, um assunto muito complicado para um aluno de onze anos de idade, mas ele apresentou muito bem, em dois horários para não interromper o que ele estava apresentando. Além dessa atividade, os alunos eram envolvidos em outras, como por exemplo viagens às cidades históricas do Estado. Em sua primeira reunião de professores, a diretora deixa claro a razão pela qual iria adotar essa metodologia “apresentou a diretora a ideia de planejar excussões em cidades

⁹⁰Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

⁹¹Entrevista com ex-aluno Luiz Fernando Soutelo, concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

⁹²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

históricas, com a finalidade de começar a despertar nos alunos o interesse pela cultura de sua terra⁹³”. Apesar de ter sido uma proposta sugerida por Rosália já na primeira reunião, essa metodologia não iniciou no primeiro ano do GA, só, efetivamente a partir da incorporação da professora Carmelita, no ano de 1961.

Eu sou da cidade de Laranjeiras, e uma vez dando aula, falei sobre Laranjeiras aos alunos, e eles começaram a me questionar sobre como era a cidade, pediram para visitar, eu organizei tudo, o ônibus, as autorizações dos pais dos alunos e fomos⁹⁴.

Após as excussões, os alunos deveriam fazer trabalhos dissertativos sobre o local visitado, e apresentar em sala, interligando com as atividades desenvolvidas durante as aulas, para que não parecesse que eram apenas passeios. Essas atividades diferentes estimulavam o aprendizado do aluno, proporcionando uma interação maior entre o conteúdo discutido em sala e o que eles vivenciaram durante os passeios. Na fotografia abaixo podemos ver a turma do GA em um dos seus passeios.

Os passeios eram muito bons. Eu lembro bem que íamos muito ao parque do Imbura, íamos também à cidade de Laranjeiras, e na cidade de Capela. Em Capela visitávamos um Colégio de Freiras. Sempre acompanhados da diretora dona Rosália e da secretária, além de alguns professores⁹⁵.

⁹³Ata da primeira reunião de professores do Ginásio de Aplicação em 1960.

⁹⁴Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

⁹⁵Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro, concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

Fotografia 14: Turma do Ginásio de Aplicação, 1961 em excursão



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

Todas essas metodologias inseridas no GA ocorreram justamente num período de adaptações educacionais. Havia acabado de entrar em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB, promulgada a partir do Decreto-Lei número 4024/61, mas que, no entanto, não fixava um currículo específico para o ensino secundário. Ela determinava, apenas, em seu artigo 45, que deveriam ser oferecidas ao todo nove disciplinas, para os primeiros quatro anos e que, além das práticas educativas, não poderiam ser ministradas menos que cinco, e nem mais que sete, em cada série. Isso alteraria seu quadro de disciplinas⁹⁶, pois em seus dois primeiros anos de funcionamento o GA contava com as seguintes disciplinas.

⁹⁶Brasil. Decreto-Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. LDB. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional, 1961.

- 1960: Português, Latim, Francês, Matemática, História do Brasil, Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Música e Canto Orfeônico e Religião (LIVRO DE REGISTROS DE DISCIPLINAS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1960).

A partir de 1961, conforme já mencionado, o GA seguiu acrescentando uma série a cada ano sucessivamente.

- 1961: Português, Latim, Francês, Inglês (apenas na 2ª série), Matemática, História do Brasil (apenas na 1ª série), História da América (apenas na 2ª série), Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Música e Canto Orfeônico, Religião (LIVRO DE REGISTROS DE DISCIPLINAS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1961).

Observa-se que nesta nova grade curricular o GA acrescentou a disciplina de História da América na 2ª série e retirou História do Brasil também na 2ª série, possibilitando, assim, ao aluno, um conhecimento de uma História Geral das Américas. A partir de 1962, o GA deu início às atividades com sua primeira turma ginásial acrescentando gradativamente uma série a cada ano. Após a implantação da LDB o GA precisou adaptar-se às novas determinações curriculares.

- 1963: Português, Francês, Inglês (nas 2ª e 3ª séries), Matemática, Ciências (nas 1ª e 2ª séries), História do Brasil, Geografia e Desenho (apenas na 3ª série) (LIVRO DE REGISTROS DE DISCIPLINAS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1963).
- 1964: Português, Francês (nas 1ª e 2ª séries), Inglês (nas 2ª e 3ª séries), Matemática, Ciências (nas 2ª e 3ª séries), História do Brasil, Geografia, Latim (apenas na 3ª série) (LIVRO DE REGISTROS DE DISCIPLINAS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1964).
- 1965: Português, Francês, Inglês (nas 2ª, 3ª e 4ª séries), Matemática, Ciências (nas 1ª, 2ª e 4ª séries), História do Brasil, Geografia (nas 1ª, 2ª e 3ª séries) e Latim (nas 3ª e 4ª séries) (LIVRO DE REGISTROS DE DISCIPLINAS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1965).

Nessa nova conjuntura, observamos que, permaneceram as principais disciplinas de humanas, além das disciplinas de exatas, excluindo a disciplina de Latim no ano de 1963, e nas primeiras séries do ano de 1964, retornando apenas no ano de

1965 nas duas últimas séries. Além do Latim, outra disciplina que foi excluída no ano 1964 e 1965, foi Desenho, constando apenas na terceira série no ano de 1963. Infelizmente, os registros referentes ao ano de 1962 não foram localizados, fato que dificulta um comparativo relacionado a outras disciplinas. No ano de 1963, por exemplo, a disciplina de História da América deixou de ser ofertada, isso nos impossibilita de informar com mais clareza se sua ausência está relacionada à implantação da LDB ou se outros fatores provocaram sua exclusão.

Além das disciplinas, outro diferencial apresentado à sociedade sergipana estava relacionado com seu quadro de professores que, segundo a visão do aluno, eram sempre professores muito bem assíduos, e de moral inabalada.

O GA tinha uma coisa fantástica que era o quadro de professores, nós não tínhamos referências, nossos espelhos eram os professores, eles tinham uma moral íntegra, se um professor cometesse algum erro, ele era expulso automaticamente e todo mundo ficava sabendo o que aconteceu, o GA tinha uma transparência, [...] no cotidiano ele tinha essa transparência⁹⁷.

Os professores eram pessoas muito competentes, hoje eu agradeço o que sou como profissional, eu agradeço a cada um deles, porque mesmo que eu não gostasse da disciplina, mas todos eram altamente competentes, responsáveis, pontuais em tudo, havia uma cobrança, que não era uma cobrança que aterrorizasse o aluno, era uma cobrança normal para manter a disciplina, que é o que espera em qualquer ambiente escolar, que o aluno respeite os professores, eu não vivenciei em minha época grandes problemas de indisciplinas nem de desacato ou de desrespeito com os professores, eu não lembro⁹⁸.

O comentário dos alunos sobre a integridade dos professores justifica o pedido de “Atestado de Idoneidade” solicitado pelo padre Luciano Duarte, durante as preparações para inauguração do GA, buscando averiguar se aqueles professores teriam algumas pendências perante a sociedade. Essa, seria mais uma garantia de qualidade educacional oferecida à sociedade pelo GA. Outro diferencial ofertado aos alunos era essa transparência comentada pelo ex-aluno sobre as ações administrativas.

Rosália era mais forte, a personalidade dela, era forte mesmo! Com os empregados, com os funcionários, os “bedéis”, como chamavam na época, hoje são inspetores. Ela era administrativamente muito forte⁹⁹.

Ela tinha um jeitão! No fundo muito bondosa, na verdade ali era mais uma capa, eu acho que uma defesa, de uma timidez [...]. O

⁹⁷Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

⁹⁸Entrevista com ex-aluna Jane Lisboa, concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

⁹⁹Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro, concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

interessante é que ela era muito participativa em tudo que acontecia dentro do GA¹⁰⁰.

A professora Rosália eu me lembro da postura dela, ela era extremamente profissional, rígida, dura às vezes, porém quando precisávamos dela, ela sempre esteve presente, não me lembro de ouvir ou ver da professora Rosália alguma coisa que não fosse a favor do aluno, só se fosse algo muito difícil, se fosse alguma coisa que ela não pudesse mesmo resolver, mas mesmo assim, ela tentava e dava uma resposta, um retorno. Nunca deixava o aluno sem uma resposta dela. Isso era uma postura dela mesmo, uma professora exemplar¹⁰¹.

Essa força da professora Rosália observada pelos alunos, talvez fosse interpretada pelos funcionários de outra forma, pois em reunião no ano de 1965, após a sua saída, alguns professores se manifestaram a favor de um diálogo maior entre a direção e os professores. Nesta reunião houve a nomeação da nova diretora, a professora Lindalva Cardoso Dantas. O professor Gilson mostrou que uma das maiores dificuldades no regimento do Ginásio, era a falta de diálogo entre os professores e a direção, havendo, por isso, dispersão no trabalho comum. Além dessa questão, as professoras Simone Moura e Consuelo, pediram para que não houvesse mais intervenção por parte da direção aos professores, quando estes estiverem dando aula, pois isso desmoraliza o professor na frente do aluno (ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES DO GA, 1965).

Além desses problemas, o padre Luciano Duarte destacou nessa reunião, o que, segundo ele, era o maior problema do GA, a “indisciplina”. Para ele, esse problema estaria ligado ao fato da condição financeira dos alunos, cujos pais, por esse motivo, procuram intervir no regimento interno, ou seja, perturbando muitas vezes a marcha normal do Ginásio. Isso talvez justificasse a característica da professora Rosália, afinal uma postura forte impediria as indisciplinas dos alunos. Apesar desses problemas destacados pelos professores, havia, entre os alunos, uma visão qualificadora dos professores, algo que tornava o GA um reduto de bons mestres. A implantação do sistema de “avaliação objetiva” foi algo que marcou a vida escolar desses alunos. “Alguns professores faziam provas surpresas, para testar se o aluno estava mesmo preparado, eram provas simulando provas de concursos, com gabaritos¹⁰²”.

Os professores do GA faziam uma coisa incrível, faziam com que a gente aprendesse a pensar, tivéssemos um ponto de vista, tivéssemos

¹⁰⁰Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹⁰¹Entrevista com ex-aluna Jane Lisboa, concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

¹⁰²Entrevista com ex-aluno Luiz Fernando Soutelo, concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

uma opinião, nós formávamos nossa própria interpretação, ou definição daquilo que estava sendo apresentado. Havia a parte dogmática, claro, mas os professores alucinavam na sala de aula, viajando, ensinando e a gente acompanhando. As aulas variavam muito, às vezes em sala, outras vezes no pátio [...]. O GA era realmente moderno para a época¹⁰³.

A partir de 1961, Carmelita passou a integrar o quadro de funcionários do GA e, juntamente com ela, outras inovações também foram introduzidas e algumas divergências também. Buscando estimular os alunos pelo gosto da escrita, Carmelita, criou o “Clube Literário Tobias Barreto¹⁰⁴”, com reuniões frequentes, para discutir literatura. A partir desse clube, houve a criação do “Jornal Mural” semanal, uma espécie de quadro de madeira fixado no pátio do Ginásio, onde eram fixados os trabalhos dos alunos, “eles escreviam seus poemas e nós colocávamos expostos no mural¹⁰⁵”. Conforme dito anteriormente, Carmelita fazia parte do quadro de colaboradores do jornal “A Cruzada”, e sua participação no jornal, possibilitou a criação de uma coluna denominada de “Pequenos Escritores”, iniciada a partir de setembro de 1961. Essa novidade mereceu destaque no jornal, com o título de “Aos Leitores”.

A Cruzada abre, hoje, uma nova coluna, que recebe o título de “Pequenos Escritores”. Este jornal que, desde vários anos, vem se firmando através de um pensamento adulto de uma equipe que o compõe, quer, com mais esta tentativa, trazer também aos seus amigos, a palavra dos adolescentes, que acordam, nessa fase grandiosa da vida, com a beleza de sua inteligência e de sua sensibilidade. A coluna “Pequenos Escritores” levará às mãos dos seus clientes, o pensamento e a alma dos ginásianos aos qual Deus cumulou de dons especiais como – saber pensar, ver e sentir as coisas. Os fatos locais, do Brasil e do mundo, a vida com sua beleza e suas misérias, tudo será visto, comentado com a força de expressão de sua idade. Seus nomes serão declinados através de suas produções. À nova coluna os nossos votos de êxito (A CRUZADA, 09/09/1961, nº 1.218).

A partir de então, houve a publicação dos primeiros poemas dos alunos do GA. O primeiro poema a ser publicado na coluna denominado “O Sofrimento e a Criança”, de autoria de Clara Angélica Porto, 1ª série ginásial.

Era uma noite de inverso. O vento soprava forte... Nuvens espessas cobriam a lua. Estava tudo escuro. E aquela pobre criancinha caminhando em direção ao mar. As ondas batiam sem piedade nas

¹⁰³Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹⁰⁴Tobias Barreto de Menezes (1839-1989) natural da antiga cidade de Campos do Rio Real (hoje Tobias Barreto) município do Estado de Sergipe. Poeta, Filósofo, publicou diversas obras, entre elas, Dias e Noites, Os Enigmas do Universo e As Maravilhas da Vida. Patrono da Academia Brasileira de Letras com o número 38. Mais informações consultar (Cf. GUARANÁ, 1925)

¹⁰⁵Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

rochas e o barulho era de ensurdecer. Chegando a certo local a criança parou e ficou com os olhinhos arrasados de água, olhando furtivamente o mar. Por que seria? Por que esta criança tão pequenina tinha aquele olhar de sofrimento? Por quê? Essa era uma resposta que ninguém poderia dar... De repente ouviu-se um grito. As águas estavam cobertas de sangue e um corpinho flutuava (A CRUZADA, 09/09/1961, nº 1.218).

O segundo poema publicado na mesma matéria, denominado “A Árvore”, de autoria de Eduardo Sérgio Bastos, 1ª série ginásial.

A Árvore. As árvores são tão belas por todos apreciadas; e de cores tão singelas de folhas aveludadas. Árvore, ser natural, pela natureza feita; sombra amiga sem igual. A qual o viajador se deita. Nos seus galhos há um ninho cheio de vida e pureza, a gerar um passarinho... Sua cor, sua beleza, a sombra que ampara o sono, acaba tudo no outono (A CRUZADA, 09/09/1961, nº 1.218).

Nas semanas seguintes, o Jornal seguiu publicando mais poemas dos alunos do GA, destacando sempre a série, a idade e, claro, o nome do Ginásio ao qual o aluno pertencia. A partir de julho de 1962, a coluna passou a se chamar “Jovens Escritores”, o que possibilitou abertura para alunos de outras instituições, a exemplo do Colégio Estadual de Sergipe, do Instituto de Educação Rui Barbosa e até alunos do interior do Estado. Essas produções giravam em torno dos trabalhos escolares, mas também de outras escritas, como, resenhas de livros, homenagens, além de informações de interesses da juventude aracajuana.

De 1961, ano de sua criação até 1966, o que impressiona é a frequência dos alunos do GA, com destaque para os seguintes alunos: Clara Angélica Porto, Eduardo Sérgio Bastos, Fernanda Sobral, Selma Hora Silveira, Celeste Carvalho Siqueira, Adria Araújo Ramos, Carlos Augusto Barreto Satler, Miguel Roberto Seixas Chagas, Nadja da Silva Oliveira, Zênia Vieira Fortes, Maria das Mercês Monteiro, Marinho Tavares de Almeida Neto e Osvaldo Gilson Costa (NUNES, 2012, p. 90).

2.7- A Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores...

Percebendo a qualidade dos trabalhos produzidos pelos alunos, a professora Carmelita propiciou a fundação, em 17 de setembro de 1962, da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores/ASLJE. A sessão solene de inauguração ocorreu no Instituto

Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE, com a presença de autoridades, como, o senhor Antônio Monteiro de Jesus, representante do governador do Estado; a professora Rosália Bispo dos Santos; do padre Luciano Duarte; como paraninfo da turma; a professora Bernadete Galvão, diretora do Ginásio Salvador e, claro, da professora Carmelita Pinto Fontes. A solenidade foi presidida pelo professor João Evangelista Cajueiro, na época o presidente da Academia Sergipana de Letras/ASL. Os primeiros a serem empossados foram.

Eduardo Sergio Bastos (presidente). Celeste Siqueira (secretária). Fernanda Antônia Fonseca Sobral. Selma Hora Silveira. José Antônio Leite. Ádria Araújo Ramos. Carlos Augusto Barreto Satler. Maria Mercês Mandarinino Monteiro. Célia Costa Pinto. Marinho Tavares Neto. Terezinha Alves de Oliva. Zênia Vieira Fortes. Rosa Aragão Sampaio. Yara Virgínia Aragão. Clara Angélica Porto. Nadja Oliveira (NUNES, 2012, p. 91).

Desses alunos, onze pertenciam ao GA, pois a promoção da escrita proporcionada pela professora Carmelita Pinto Fontes tomou proporções bem maiores. Além dos alunos do GA, havia alunos do Colégio Estadual de Sergipe, a exemplo de Amaral Cavalcante, ex-membro da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.

Conheci Carmelita em 1964, quando eu cheguei de Simão Dias, antes eu já ouvira falar da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores pelo Rádio, e quando a Rádio Cultura cobriu a fundação da ASLJE, em uma solenidade, com a presença de Dom Luciano e outras autoridades, quando foi fundada, e como eu já mexia com letras, embora fosse um interiorano, o fato me interessou muito, porque era uma Academia, e eu poderia um dia participar. Conheci através de Ludovice José que era membro da Academia, nessa época a ASLJE já não pertencia mais ao GA, era um grupo com membros independentes de Colégio¹⁰⁶.

As reuniões aconteciam semanalmente nas casas dos próprios membros, pois não havia sede própria, segundo Amaral Cavalcante “para pertencer a Academia Carmelita fazia um teste com a pessoa que queria se candidatar e se passasse no teste, poderia então ser membro”.

Esse teste era com um poema, levava-se um texto já escrito ou produzia-se um texto na hora, eu lia se fosse interessante ou se eu visse que aquele tinha potencial para a escrita, continuava, mas não havia ninguém que não houvesse potencial, era uma turma muito boa¹⁰⁷.

¹⁰⁶Entrevista com ex-membro Amaral Cavalcante, concedida à autora em 19 de novembro 2015.

¹⁰⁷Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

Um amigo meu me levou a Carmelita, eu levei para ela os meus poemas, que eu tinha, datilografado, poemas juvenis, ela leu e gostou, passei então a frequentar. Carmelita era muito receptível, a casa dela era uma espécie de cenáculo, ela tinha muitos livros, a gente lia os livros dela e discutia sobre esses livros com ela, e era uma coisa muito maravilhosa, era sempre encontros muito agradáveis, ela, além de ser uma pessoa muito doce, muito amável, era brilhante. Ela por ser uma pessoa mais velha, renomada, deu ouvida a meninada, aquela juventude, fato que caracterizou de certo modo, essa geração em Aracaju. Muitos não continuaram na literatura, mas seguiram outros ramos, mas todos são pessoas de bom gosto, pois, cultivou a literatura, a arte de uma maneira geral. Uma geração muito preciosa¹⁰⁸.

Muitas reuniões aconteciam em minha casa, minha mãe adorava aquele movimento de jovens pensando, escrevendo, cantando, era tudo muito bom, minha mãe fazia lanches e a conversa rendia, passávamos muitas tardes assim¹⁰⁹.

A Academia de Letras de Jovens Escritores criada por Carmelita, fundada a princípio com alunos do GA, se caracterizou em um movimento de propagação da cultura, fato destacado pelo Jornal “A Cruzada” em 1965.

No propósito de apoiar a magnífica obra que a nossa colaboradora poetisa Carmelita Pinto Fontes (Gratia Montal), realiza em Sergipe através da Academia Sergipana de Letras de jovens Escritores, despertando e incentivando vocações na classe estudantil, para a vida intelectual e ampliando a cultura em nosso meio, “A Cruzada” volta a apresentar sua coluna “Jovens Escritores”, destinada a divulgar trabalhos literários dos membros da referida Academia. Sendo ASLJE composta de adolescentes que ainda cursam o ginásio ou um dos cursos colegiais, advertimos os leitores de que devem apreciar esta coluna tendo em vista a fase psicológica e cultural em que se encontram os autores que aqui desfilarão (A CRUZADA, 16/10/1965, nº 1.424).

Eu ando só... Devagar. Ninguém me espera. Eu ando só... O mundo é todo meu... O céu e o mar. A minha vida pertence somente a mim, ninguém faz parte dela, com ninguém eu a divido. Eu ando só... E depois de tantas equações e rimas, de tantas gotas d'água eu descobri que só a morte me espera, só ela anseia possuir-me, só ela deseja num amplexo eterno ter-me em seu seio, a morte só. Para que andar mais rápido? O mundo é todo meu... Basta-me ter uma flor e um pedaço de céu. Para ser feliz ao meu modo... Eu ando devagar... Ela virá qualquer dia buscar-me. Então! Pra que correr? Por que deixar de ver luas e suspirar de amor por uma pressa sem razão? Ela virá a qualquer hora. Talvez já esteja bem perto e eu serei feliz e só lá, como aqui. Procurarei luas e suspiros, flores e pedaços de céu, lá também. O mundo é todo meu. E é por isso que eu ando só e devagar... Pois só a morte me espera... E eu ando ainda mais só e devagar... Porque já ninguém me espera... Nem a morte. Poema de Adonia Prado (A CRUZADA, 16/10/1965, nº 1.424).

¹⁰⁸Entrevista com ex-membro Amaral Cavalcante, concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

¹⁰⁹Entrevista com ex-aluno Jane Lisboa concedida, à autora em 19 de novembro de 2015.

Na fotografia abaixo podemos observar os membros da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores em uma de suas reuniões.

Fotografia 15. Membros da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

As atividades desenvolvidas pelos membros da Academia ultrapassavam as reuniões entre eles, em muitas ocasiões, principalmente relacionadas à cultura ou à promoção dela. O intuito da Academia era propagar a cultura e fazer com que seus membros produzissem e, conseqüentemente, despertassem para a produção literária.

O maior acontecimento sociocultural desta semana foi o recital promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, do qual participaram poetas, declamadores e amantes da música na sede da referida Faculdade. O seu programa esteve assim constituído: Homenagem a um professor pela professora Maria Thetis Nunes. Início do recital pela Academia de Jovens Escritores. Música ao piano pela representante da Escola de Música – “Nossa Senhora da Purificação”. Declamações por Carmelita Pinto

Fontes, Epitácio, Hunald, Núbia Nascimento Marques, Severino Uchoa e Joé Amado (A CRUZADA, 16/10/1965, nº 1.424).

Durantes os dias que seguiram, mais poemas foram sendo publicados. A cada reunião os membros deveriam apresentar novos poemas, a serem discutidos e analisados.

Multidão compacia de pessoas dispersas, de gente complexa, de gente complexa aglutinação enorme de figuras disformes, de sombras descompassadas de corpos parados. Multidão sem vida. Multidão perdida. Multidão caída no seu próprio eu. Multidão atada nos seus pensamentos. Multidão inerte nos seus sentimentos. Multidão que é cega. Multidão que é muda. Multidão que é surda e por isso não nota que eu sobrevivo que não estou morta que eu ainda vivo! Poema de Gilza Borges (A CRUZADA, 23/10/1965, nº 1.425).

Em 1965, no auge das atividades da Academia de Jovens Escritores, sua mestra estava lançando seu livro juntamente com Gizelda Moraes e Núbia Marques, intitulado de “Baladas do Inútil Silêncio”, lançado primeiro em Salvador, na Bahia, no dia 01 de outubro de 1965 e, em seguida, no mesmo ano, lançado aqui em Aracaju Sergipe. A notícia foi publicada nos principais jornais de Sergipe.

O livro, “Baladas do Inútil Silêncio”, de autoria das poetisas, Carmelita Pinto Fontes, Gizelda Moraes e Núbia Marques será lançado em Salvador Bahia no dia 01 de outubro deste, no hall da Universidade Federal da Bahia em uma noite de muita solenidade [...] (GAZETA DE SERGIPE, 21/09/1965, nº 2.809).

Ninguém pode silenciar o êxito do livro “Baladas do Inútil Silêncio” das poetisas Núbia Marques, Gizelda Moraes e Carmelita Pinto Fontes, que vem a ser lançado em Salvador em tarde de autógrafo bastante concorrido [...] (A CRUZADA, 09/10/1965, nº 1.423).

Mesmo com muitas atividades culturais, a Academia não continuou suas produções e, aos poucos, as frequências de reuniões foram diminuindo, até ser extinta.

[...] era um ambiente muito agradável, porque éramos todos do mesmo nível de aprendizado, era um grande grupo de estudo, ela era a figura central, mas conduzia tudo de modo que todos nós sentíamos iguais, ela incentivou muito essa geração. Depois as pessoas naturalmente foram seguindo seus caminhos, Carmelita viajou e outros casaram, e a Academia foi se acabando, hoje mantemos contato com os membros, mas nada parecido com que era naquela época¹¹⁰.

As atividades desenvolvidas no GA, por intermédio da professora Carmelita, não se limitou somente às produções literárias.

¹¹⁰Entrevista com ex-membro Amaral Cavalcante, concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

2.8- Outras atividades...

Vendo a possibilidade de ampliar ainda mais sua criatividade como professora, ela buscou fazer com que seus alunos sentissem estimulados à criação artística e cultural.

Eles escreviam muito bem, e eu tive a ideia de produzir um livro com esses escritos, tudo isso graças ao Clube Literário Tobias Barreto, nós fizemos um livro, fechamos, prensamos, tudo isso era para que os alunos soubessem que eles podiam fazer o que quisessem, para despertar o interesse deles¹¹¹.

O livro produzido pela professora Carmelita não foi publicado por nenhuma editora, foi exclusivamente uma produção interna, feita por ela¹¹², para estimular ainda mais a criatividade de seus alunos. A partir da produção do livro, houve o lançamento com participação dos pais. Além do livro, havia outras atividades culturais desenvolvidas pela professora Carmelita como, concursos de pinturas e exposição das obras produzidas, constando ainda um júri, para escolher qual a obra mais bonita. Esse júri era formado pelos próprios alunos, ou seja, aqueles que não estivessem envolvidos na produção participariam do julgamento das obras. Apesar da importância desse tipo de atividade, o curso teve de ser abandonado. Segundo a professora Carmelita, ela achava tudo isso desnecessário. “Rosália tinha uma metodologia diferente, era uma profissional boa, mas muito dura, forte, ela dizia que eu passava a mão na cabeça deles¹¹³”. Através da fala da professora Carmelita, observamos que, mesmo com toda metodologia de interação entre alunos, professores e pais, proposta pela própria professora Rosália já nas primeiras reuniões do GA, percebemos algumas divergências, entre a teoria e a prática.

Mesmo assim, a professora Carmelita seguiu tentando dar continuidade as suas atividades, elaborou um curso de música, para que os alunos pudessem aprender a tocar violão. Além disso, havia ainda as apresentações teatrais. Como podemos ver a partir da fotografia abaixo, os alunos da turma de 1961 se apresentando em uma peça teatral.

¹¹¹Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

¹¹²Infelizmente não tivemos acesso ao livro produzido pela professora Carmelita, pois este não foi localizado em seus pertences.

¹¹³Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

Fotografia 16: Peça teatral apresentada pelos alunos do GA, 1961.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes.

Além do teatro, outra atividade, também desenvolvida por ela foi a produção de um filme-documentário e, para isso, ela elaborou um concurso entre os alunos para selecionar o melhor roteiro, o título do filme, a direção, e quem seriam os atores participantes. Ganhou o título “Um dia na vida de um mendigo”. Todas essas atividades foram desenvolvidas a partir da criação do “Clube Tobias Barreto”.

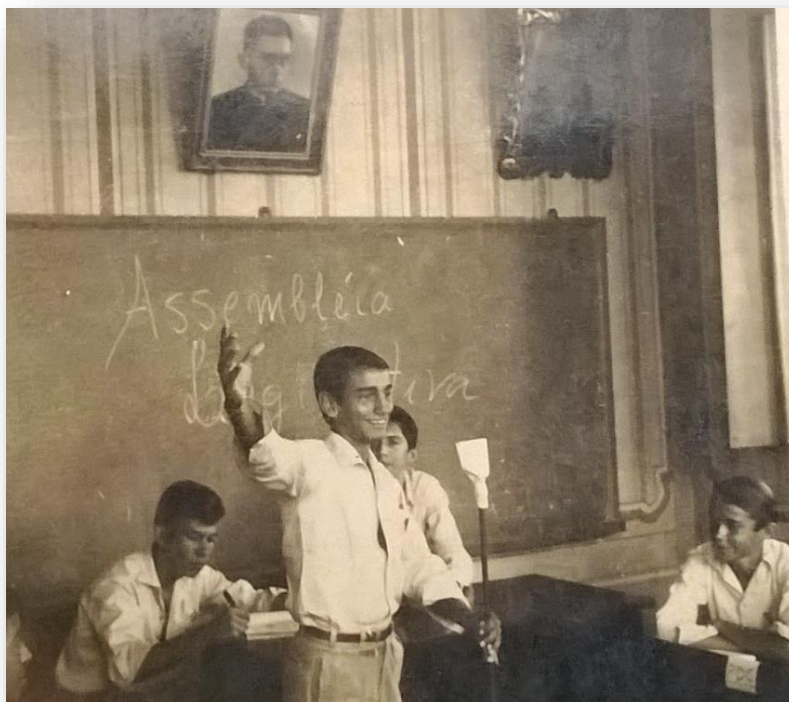
Levei os alunos ao mercado municipal de Aracaju, dentro de uma caminhonete, conseguida de um pai de aluno, para filmar, houve até um cachorro no roteiro, alguns pais ficaram desconfiados, mas os alunos adoraram adolescentes gosta dessas coisas¹¹⁴.

Além dessas atividades, a professora Carmelita buscava com suas aulas dinâmicas, aproximar os alunos da realidade social, como podemos ver na fotografia abaixo uma de suas aulas envolvendo os alunos. “Uma vez ministrei uma aula diferente,

¹¹⁴Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

ensinei aos alunos como funcionava a “Assembleia Legislativa”, dividi a turma entre partidos, foi uma festa¹¹⁵”.

Fotografia 17: Alunos realizando atividades em sala.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes.

É importante destacar que no GA, havia outros clubes. Os alunos que não se identificassem com as produções artístico-literárias, poderiam desenvolver suas habilidades em outras áreas.

Havia o clube de geografia organizado pela professora Aldeci Figueiredo. (Essa professora lecionava também no Colégio Atheneu, e as reuniões aconteciam com os alunos tanto do Atheneu como com os do GA). Fazíamos reuniões frequentes, sempre no Atheneu, o espaço era maior. Discutíamos sobre os assuntos estudados e sobre os assuntos que ainda iam ser explicados¹¹⁶.

¹¹⁵Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 11 de janeiro de 2016.

¹¹⁶Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro, concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

Havia ainda o clube de ciências denominado de Clube de Ciências Osvaldo Cruz, organizado pela professora Lindalva Cardoso Dantas. Eu fui presidente desse clube. Discutíamos sobre tudo, ciências, biologia, questões sobre higiene e saúde¹¹⁷.

Mesmo havendo algumas divergências entre a metodologia desenvolvida por Carmelita e a professora Rosália, os alunos seguiam bem amparados, pois os professores se dedicavam às atividades educativas e todos buscavam a melhoria na qualidade do ensino, num trabalho em conjunto. “Os professores eram unidos, assíduos, nunca presenciei nenhuma divergência entre nenhum professor, tudo funcionava perfeitamente, só se houvesse entre eles, mas na nossa frente não, tudo era perfeito¹¹⁸. Na visão do aluno tudo parecia perfeito, no entanto entre as duas diretoras as divergências eram grandes.

Nós, Rosália e eu, tivemos grandes dificuldades de nos entendermos, ela ratificava coisas que não precisava, só bastava que ela colaborasse, discutíamos muito, principalmente sobre princípios, e formas de punição de alunos. Por exemplo, houve uma questão sobre as cadernetas. Ela elaborou uma regra que ao final, na última página, deveria ser anotado o bom comportamento do aluno. Eu achava aquilo ridículo, mas ela defendeu com unhas e dentes. Eu dizia Rosália não é assim! Não se educa punindo, você tem que ter outros instrumentos, só depois, se não funcionar, aí você recorre à punição. Ela dizia que era por isso que os alunos estavam assim, rebeldes, dizia que eu passava a mão na cabeça deles. Se pegasse um aluno fumando? O mundo caia! Quando eu ia falar alguma coisa, ela me cortava! Daí ela organizou uma reunião com os pais para resolver a questão da caderneta, se continuaria ou não. Todos falaram, quando chegou a minha vez, eu disse, “apesar de estar sozinha, eu voto contra”. Eu tive coragem de me posicionar, ninguém tinha coragem de ir contra ela, eu fui! Mesmo correndo o risco de perder o emprego. Ela ficou irada, por que eu fui contra ela. Mas no final continuou a caderneta, eu fui voto vencido. Mas nem adiantou, porque os alunos rasgavam as cadernetas, e ela se danava¹¹⁹.

Embora essas questões entre as duas acontecessem, os alunos não ficavam sabendo dessas divergências, eram apenas em ambientes fechados, no entanto, sua personalidade forte, era percebida. “Eu achava a professora Rosália administrativamente impetuosa, era ela quem determinava, era um grande comandante, um general, muito boa, mas pouco sutil, era mais rude¹²⁰”. Na visão do aluno, suas atitudes determinava quem administrava o GA, “a professora Carmelita era a mulher do acerto, ela era aquele

¹¹⁷Entrevista com ex-aluno Luiz Fernando Soutelo concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

¹¹⁸Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹¹⁹Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

¹²⁰Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

tipo que pensava muito, para não errar, ela era mais introvertida, muito rígida em relação ao processo educativo, mas, mais amorosa¹²¹”.

Apesar das divergências, a qualidade na educação não era prejudicada. “A melhor turma do GA em minha opinião foi, a turma de 1961, porque eram alunos comprometidos, estudiosos, e principalmente dedicados¹²²”. Na fotografia abaixo, destacamos a turma de 1961.

Fotografia 18: Turma de alunos do GA, 1961.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes.

Outras atividades também eram desenvolvidas no GA, a exemplo das festividades, principalmente nas comemorações cívicas, ou na Páscoa. “Nas festas, nós íamos e aproveitávamos para paquerar, era o momento de ficar com sua paquera, pegar

¹²¹Idem, 15 de julho de 2015.

¹²²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

na mão, ficar juntinho, era muito bom¹²³”. Durante a Páscoa o GA aproveitava também para despertar no aluno a questão religiosa, uma vez que seu supervisor era o padre Luciano Duarte.

Páscoa do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizou hoje a Páscoa coletiva de seus alunos. A missa foi celebrada às 06:00 horas na Igreja de São Salvador, pelo Mons. Luciano Duarte. Em seguida, um café reuniu pais, alunos e mestres na sede da Ação Católica Diocesana (A CRUZADA, 11/06/1960, nº 1.145).

Segundo Cândido (2007, p. 14), as festas nas instituições escolares possibilitam outros objetivos além da celebração, elas são responsáveis pelos ensinamentos de conteúdos e de comportamentos aceitáveis socialmente, [...], “um fértil veículo para divulgação e legitimação dos valores apreciados na escola e na sociedade”.

Durante a Páscoa ou nas festas de São João, nós os alunos preparávamos tudo, as lembrancinhas, arrumávamos as salas, ensaiávamos para as quadrilhas, tudo isso era maravilhoso, e também aproveitávamos para dançar com as meninas¹²⁴.

Para Julia (2001), as festas como parte da cultura escolar representam um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar. É um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização), assim,

[...], as normas e as práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação [...]. (JULIA, 2001, p. 10-11).

Para Cândido (2007, p. 21), “as festas escolares não podem ser pensadas de forma separada das representações de escola, aluno, professor, sociedade, população, pátria e cidadãos que elas procuram disseminar”. Ou seja, as escolhas das datas que são comemoradas, no ambiente escolar diz muito a respeito do projeto social e político que a escola assume naquele contexto sócio-político, ou seja, da representação de escola que precisaria ser construída e disseminada. Além dessas festividades, o GA não ficava de fora dos desfiles de Sete de Setembro. Essa, era outra oportunidade para inculcar nos

¹²³Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹²⁴Entrevista com ex-aluno Gélío Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

alunos o sentimento de civilidade e amor à Pátria. Segundo Horta (1994, p. 232) a educação cívica visaria,

[...] “a formação da consciência patriótica”, criando na alma das crianças e dos jovens o sentimento de que o Brasil é uma entidade sagrada, e de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela sua segurança, pelo seu engrandecimento e pela sua perpetuidade, e ainda de que, a exemplo dos grandes brasileiros do passado, deve cada brasileiro de hoje estar por tal forma, identificado com o destino da pátria, que se consagre do seu serviço com o maior esforço, e esteja, a todo o momento, pronto a dar por ela a própria vida.

Dentro dessa perspectiva, o GA não poderia ficar de fora dos desfiles cívicos, já que se tratava de um Ginásio que buscava preparar seus alunos, dentro dos princípios morais e respeitando as regras sociais.

A diretora Rosália apoiava tanto o GA, que ela brigava por nós, e comprava desafios fantásticos, por exemplo, o Atheneu era na época o Colégio mais importante, e tinha uma banda de música para os alunos desfilarem, o que ela fez? Ela montou uma banda para que nós pudéssemos desfilarmos, ela tinha essa audácia¹²⁵.

“Havia uma banda de música para que a gente desfilasse no Sete de Setembro, eu fazia parte da banda, era uma briga para fazer parte da banda¹²⁶”. Durante os desfiles os alunos podiam expressar seus sentimentos de orgulho por estudar num ambiente inovador. Segundo Mendes (2009), a relação escola e civismo, tende a delinear no aluno atitudes e comportamentos que contribuem para o desenvolvimento dos cidadãos em seu dia a dia, na defesa de certos valores e práticas assumidas como fundamentais para a vida coletiva, para a preservação da harmonia e melhoramento do bem-estar de todos. A autora defende uma educação voltada para os princípios morais e cívicos, segundo ela, somente o respeito aos valores, às instituições e às práticas especificamente políticas pode melhorar um país.

Dentro dessa conjuntura, os alunos desenvolviam uma aproximação mais participativa com relação às festas cívicas. Isso pode ser percebido pela fala do ex-aluno quando se refere ao fato de “haver brigas” para participar da banda de música do GA. Na fotografia abaixo, podemos observar a postura, desempenhada pelos alunos, num sentimento de orgulho e satisfação em representar o Ginásio ao qual ele pertencia, exaltando a pátria, numa demonstração de respeito às normas cívicas.

¹²⁵Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹²⁶Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

Fotografia 19. Desfile Cívico de 07 de Setembro do Ginásio de Aplicação.



Fonte: (NUNES, 2012, p. 97).

Era o maior acontecimento do GA, todo mundo queria ter destaque no desfile, pois, nós competíamos com o Colégio Atheneu, daí a importância em estar bem vestido, bem arrumado e claro sair na frente, só que na frente só saiam os mais altos, eu era alto, então eu tive o maior orgulho em sair na frente, mostrando a todos que eu estudava no Ginásio de Aplicação¹²⁷.

Essa participação era escolhida pelo Grêmio Estudantil, criado em 1963, tendo como primeiro líder, o ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra que, durante seu mandato, deparou com uma greve geral entre os estudantes dos colégios públicos em Aracaju. Esses alunos reivindicavam melhores condições nas estruturas físicas de seus colégios, e o GA, embora não houvesse a necessidade de aderir à greve, assim o fez por solidariedade aos colegas, fato que possibilitou a aproximação entre ambos.

Eu era presidente do Grêmio Estudantil, e em 1964, houve uma greve geral, o pessoal das faculdades pararam, e o ensino secundário também parou, mas o GA ficou de fora, por que o GA não tinha nenhuma reivindicação a fazer, nós tínhamos tudo. Então, eu convoquei todos os alunos e falei que nós iríamos parar, não porque precisássemos de alguma coisa, mas por solidariedade aos nossos

¹²⁷Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

colegas que necessitavam. [...] fizemos a greve por postura de aliança com os outros estudantes, isso ia diminuindo a discriminação entre a suposta “elite” e os alunos dos outros colégios, principalmente do Atheneu. Reunimos no Atheneuzinho, onde hoje funciona o Museu da Gente Sergipana, na Ivo do Prado, [...]. Existia um líder estudantil, chamado Bosco Mendonça. Nós ocupamos o Atheneuzinho e o exército do lado de fora, pedimos que chamassem o Secretário de Educação, para falar conosco, e ele atendeu, mas quando ele entrou, começou uma “vaia” monumental, Bosco Mendonça pegou o microfone e disse: Atenção! Atenção! É assim que vocês recebem uma visita na casa de vocês? Daí ouviu-se um longo Não! Então vamos receber nosso Secretário de Educação com dignidade, e o secretário falou, todos começaram a aplaudir. Era uma época fantástica. O GA me proporcionou isso¹²⁸.

Embora essa atitude dos alunos do GA tenha sido louvável aos olhos deles, essa situação não foi bem quista por parte da direção do Ginásio. “Nesse período, chamei os pais dos alunos envolvidos, e eles, prontamente, nos garantiram que esse tipo de ato não se repetiria, pois, houve um atraso nas atividades por conta da paralisação¹²⁹”. O ato revolucionário do aluno Gélio ficou caracterizado como indisciplina, fato que, segundo ele, marcou sua vida estudantil no GA. Durante os meses que seguiram, o aluno se envolveu em outra questão de indisciplina com uma professora de Geografia chamada Adelci Figueiredo e isso proporcionou a ele a saída do GA.

Um dia houve uma desavença com a professora Adelci Figueiredo e eu fui acusado de uma coisa que eu não fiz, outro aluno tinha feito, e eu não ia dedurar ninguém, cada um tem uma ética, rompe se quiser, eu não rompi, então fui responsabilizado. Como ela não conseguiu abstrair de mim quem era o responsável, ela jogou a culpa em mim, e eu fui punido. Essa punição me levava a perder provas, ou seja, seria colocado zero, aí eu comecei a brigar por isso. Meu tio Felte conseguiu uma reunião com o padre Luciano Duarte, nós três. Durante a reunião, ele nos recebeu muito bem, me levou para sala dele, e disse: então meu filho, eu sei, a razão está com você, mas eu não posso condenar a professora em detrimento de você. Então você vai receber a punição sim, mas, vai fazer uma coisa grandiosa aos olhos de Deus, você vai fazer disso uma página que se passa! Vire a página como se isso jamais tivesse acontecido! Aí eu disse: muito me admira o senhor, um homem representante de Deus na terra me propor essa passagem de página! Daí disse um monte de coisas a ele! Fiquei enlouquecido. Isso me incompatibilizou com o colégio. Minha irmã namorava um tenente do exército, e ele recebia às vezes uma lista de pessoas para recolher no 28º BC, na semana seguinte ele acordou nossa família, era umas onze horas mais ou menos, dizendo que o meu nome estava na lista para ser preso na manhã seguinte. Então eu arrumei minhas malas e na madrugada meu pai me colocou no ônibus para ir pro Rio de Janeiro, fui para a casa de meu tio Felte, fiquei no Rio de Janeiro só

¹²⁸Entrevista com ex-aluno Gélio Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹²⁹Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 28 de agosto de 2015.

voltei depois de formado. Não sei o que houve, se foi por intermédio do padre Luciano ou não, mas aconteceu comigo¹³⁰.

Não podemos afirmar que o fato do aluno ter se desentendido com o padre Luciano Duarte tenha proporcionado a suposta perseguição narrada por ele, no entanto, podemos entender que o fato dele ser o líder do Grêmio Estudantil em um período de Ditadura Militar, e estar envolvido com questões de reivindicações políticas, possa ter proporcionado a ele uma posição mais destacada dentro do cenário social pelo qual o país passava naquele momento. “Nosso Grêmio era muito atuante, cobrávamos! Era briga feia! Muita gente que hoje estão envolvidos na política, nós aderimos a uma greve geral, Rosália não gostou muito não, mas nós estávamos lá, brigando¹³¹”. As questões de indisciplinas dentro do GA era algo que a direção vinha buscando debater fortemente. Em reuniões entre professores, esse tema era constante. Segundo a professora Rosália, a indisciplina era a responsável direta pelas notas baixas de alguns alunos.

Em reunião, a diretora solicitou que os professores fizessem um esforço para adquirir do aluno, o estímulo, principalmente àqueles que estiverem em perigo de perder o ano, que seria interessante colocar um aluno desatento ao lado de um aluno qualificado e atencioso, isto sem que fosse percebido por eles. Quanto a essa questão, a professora Tereza Prado, declarou que os alunos que se encontram fracos na matéria dela, alegam falta de base, o que foi imediatamente debatido pela diretora, pois estes alunos estudaram com a mesma equipe, ou seja, com ela mesma, e era adotado o mesmo livro. A diretora sugeriu o professor Leão Magno, comunicassem aos pais sobre os alunos que estão fracos em matemática ou sem média, para verificar o estudo dos filhos, acompanharem e ajudá-los. Sugeriu ainda a diretora que o professor Leão arguisse estes alunos, casualmente, para alertar, ou seja, despertar o interesse. (ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES DO GA, 1964).

Através dos debates ocorridos em reuniões, é possível perceber que mesmo com as diversas atividades educacionais desenvolvidas no GA, a indisciplina e os alunos desatentos e, conseqüentemente, as notas baixas, aconteciam como em qualquer ambiente escolar. Fato que talvez justifique a postura rígida adotada pela professora Rosália na direção do Ginásio. Mesmo com várias atividades desenvolvidas pela professora Carmelita em prol de um maior aproveitamento dos conteúdos por parte dos alunos, a relação entre ela e a professora Rosália não a satisfazia. Em entrevista,

¹³⁰Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹³¹Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

Carmelita destaca um desentendimento ocorrido entre as duas, fato que talvez tenha provocado a saída da professora Rosália da direção do GA.

Nós brigamos feio, procurei o padre Luciano Duarte e pedi que me demitisse, não podia continuar trabalhando desse jeito. Ela tinha a personalidade forte, e eu tinha a minha. Disse a ele que não queria continuar. Ele me falou para ter calma, falou para eu ficar na direção, eu não aceitei, pois, se eu aceitasse, iam dizer que eu briguei para ela sair, e eu ficar no lugar, não! Dessa forma eu não queria. Daí ele convidou a professora Lindalva Cardoso Dantas, e ela aceitou¹³².

A saída da professora Rosália da direção do GA, ficou marcada na visão de um aluno que, segundo ele, modificou as estruturas administrativas do Ginásio.

A saída da professora Rosália provocou no GA uma comoção muito grande de nova reestruturação, o fato da Lindalva ser mais branda provocou no GA uma reprogramação do ensino. Lindalva como substituta era totalmente diferente de Rosália, o oposto. Acho que a professora Rosália foi pouco valorizada no GA. Rosália era o estopim, o momento, o que aparecesse ela resolvia, eu nunca vi ela pensar para resolver, ela resolvia! Lindalva não, era uma personalidade parecida com a de Carmelita, centrada, falava baixo, contida. Rosália era o vulcão¹³³.

Quando ela saiu as coisas ficaram diferentes, Rosália tinha aquele jeitão duro mas resolvia as coisas, tinha uma postura rígida, mas tudo que nós precisássemos poderíamos contar com ela que ela iria resolver, podia não ser naquela hora, mas depois ela resolvia e nos dava uma satisfação, Lindalva não, era diferente¹³⁴.

Embora sua postura muitas vezes tenha sido retratada como autoritária e intransigente, sua gestão deixou marcas positivas na memória dos alunos, seu comportamento era reconhecido por eles como necessário para manutenção da ordem e também como ferramenta para a construção de uma personalidade estudantil.

¹³²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 21 de agosto de 2015.

¹³³Entrevista com ex-aluno Gélvio Albuquerque Bezerra, concedida à autora em 15 de julho de 2015.

¹³⁴Entrevista com ex-aluno Jorge Andrade Ribeiro, concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

3. DESAFIOS DO TRAJETO: RECOMEÇOS, APRENDIZADOS E REALIZAÇÕES

3.1- Rosália Bispo dos Santos, recomeços...

Em 1965, a professora Rosália Bispo dos Santos saiu da administração do Ginásio de Aplicação, havia chegado o momento de novos desafios. Nesse mesmo período, ela lecionava tanto na Faculdade Católica como no Instituto Educacional Rui Barbosa onde era professora Catedrática de Educação Física. Além desses, ela também lecionava na Aliança Francesa¹³⁵. Para a professora Rosália, era preciso trabalhar, manter sua estabilidade financeira e ter seu reconhecimento social,

Eu trabalhava em muitos lugares, era preciso, queria fazer meu nome na sociedade, tinha que trabalhar, nunca tive medo, trabalhava os três turnos, tive que comprar um carro e começar a dirigir para me locomover mais rápido, era preciso estar em vários lugares, resolver muitas coisas, hoje quando vejo tanta preguiça, me deixa triste¹³⁶.

A vontade de ser reconhecida socialmente por seu trabalho, obrigava a professora Rosália a manter vínculos com diversos estabelecimentos educacionais. Não podemos descartar o fator financeiro, mas, o “reconhecimento social”, aqui destacado, significa para Bourdieu (2004, p. 28), “que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorável na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições”.

A partir da fala da professora Rosália, podemos entender que nesse momento de sua carreira, o que interessava era ser reconhecida socialmente e, para isso, ela enfrentava uma maratona de trabalho, assumindo compromissos, e buscando estar sempre preparada para as oportunidades, em uma busca constante por sua representação social. Quanto a essa compreensão, Louro (2013, p. 465) explica que “as representações são construídas na dependência do poder e têm efeitos de poder”. Ou seja, quando ela diz, “eu queria fazer meu nome”, ela evidenciava que nesse momento o que lhe interessava era ser reconhecida como boa professora.

¹³⁵Infelizmente não foi possível analisar os documentos referentes a atuação da professora Rosália Bispo dos Santos na Aliança Francesa.

¹³⁶Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

Após sua saída, a professora Rosália foi convidada pela Secretaria Estadual de Educação para ministrar aulas de português em um curso preparatório para professoras não diplomadas, em parceria com Inspetoria Seccional do Estado. Era um curso ministrado pelo rádio, denominado de “Colégio do Ar”, que visava preparar as professoras que não eram diplomadas no Estado, possibilitado as professoras que não haviam terminado os estudos, a possibilidade de terem o curso ginásial em nove meses.

As professoras não diplomadas do Estado estão incluídas entre os 450 inseridos para o Curso Ginásial pelo Rádio, que será aberto no dia 15 de outubro de 1965, [...]. A promoção do curso de Ginásio pelo rádio visa preparar candidatos ao curso de madureza e possibilitará aos seus participantes a conclusão do curso ginásial em apenas 9 meses. As aulas serão ministradas na Rádio Difusora do Estado de Sergipe, de segunda a sexta das 21 às 22:30 e aos sábados, das 14 às 17 horas. Os participantes acompanharão as aulas por meio das apostilas que serão fornecidas pela Inspetoria Seccional e que devem chegar a Aracaju nos próximos dias. Os professores – o curso de Ginásio pelo Rádio está sendo coordenado pelo Dr. Francisco de Melo Novais, que já realizou dois cursos de aperfeiçoamento no sul do país. Por outro lado, as aulas serão proferidas pelas seguintes professoras de nosso Estado: Rosália Bispo dos Santos (português), Antônio Joaquim Filho (matemática), Olavo Ferreira Leite Filho (História), Gildete Santos Lisboa (geografia) e Lindalva Cardoso Dantas (ciências) (SERGIPE JORNAL, 10/09/1965, nº 14. 120).

Em meio ao processo de realização do curso ginásial, a professora Rosália recebeu o convite do então governador do Estado, Sebastião Celso de Carvalho, para gerir o Colégio Estadual de Sergipe/C.E.S, substituindo a professora Maria Augusta Lobão Moreira¹³⁷. “A experiência adquirida no Ginásio de Aplicação, a projeção do trabalho sério e eficiente ali realizado, a militância competente no magistério sergipano levaram-me sem dúvida, à direção do Colégio Estadual de Sergipe¹³⁸”.

O governador Sebastião Celso de Carvalho foi à minha casa, eu morava na Rua Estancia na época, quando der repente, recebi a visita do Governador, me convidando para ser a diretora do Atheneu, substituído Maria Augusta, uma professora famosa, muito competente,

¹³⁷Nascida em 13 de julho de 1917 na cidade de Aracaju/Sergipe, filha caçula de Fenelon Lobão e Maria Guimarães Lobão, estudou as primeiras letras no Grupo Escolar General Siqueira, fez o Ginásio na Escola Normal (Instituto de Educação Rui Barbosa), após conclusão conseguiu três turmas para lecionar história, lecionou ainda no Colégio Jackson de Figueiredo, colégio Pio Décimo, Escola Técnica de Comércio Conselheiro Orlando e Colégio Estadual de Sergipe defendendo a Tese “Portugal e sua Posição na Península Ibérica”. Em 1963, tornou-se Diretora a convite do Governador do Estado Seixas Dória, permanecendo neste até setembro de 1965 (ARAGÃO, 2001).

¹³⁸Entrevista concedida ao Caderno de Memórias do Jubileu de Prata da Universidade Federal de Sergipe, 1992.

já era reconhecida, já tinha seu nome reconhecido, eu aceitei, era um desafio, como eu nunca tive medo de desafios, enfrentei¹³⁹.

A professora Maria Augusta Lobão, após um desentendimento com o então governador do Estado, Sebastião Celso de Carvalho, foi substituída pela professora Rosália Bispo dos Santos. Sua administração foi marcada por algumas contradições, entre elas o fato de que, durante sua gestão em 1964, em cumprimento a ordens advindas do 28º Batalhão de Caçadores, que exigia a expulsão de alguns alunos do CES, acusados de atos de subversões, à professora Maria Augusta Lobão coube cumprir as exigências militares¹⁴⁰. A partir de então, alguns atritos foram surgindo e outros despertados. A exemplo temos os II Jogos da Primavera, um evento que envolvia os principais colégios da capital, organizado pela Secretaria de Educação e Cultura com apoio do Governado do Estado.

Para a realização deste evento, o governador havia designado uma Comissão Julgadora para avalia-lo e, para que tudo seguisse dentro das normas estabelecidas pela comissão, o então secretário de educação, Dr. Manuel Cabral Machado, realizou uma reunião com todos os diretores dos colégios participantes. Durante a reunião, ficou acertado que o evento de abertura, onde os alunos se apresentariam em forma de desfile na praça Fausto Cardoso¹⁴¹, teriam no máximo 10 minutos para cada colégio. No entanto, somente o Colégio Estadual cumpriu as regras determinadas, fato que o prejudicou, pois as coreografias que haviam sido preparadas dentro de um tempo maior, tiveram de ser modificadas.

Essa situação fez com que o Colégio Estadual perdesse pontos, deixando a direção incomodada e isso desencadeou uma verdadeira “campanha”, promovida pela diretora nos principais jornais da capital contra a realização dos II Jogos da Primavera, sendo desfavorável à posição do Secretário de Educação e, conseqüentemente, contra o Governador do Estado.

¹³⁹Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

¹⁴⁰Ao cumprimento das ordens do 28º Batalhão de Caçadores, Ariosvaldo Figueiredo informa que a professora Maria Augusta Lobão não era favorável a expulsão dos alunos, pois esse fato os prejudicariam nas matrículas em outros estabelecimentos de ensino. No entanto, para os alunos, a professora Maria Augusta Lobão foi sim responsável por suas expulsões. Mais informações consultar (ARAGÃO, 2001).

¹⁴¹Fausto de Aguiar Cardoso, filho do tenente coronel Felix Zefirino Cardoso e Maria do Patrocínio de Aguiar Cardoso, nasceu no engenho São Felix, município de Divina Pastora em 22 de dezembro de 1864 e faleceu em Aracaju em 28 de agosto de 1906. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1884, exerceu as funções de advogado, professor de História Universal, filósofo, jornalista, poeta e político, protagonizou o que viria ser um dos fatos históricos mais importantes para a historiografia sergipana sua “morte”, ocorrida em praça pública, depois de vários desentendimentos com outra figura ilustre da sociedade sergipana o Mons. Olímpio de Souza Campos (Cf. GUARANÁ, 1925).

A direção do Colégio Estadual de Sergipe protestou na manhã de ontem, perante a reportagem do Sergipe Jornal, contra o fato de alguns Colégios haverem infringido o limite de tempo de evoluções na Praça Fausto Cardoso, por ocasião do desfile dos II Jogos da Primavera, ultrapassando os 10 minutos estipulados pela comissão organizadora [...]. Ouvindo a respeito do assunto, o Dr. Curt Vieira, Diretor do Departamento de Educação, preferiu omitir-se, passando a responsabilidade à Comissão julgadora, [...], frisou que nada tinha a dizer sobre o desfile em si, cabendo à Comissão Julgadora dar a palavra final. O presidente da Comissão Organizadora dos II Jogos da Primavera, porém, afirmou que a critério da comissão de julgamento seriam contados pontos negativos. Resultado – Tudo indica que somente hoje será conhecido o resultado do desfile de abertura dos jogos, [...] (SERGIPE JORNAL, 21/09/1965, nº 14189).

Diante da falta de ação por parte da Secretaria de Educação, a professora Maria Augusta Lobão seguiu manifestando sua indignação com a organização do desfile, publicando novas notas nos principais jornais da capital, entre eles, “Sergipe Jornal” no dia 23 de setembro nº 14.128, Jornal “Gazeta de Sergipe” em 23 de setembro nº 2.811, e Jornal “A Cruzada” no dia 26 de setembro nº 1.421.

Venho de público, como Diretora do Colégio Estadual de Sergipe manifestar o meu protesto à atitude tomada pela Comissão Julgadora do desfile de abertura do II Jogos da Primavera, em deixando de dar cumprimento ao que foi deliberado, mediante votação na reunião dos diretores de Estabelecimentos de Ensino, realizada na Secretária de Educação no dia 13 do corrente, referente ao prazo de 10 minutos prefixados para as evoluções na Praça Fausto Cardoso. Quando submetida a votação pelo presidente da reunião, Dr. Curt Vieira, esta parte do limite de tempo para as demonstrações à frente do palanque oficial, três diretores tiveram voto vencido: o do Colégio Estadual, Instituto de Educação Rui Barbosa e do Jackson de Figueiredo, sendo que desse último estabelecimento fez questão de deixar consignado em ata o seu protesto (SERGIPE JORNAL, 23/09/1965, nº 14191)

Segundo a Diretora, alguns diretores de Colégios sugeriram um boicote às determinações da Comissão Organizadora, fato que ela não aceitou, mas, mesmo assim, esses colégios ultrapassaram o limite de tempo e, no entanto, não houve nenhuma punição, ao contrário, suas apresentações foram liberadas pela Comissão Organizadora. Enquanto o Colégio Estadual precisou modificar as apresentações para se adequar ao tempo estipulado, os demais colégios continuaram com as mesmas apresentações (SERGIPE JORNAL, 23/09/1965, nº 14.191).

Sobre esses acontecimentos, a direção do Colégio Estadual classificou de “injusto e desonesto” e, por isso, ela determinou que o Colégio não iria mais participar dos Jogos da Primavera. Em nota a direção esclareceu que.

Diante do exposto esta direção não vê condições de segurança para levar os alunos do Colégio Estadual de Sergipe às competições esportivas, uma vez que aberto o errado precedente da alteração do Regulamento, o mesmo poderá acontecer com as instruções baixadas para os jogos. Desejo ressaltar que este protesto não visa a imposição de uma boa classificação para o Colégio, pois somente o êxito dos alunos nos exames vestibulares é o que dispuo ardorosamente [...]. Trata-se, pois, de uma justíssima reação ao não cumprimento de uma determinação pré-estabelecida oficialmente e também visa a conservar na mentalidade dos adolescentes a firmeza no acatamento às disposições legais e no cumprimento do dever (SERGIPE JORNAL, 23/09/1965, nº 14191).

Com essa decisão, a professora buscava ser compreendida e, principalmente, apoiada por parte de seus alunos, pois, segundo ela, era preciso incutir nestes o sentimento de responsabilidade e cumprimento às regras, o que, na sua visão, era essencial para a formação social dos adolescentes. No entanto, os alunos não entenderam dessa forma, uniram-se em busca de apoio junto à Secretaria de Educação, na intenção de que essa interviesse na decisão da diretora. Além disso, solicitaram também que a Secretaria lhes dessem garantias de que as regras iriam ser cumpridas, solicitação compartilhada também pelos diretores de outros estabelecimentos que estiveram juntamente com os alunos do Colégio Estadual. Para a concretização dessas solicitações, a Secretaria designou uma comissão formada pelos professores Acrísio Cruz e Elpídio Figueiredo, para procurarem a professora Maria Augusta Lobão a fim de informar o pensamento de seus alunos, o que não foi aceito por ela. Diante da negativa da Direção, a Secretaria de Educação designou uma junta governativa para dirigir o referido Colégio durante a Olimpíada intercolegial, mas no entanto isso não aconteceu (SERGIPE JORNAL, 23/09/1965, nº 14.191).

Ao saber da criação da junta governativa, a professora Maria Augusta Lobão entrou com pedido oficial ao Governador do Estado Sebastião Celso de Carvalho para afastar o Colégio Estadual de Sergipe definitivamente dos Jogos da Primavera, mas seu pedido não foi aceito (SERGIPE JORNAL, 23/09/1965, nº 14. 194).

Ao analisar a solicitação da professora Maria Augusta Lobão diante os acontecimentos, podemos perceber que esta não encontrou apoio às suas reivindicações, fato que proporcionou ainda mais desavenças entre ela e a Coordenação do evento. Essa crise repercutiu em outros jornais, a exemplo do “A Cruzada” que também publicou nota de repúdio aos últimos acontecimentos.

[...] é lamentável a crise criada originalmente por não ter a Comissão Julgadora do desfile, observado o regulamento estabelecido quanto ao horário das evoluções. Isto não implica em entrar no mérito do resultado (achamos que a Escola Normal mereceu mesmo o primeiro lugar), mas um certame mormente organizado pela Secretária de Educação, não pode descumprir as regras fixadas, pois aberto o precedente pode degenerar em marmelada. A direção do Estadual tem, pois, todo direito de protestar, embora não possa recusar-se a participar dos jogos se o determinar a Secretaria de Educação que é a patrocinadora e à qual o Colégio está subordinado (A CRUZADA, 26/09/1965, nº. 1.421).

O fato do erro por parte da Comissão Julgadora do evento era claro diante da sociedade, mas, no entanto, não justificaria o fato da direção usar de sua autoridade para retirar seus alunos dos jogos. Mesmo assim, a Direção do Colégio seguiu com suas reivindicações. Segundo ela, o próprio Diretor do Departamento de Educação havia instigado seus alunos a não cumprirem a determinação imposta por ela, de não participarem dos jogos.

Tão logo o diretor do Departamento de Educação e Presidente dos II Jogos da Primavera Dr. Curt Vieira tomou conhecimento do fato, procurou concitar alguns alunos a desobedecerem a determinação da direção, do qual logrou êxito através das facilidades apresentadas, conseguindo o movimento alastrar-se, resultando, deste modo, a anarquia do próprio Estabelecimento, em flagrante desrespeito à minha autoridade [...] (SERGIPE JORNAL, 26/09/1965, nº 14.194).

Após tantos desentendimento entre a Direção do Colégio Estadual, a Secretaria Estadual de Educação, a Comissão Organizadora dos Jogos da Primavera, os alunos e o Governo do Estado, a Diretora Maria Augusta Lobão decidiu pedir demissão da Direção do Colégio Estadual. Em nota publicada nos principais jornais ela esclarece que,

Durante dois anos no exercício do cargo de diretora do Colégio Estadual de Sergipe Exmo. Sr. Governador, empreguei o máximo dos meus esforços e dedicação à causa pública, para elevar o conceito e aumentar as possibilidades de ação deste maior Estabelecimento de Ensino Médio do Estado, e que afirmo sem receio algum de ser contestada pelas pessoas de bom senso de minha terra. Resta-me, pois, à altura desses acontecimentos pedir demissão do cargo de Diretora do C.E.S, o que faço de frente erguida, colocando acima de tudo a minha dignidade ferida pelo Governo de V. Excia. Aracaju, 24 de setembro de 1965, atenciosos cumprimentos. Professora Maria Augusta Lobão Moreira, Diretora (SERGIPE JORNAL, 26/09/1965, nº 14.194).

A pedido da professora Maria Augusta Lobão Moreira, o Governador do Estado acatou sua decisão e, em 28 de setembro de 1965, lançou no Diário Oficial do Estado o Decreto com a sua demissão.

Decreto de 28 de setembro de 1965. O Governador do Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo protocolado no Departamento de Serviço Público sob número 6363/65, resolve dispensar a pedido Maria Augusta Lobão Moreira, professora catedrática nível <20>, da função de Gratificada F-2 de Diretor do Colégio Estadual de Sergipe. Palácio Olímpio Campos, Aracaju, 28 de setembro de 1965. Sebastião Celso de Carvalho, Manuel Cabral Machado (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, 14/10/1965).

Conforme dito anteriormente, a professora Maria Augusta Lobão já vinha se desentendendo com o Governador do Estado, em nota no “Sergipe Jornal” em 21 de setembro de 1965, a interdição do auditório do Colégio Estadual ocasionado por problemas técnicos do qual vinha colocando em risco a vida tanto dos alunos, quanto das pessoas extra classe, pois esse auditório era alugado constantemente para espetáculos civis, provocou um verdadeiro confronto entre a Direção do Colégio e o Governador do Estado. Houve um desabamento no auditório e os responsáveis pelas obras não se pronunciaram, a Direção buscou esclarecimentos por parte do governo que também não se pronunciou, esse fato deixou as relações entre ambos abaladas. Diante disso, podemos compreender que sua saída do CES foi então ocasionada por uma junção de fatos, caracterizada, principalmente, pela falta de diálogo entre a direção do Colégio e o Governo, pois esse em nenhum momento se pronunciou com relação as reivindicações promovidas pela diretora nos Jornais, em relação aos Jogos da Primavera, desencadeando na sua demissão. Após sua saída, os alunos ficaram sem aulas.

Segundo soubemos, os alunos do Colégio Estadual estão retornando às suas residências diariamente por falta de aulas. Desde a crise da demissão da Diretora Maria Augusta Lobão, problemas e mais problemas foram se evoluindo, e, o mais grave deles oriundo desse estado de coisas é o da ausência de aulas (SERGIPE JORNAL, 29/09/1965, 14.197).

Segundo a professora Carmelita Pinto Fontes, que lecionava a disciplina português no Colégio Estadual nesse período, o fato dos alunos ficarem sem aulas deriva do resultado de uma portaria criada pela Diretora, que impedia que os professores ministrassem novos conteúdos enquanto os alunos estivessem participando dos Jogos da Primavera, pois se esses novos conteúdos fossem aplicados, alguns alunos seriam

prejudicados, mas, no entanto, prejudicou àqueles que não estavam envolvidos. Daí, os alunos que não estavam participando dos jogos retornavam para suas casas sem assistirem aulas, já que alguns professores preferiram nem ir ao colégio, uma vez que não poderiam ministrar conteúdos novos.

Ela entrou em atrito comigo, ela havia criado uma portaria, tudo dela era portaria! Ela fez uma portaria dizendo que nenhum professor poderia aplicar conteúdo novo durante o período dos Jogos. Eu disse: engraçado, nós estamos aqui, trabalhando, os jogos não eram para todos, era apenas para quem estivesse envolvidos, e vem agora essa portaria dizendo para todo mundo ir ver os jogos, e perder aula, como pode!? Não aplicar ponto nenhum? Nem passar conteúdo nenhum? Um prejuízo enorme. Quando eu li, eu fui conversar com ela, eu disse: dona Maria Augusta, aqui tem um erro! Como vou dar nota aos alunos? Se não posso passar nenhum texto novo? Ela disse que tinha que deixar para depois dos jogos. Eu não concordei, ela disse: deixe de muita petulância que eu corto seu contrato. Eu disse: você não pode cortar meu contrato porque não foi você quem me contratou! Só o Governador do Estado é quem pode, pois foi ele quem me contratou. Ela me disse umas palavras grosseiras, e brigamos. Eu tinha uma atração para Diretor se meter na minha vida¹⁴².

Para tentar minimizar a confusão derivada dos Jogos, a Secretaria de Educação nomeou um interventor o Dr. Barbosa Sobrinho para levar os alunos aos jogos, já que a diretora havia se demitido, este assumiu o compromisso de apenas influir na parte referente à participação do Colégio Estadual nos jogos, quanto a parte administrativa, ele não iria intervir, para não prejudicar ainda mais os alunos.

Difícil é, no presente momento, encontrar um nome para dirigir o Colégio. Poucos são os que desejam “descascar o abacaxi”. Os nomes até o momento não preenchem os requisitos necessários, pois, segundo o regulamento, só poderão dirigir o Colégio os membros da Congregação, isto é, os Catedráticos. Está nas mãos do Secretário de Educação, o êxito em torno do problema, e precisa haver uma solução pronta e eficiente, do contrário, continuará a mesma coisa (SERGIPE JORNAL, 29/09/1965, nº 14.134).

Buscando sanar o problema da falta de diretor para gerir o Colégio Estadual, o Governador Sebastião Celso de Carvalho nomeou a professora Rosália Bispo dos Santos sob o Decreto de 1º de outubro de 1965.

O Governador do Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que dispõe o art. 87, da Lei nº 119, de 29 de dezembro de 1948. Resolve designar a professora Catedrática nível <20>, Rosália Bispo dos Santos, para exercer a função Gratificada Símbolo F2 de Diretor do Colégio Estadual de Sergipe. Palácio

¹⁴²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

Olímpio Campos, Aracaju, 1º de outubro de 1965 (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, 14/10/1965).

A nomeação da professora Rosália teve repercussão no meio social, pois esta tinha acabado de sair da direção do GA, além disso, lecionava no Instituto de Educação Rui Barbosa, que acabara de vencer os II Jogos da Primavera, onde a professora Rosália tinha contribuído na organização juntamente com a Diretora Maria das Graças Azevedo Melo.

[...] O Governador Celso de Carvalho acaba de assinar decreto nomeando Catedrático do C.E.S, comissionando em seguida para Diretora a professora Rosália Bispo dos Santos. A indicação do nome da professora Rosália foi bem recebido nos círculos ligados ao ensino nesta capital. [...] A nova Diretora é ainda possuidora de estágios sobre Orientação Educacional, concedido pela Fundação Getúlio Vargas em Nova Friburgo. Fundadora e ex-Diretora do Ginásio de Aplicação da Faculdade, onde leciona [...] (SERGIPE JORNAL, 03/10/1965, nº 14.199).

Com a posse da professora Rosália Bispo dos Santos, esperava-se que alguns problemas pudessem ser sanados. A notícia foi destaque nos principais Jornais por algum tempo.

Por decreto do governador Sebastião Celso de Carvalho, foi nomeada a professora Catedrática¹⁴³ Rosália Bispo dos Santos, para o cargo de Diretora do Colégio Estadual de Sergipe, vago em virtude da renúncia da professora Maria Augusta Lobão Moreira. [...] Por vários anos dirigiu o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e além de ensinar línguas em alguns estabelecimentos desta capital, era recentemente professora de Educação Física do Instituto de Educação Rui Barbosa. Sua nomeação para o espinhoso cargo de diretora, teve boa repercussão nos meios educacionais e sociais do Estado (A CRUZADA, 09/10/1965, nº 1.423).

Embora a notícia no jornal afirme que houve uma boa aceitação com relação a nomeação da professora Rosália, a mesma afirma que sua posse no Colégio Estadual de Sergipe aconteceu de forma apreensiva e sob forte rejeição.

Quando eu tomei posse, foi uma situação horrível, todos os professores me deram as costas, eles não aceitaram o fato de que eu não era Catedrática, não retiro a razão deles não, eles esperavam que fosse ser alguém da congregação, e não eu. Mas o governador sabia o problema que ele tinha me metido, pois na segunda-feira, pela manhã, quando cheguei ele já estava no portão para me receber. Tomei posse e fui trabalhar, aos poucos os professores foram aceitando, eu não dobrei não, nunca tive medo de desafios, enfrentei. Foi difícil, muitos

¹⁴³Consultar referência 54.

problemas, falta de professor, departamentos precisando de reformas, outros isolados, estava uma bagunça, mas dei conta¹⁴⁴!

Havia uma expectativa para saber quem seria o professor que assumiria o cargo de Diretor do Colégio Estadual de Sergipe, os jornais lançavam notas diariamente especulando sobre esse assunto. Quando houve então a nomeação da professora Rosália, surgiram outros questionamentos, quem teria então sugerido o nome da professora Rosália? Já que ela não fazia parte da Congregação? Segundo ela, o responsável por sua contratação havia sido unicamente seu trabalho, seu compromisso com a educação, e que tudo isso era apenas o reconhecimento pelos anos de muita dedicação à educação. Mas, mesmo assim, ela não nega que deve muito ao padre Luciano Duarte, tanto em relação aos cursos que fez, como na promoção de cargos e empregos e, principalmente, pelo reconhecimento social. No entanto, uma nota no jornal “Gazeta de Sergipe”, lançada em 13 de outubro de 1965, buscou explicar de onde teria surgido o nome “Rosália” para o Governador Celso de Carvalho.

Foi na festa oferecida pelos alunos do Seminário ao padre Carvalho¹⁴⁵, que o Governador aproximou-se deste, e disse: “Monsenhor, acho que vou me aproximar dos Bispos”. E foi assim, que foram encaminhadas as démarches, que contou com o apoio do padre Carvalho, para que aquela professora designada, Rosália Bispo dos Santos fosse nomeada Diretora do Colégio Estadual. Rosália, gentil e dinâmica, loira de olhos verdes, assumiu o cargo de Diretora do Colégio Estadual, cercada de carinho e apoio dos colegas e amigos. [...] A sua posse, que não foi programada, porque não queria que o Colégio perdesse um só dia de aula mais, foi cercada pelo carinho (e também desolação) das alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa, dos seus professores e da Diretora Maria das Graças Melo, uma de suas melhores amigas. Compareceram ainda, o Secretário de Educação, o Diretor do Departamento de Educação, a Inspetora Seccional e o Dr. Silvério Leite Fontes. Várias demonstrações de apreço a sensibilizaram, entre estas as que recebeu do magistério local, do sindicato dos Diretores de Colégios Particulares, do Prefeito da Capital, de Dr. Raimundo Diniz, Dr. José Carlos de Souza e Dr. José Barbosa Sobrinho e de Dra Maria do Céu. [...] Segundo nos disse, “estou com muita boa vontade e espero empregar o melhor da minha energia e esforços na Direção do Colégio Estadual de Sergipe, Colégio de tanta tradição na vida de nosso Estado e espero não decepcionar o Governador e o Secretário de Educação”. [...] Temos uma Rosa na direção! Sim, gentilmente como

¹⁴⁴Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

¹⁴⁵Mons. José Carvalho de Sousa, sacerdote e educador sergipano, nascido em 24 de novembro de 1926, na cidade de Lagarto/SE. Em 1946, ingressou no Seminário de Aracaju, em 1950 partiu para o Seminário Arquidiocesano da Paraíba e, depois de dois anos, partiu para fazer o curso de Teologia em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, ordenou-se padre em 1956. Foi vice-reitor do Seminário Diocesano. Pertence ao Cabido Metropolitano de Aracaju, na condição de cônego catedrático. Faz parte do Conselho Presbiteral. Mais detalhes consultar (CALDAS, 2015, p. 158

uma Rosa, [...] sem precisar usar dos espinhos, confiante na firmeza de seu caule (GAZETA DE SERGIPE, 13/10/1965, nº 2.836).

Após assumir a nova função, a professora Rosália deu início as suas atividades administrativas, dentre elas, buscou comunicar aos principais órgãos administrativos sobre sua posse, além de solicitar a licença de 90 dias para tratamento de saúde da professora Maria Augusta Lobão Moreira, que havia retornado suas funções como professora catedrática de História (ver anexo 10). Entre várias medidas adotadas pela nova gestão, estava a contratação de um guarda-civil para fazer a segurança dos alunos e resguardar a quadra, principalmente nos finais de semana (ver anexo 11).

Pelo presente solicito de V. S. obsequiosas providências no sentido de colocar à disposição deste Colégio um guarda-civil a fim de manter a ordem nas imediações do estabelecimento, sobretudo nas tardes de sábado e domingo quando a quadra de esporte está sendo constantemente invadida por populares. Confiante de que V. S. prestará esta valiosa cooperação ao Colégio Estadual de Sergipe, apresento-lhe antecipadamente os meus sinceros agradecimentos. Atenciosas saudações – Rosália Bispo dos Santos, Diretora.

Além dessas questões, a professora Rosália assinou um convênio entre o Colégio Estadual e a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, que tinha nesse momento o professor João Costa como presidente. No CES, havia um auditório que era utilizado pelos alunos para apresentações teatrais, assim como também, era alugado para a população para os mesmos fins. A sociedade de Cultura, realizava espetáculos teatrais com alunos do CES e, para que continuasse efetuando suas atividades, foi preciso que a nova diretora firmasse compromisso com a Sociedade de Cultura para que, no decorrer de suas atividades, nenhum problema pudesse surgir e atrapalhar as atividades (ver anexo 12 e 13).

O CES estava precisando de algumas pequenas reformas, o que a professora Rosália buscou resolver, segundo ela “havia algumas portas que precisavam ser trocadas, outras eram somente para trocar fechaduras, ou seja, nem tudo precisa ser com o governo, há coisas que nós mesmos podemos resolver¹⁴⁶”.

Senhor Secretário – solicito, por intermédio de V. Exa. Obsequiosas providências a fim de que o senhor Lourival Santos seja contratado, a partir de 1º de janeiro próximo, para exercer as funções de Marceneiro neste estabelecimento, com vencimentos correspondentes ao corpo efetivo. Atenciosos cumprimentos – Rosália Bispo dos Santos – Diretora (ver anexo 15).

¹⁴⁶Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

As funções administrativas de Rosália no CES, ultrapassavam as atividades desenvolvidas por ela no GA, pois neste, a direção do Colégio ficava encarregada de realizar pagamentos, contratações, além de prestar conta sobre pagamentos de funcionários, como serventes, porteiros, merendeiras e outros, como podemos observar a partir de um ofício enviado à Secretaria da Fazenda e Obras Públicas solicitando verbas para pagamento da Livraria Regina.

Solicito de V. Exa. Obsequiosas providencias no sentido de que seja feito um adiantamento da quantia de Cr\$ 1. 033.506. (Hum milhão e trinta e três mil e quinhentos e seis cruzeiros) a fim de que possa este estabelecimento de ensino efetuar o pagamento à firma “Livraria Regina LTDA”, desta praça, único débito correspondente, sob nossa responsabilidade no comércio local ou em outras praças. Neste ensejo apresento a V. Exa. Os protestos de estima e verdadeira consideração. Atenciosamente Rosália Bispo dos Santos – Diretora (ver anexo 16).

Era função do diretor cuidar de muita coisa, era diferente do GA, pois no GA quem administrava era A Sociedade Sergipana de Cultura, que além de administrar o GA, cuidava também da FCFS, então eu não manuseava com dinheiro, era tudo por conta da SSC, minha função era restrita às atividades pedagógicas¹⁴⁷.

Rosália Bispo dos Santos e Carmelita Pinto Fontes sempre estiveram envolvidas com o aprendizado. Em 1966, participaram de um treinamento para serem orientadoras de um curso promovido pela CADES – Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário, com apoio do Ministério da Educação e Cultura/MEC, conforme fotografia abaixo.

¹⁴⁷Idem, 12 de agosto de 2014.

Fotografia 20: Carmelita Pinto Fontes em Brasília, 1966.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

Na fotografia acima a professora Carmelita é a terceira da direita para a esquerda, (com um lenço na cabeça), ao lado da professora Gizelda Moraes. O curso aconteceu em Brasília com duração de duas semanas. “Era um curso com duração de mais ou menos dez dias, ocorridos em Brasília, Rosália, eu e outros professores de áreas isoladas¹⁴⁸”. “O curso era para preparar a gente para ensinar os outros professores, era um curso de aperfeiçoamento educacional, muito proveitoso¹⁴⁹”. O curso seria oferecido no Colégio Estadual de Sergipe e tinha como objetivo preparar os professores para fazerem o exame de suficiência, que habilitava o professor a lecionar no Ensino Secundário.

[...] O candidato pode inscrever-se diretamente no exame de suficiência sem frequentar o curso da CADES, embora este lhe sirva de precioso auxílio. Em 1966, a Inspetoria Seccional está disposta a só permitir que lecionem aquele que pelo menos tenham frequentado o curso da CADES. [...] O curso de treinamento funciona no Colégio Estadual de Sergipe, em regime intensivo de seis horas de trabalho

¹⁴⁸Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

¹⁴⁹Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

diário, abrangendo as seguintes disciplinas em nível ginasial: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. [...] O curso teve início em 03 do corrente mês, deverá concluir no dia 30. A equipe de professores orientadores está assim constituída. Orientadora – Gizelda Santana Moraes; Didática Geral – Rosália Bispo dos santos; Português – Carmelita Pinto Fontes e João Costa; Matemática – Leão Magno Brasil e Antônio Joaquim Filho; História – Maria Thetis Nunes e Olava Ferreira Leite Filho; Geografia – Maria da Glória Monteiro; Ciências – Lindalva Cardoso Dantas. A procura do curso foi muito grande, atingindo a 280 candidatos inscritos. O aumento desta procura provavelmente se deve a razoável melhoria de salários dos professores nos Estabelecimentos particulares nos dois últimos anos (GAZETA DE SERGIPE, 09/01/1965, nº 2.908).

A professora Rosália, buscando ampliar ainda mais seus estudos e seus conhecimentos, viajou à França em 1968 para fazer um curso de Língua e Literatura Francesa na Sorbone. Ela havia deixado a direção do Colégio Estadual de Sergipe, pois com a criação da Universidade Federal de Sergipe, ela não poderia permanecer em dois vínculos ao mesmo tempo. Sua ida à França foi intermediada pelo Monsenhor Luciano Duarte, que conseguiu para ela uma bolsa de estudos pela CAPES, em parceria com a Embaixada Francesa.

Eu acho que foi uma espécie de prêmio por minha dedicação, ele me perguntou se eu queria ir fazer um curso na França, é o que vale hoje um “Mestrado”, eu fiz um projeto sobre Linguística e enviei, quando saiu a aprovação foi um sonho. Fiquei em uma pensão nos primeiros meses, mas não era muito bom não, então ele entrou em contato com uma Freira amiga dele e eu fui, fiquei em um convento, perto da Sorbone, era maravilhoso, eu ia a pé mesmo, conheci muita gente, lugares que nunca imaginei conhecer, a França é realmente um lugar maravilhoso, e a Sorbone é um lugar que você se sente diferente, eu só tenho a agradecer por tudo que ele me proporcionou¹⁵⁰.

A professora Rosália passou um ano na Sorbone, quando retornou, em 1969, assumiu novamente suas funções de professora titular de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras, Artes e Comunicação da Fundação Universidade Federal de Sergipe, que acabara de ser criada. Nessa função, ela permaneceu até março de 1991, quando se aposentou. Nos últimos anos assumiu a disciplina de Introdução ao Francês, cuidando dos alunos recém-chegados. Sua forma de lecionar e sua responsabilidade com o trabalho deixou marcas. O professor Renilson Oliveira foi aluno de Rosália e, por coincidência, assumiu sua vaga no concurso em 1991, assim que ela se aposentou. Hoje ele é o coordenador do curso de Letras/Português/Francês da Universidade Federal de Sergipe.

¹⁵⁰Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos, concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

Eu fui aluno dela. Foi aí que eu descobri a professora Rosália. Quando eu entrei no curso de Letras, eu já falava Francês, eu já tinha uma proficiência, porque eu vim da Aliança Francesa, eu já estava no curso superior de Francês, que era chamado de “Nanci”. Então, por isso eu acho que eu tive certo destaque no curso de Letras/Português/Francês. A professora Rosália na disciplina dela, me colocava sempre como monitor, mesmo sem ser monitor mesmo. Ela já uma senhora, mas nos levava ao laboratório, para fazer uma aula diferente, eu percebia que ela transpirava, estava além de suas forças, sabe? Por conta de toda tecnologia do laboratório que existia. Era um laboratório de repetição de frases, criado a partir da metodologia áudio visual. Agora temos outro, um mais moderno, chamamos de “multimídia”, funciona na mesma sala, no mesmo local, na Didática III. Eu lembro muito bem disso¹⁵¹.

O compromisso com as atividades educacionais transmitidas pela professora Rosália serviram de exemplo para seu ex-aluno, destacado por ela como “um aluno brilhante, responsável e determinado, tinha que conseguir tudo, ele era muito envolvido com o aprendizado, por isso aprendia mais rápido¹⁵²”. Os traços desse compromisso ficaram enraizados em sua formação.

Eu aprendi muito com os meus professores, com ela, com a professora Yara. Yara era considerada “a cabeça” do curso de Francês na época. Ela era muito dinâmica e tinha a questão da oralidade, ela falava muito em Francês, já Rosália era muito mais voltada para a escrita, à pureza da gramática. O que faltava em uma, nós alunos, encontrávamos na outra. Mas ela não se descuidava do português, ela vivia nos corrigindo em sala de aula, fazia logo um paralelo com o português puro, às vezes eu vinha ajudando ela com o material da sala de aula até o departamento, e eu ia aproveitando para aprender com aquela conversa, acho que eu tinha que ser professor realmente, não tinha pretensão na época, mas gostava pela sintonia, do modo como ela falava das coisas que ela tinha vivido, das dificuldades, ela sempre dizia, não é porque estou envolvida com o Francês que eu vou me descuidar do português. Ela dizia que quando tinha alguma dúvida ela ligava para uma amiga e tirava a dúvida, mas que nunca entrava em uma sala de aula com dúvidas. E isso ficou em mim, até hoje eu tenho essa preocupação, e com a língua estrangeira a cobrança é maior. Ela dizia: nunca entre em uma sala de aula com dúvidas, saiba do início ao fim, do fim para o início, de traz pra frente, de frente pra traz – esteja sempre preparado. E isso eu tenho, esse cuidado eu tenho! Aprendi com ela¹⁵³.

A responsabilidade com seu trabalho era característico da professora Rosália, mas, no entanto, nunca assumiu cargos de direção na UFS, embora tenha em sua carreira experimentado tal desafio. Na Universidade, segundo ela, nunca houve

¹⁵¹Entrevista com o professor Renilson Oliveira, concedida à autora em 18 de agosto de 2014.

¹⁵²Idem, 12 de agosto de 2014.

¹⁵³Entrevista com o professor Renilson Oliveira, concedida à autora em 18 de agosto de 2014.

oportunidade, pois, sob sua análise, o Departamento de Letras havia se transformado em um ambiente “político”, “os cargos dentro da UFS envolviam muita política, eu preferia não me envolver, não funcionava mais como antes”¹⁵⁴.

3.2- A Fundação Universidade Federal de Sergipe...

Não pretendo aqui traçar um panorama completo sobre a implantação da Universidade Federal de Sergipe, tendo por certo que outros já fizeram, como é o caso da obra “História e Memória: Universidade Federal de Sergipe”. Trago sim, nessa sessão, um esboço do processo de implantação da UFS tão somente para facilitar o leitor na compreensão de um momento importante nas vidas das personagens por mim analisadas, pois estas tiveram suas carreiras definidas a partir do processo de implantação da UFS. Assim sendo, destacamos que, no início dos anos 60 do século passado, iniciou-se um movimento favorável à criação de uma universidade sergipana, principalmente no âmbito da Secretaria da Educação do Estado de Sergipe, do Conselho Estadual de Educação e de outros espaços, a exemplo dos acadêmicos das Faculdades Isoladas (SOUZA, 2015).

A esse respeito, criou-se uma discussão entre os diversos grupos que debatiam a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), tanto entre o grupo dos estudantes, quanto entre os diversos grupos liderados por Dom Luciano Duarte – favorável ao modelo de fundação federal, quanto ao grupo do Diretor da Faculdade de Medicina, Antônio Garcia Filho, favorável ao modelo de autarquia. As disputas, encontraram espaços através dos jornais, iniciando um verdadeiro debate de ideias entre os dois lados. Para o modelo de fundação, destacou-se a possibilidade de receber subvenções, tanto de entidades públicas quanto de particulares. Dessa forma, os professores e técnicos administrativos seriam contratados, fato que possibilitaria a circulação constante dos profissionais, além de cobrar anuidade dos alunos. Já no modelo de autarquia, o repasse seria exclusivo do Governo Federal, que manteria sua centralização por meio do Ministério da Educação e proporcionaria cargos bem

¹⁵⁴Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de agosto de 2014.

remunerados e estabilidade profissional para o corpo docente, além da manutenção das cátedras (SOUZA, 2015).

Durante os anos de 1963 a 1968, Dom Luciano Duarte, amparado no Jornal “A Cruzada” e no fato de que exercia o cargo de coordenador do grupo de trabalho instituído pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, utilizava-se destes para defender suas ideias acerca da criação da UFS. Além disso, presidiu a Câmara de Ensino Superior, do Conselho Estadual de Educação e, posteriormente, com a instalação do Conselho Diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe – FUFS, foi o primeiro a assumir a sua direção, em 1963. Em 1966, Dom Luciano Duarte era o Diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, conforme dito anteriormente. Nesse período, liderou o movimento de elaboração do anteprojeto de Lei que objetivava a criação da UFS. Para tanto, em 1965, Israel Guimarães Cardoso, então assessor da Câmara de Educação, viajou à Universidade do Maranhão, buscando estudar o seu modelo de criação, pois esta serviria de referência para a criação da instituição em Sergipe (SOUZA, 2015).

Assim, o projeto de criação da UFS, redigido pelo Conselho Estadual de Educação, foi apresentado pelo senador Francisco Leite Neto ao Ministro da Educação e Cultura. Em sua tramitação, foi apreciado por Newton Sucupira, Conselheiro Federal, que apresentou, em 1966, o anteprojeto ao Conselho Federal de Educação. A convite de Dom Luciano Duarte, Newton Sucupira visitou Aracaju e conheceu as Faculdades existentes em Sergipe, como podemos observar a partir da correspondência de Dom Luciano Duarte ao Ministro da Educação e Cultura o professor Raimundo Moniz de Aragão, em 26 de setembro de 1966 (ver anexo 16).

[...] Quando, em agosto passado, estive no Rio de Janeiro, para entregar a vossa Excelência os documentos que restavam, para o referido processo 550/64 pudesse prosseguir, convidei o Relator do mesmo, Conselheiro Federal Newton Sucupira, a fim de que viesse a Aracaju, visitar nossas Faculdades. O professor Newton Sucupira atendeu amavelmente, ao nosso convite, e passou em Aracaju os dias 18 e 19 do corrente mês de setembro. A noite do dia 18 pronunciou, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE, uma conferência magnífica (que foi irradiada), sobre “Uma Universidade no Brasil de hoje”. No dia seguinte, o professor Sucupira visitou, uma por uma, todas as nossas seis Faculdades, indagando pormenores, olhando tudo com olhos de ver, como convém a um relator. Pouco antes de tomar o avião que o reconduzia a Recife, o professor Sucupira me disse, no aeroporto, que sua impressão, no conjunto, era bastante boa, e que daria parecer favorável ao processo.

Eu lhe pedi que apresentasse seu parecer ainda na seção do mês de setembro, do Conselho Federal de Educação, e ele prometeu-me fazê-lo. Assim sendo, espero que dentro de poucos dias o processo 550/64 voltará para as mãos de vossa Excelência, para que a matéria seja encaminhada ao Sr. Presidente da República, a quem cabe enviar ao Congresso a mensagem de criação da Fundação Federal Universidade de Sergipe. Todo o Estado de Sergipe tem, hoje, conhecimento, de que o grande patrono da causa de nossa Universidade é o Ministro Moniz de Aragão. E efetivamente é nas mãos de vossa Excelência que, nesta fase conclusiva da caminhada, nós pomos toda nossa esperança [...] (CORRESPONDÊNCIA DE DOM LUCIANO DUARTE AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA RAYMUNDO MONIZ DE ARAGÃO, 26/09/1966).

O Conselho de Desenvolvimento de Sergipe – CONDESE, também elaborou um anteprojeto e, no processo de discussão para o encaminhamento, ficou então estabelecido, pelos seus conselheiros, a fusão dos dois projetos. Assim, o anteprojeto da criação da FUFS foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação em novembro de 1966. A assinatura do Decreto pelo Presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco, autorizando o poder Executivo a instalar a FUFS, foi concretizada em vinte e oito de fevereiro de 1967, sob o Decreto-Lei nº 269/67 (SOUZA, 2015). Em correspondência a Newton Sucupira, Dom Luciano Duarte agradece a contribuição deste junto a criação da Universidade Federal de Sergipe (ver anexo 17).

[...] Espero que tenha recebido meu telegrama, enviado para seu endereço em Recife, dizendo-lhe meu grande agradecimento. Renovo aqui a expressão de meu reconhecimento, por seu esforço de, apesar da escassez de tempo, apresentar o Parecer sobre o Estatuto da Universidade de Sergipe na última sessão extraordinária do Conselho Federal de Educação. O Dr. Aloísio Campos, nosso amigo e pessoa muito interessada na Universidade, telegrafou-me no dia 16, comunicando-me a grande notícia, que logo divulguei, e que foi causa de contentamento geral, pois, assim estamos dentro do calendário pré-fixado, e nossa Universidade se instalará nos primeiros dias de março, como previsto. O mesmo Dr. Aloísio Campos me escreveu, logo em seguida, enviando-me uma cópia mimeografada do Parecer e dizendo-me que o sr. Sugeriu uma viagem minha ao Recife, para trocarmos ideias sobre as modificações a fazer. [...] (CORRESPONDÊNCIA DE DOM LUCIANO DUARTE À NEWTON SUCUPIRA, 19/12/1967).

Conforme solicitação de Newton Sucupira, Dom Luciano Duarte viajou a Recife para debaterem o projeto de implantação da Universidade Federal de Sergipe. Fato evidenciado através das correspondências trocadas entre ambos no dia 15 de janeiro de 1968 (ver anexo 18).

[...] Como combinado, estou remetendo ao sr. Antes do dia 20 de janeiro, o Estatuto de nossa Universidade Federal de Sergipe. De volta do Recife, reuni o plenário que preparou o projeto de Estatuto, e referi-lhes todas as suas observações. As modificações judiciosamente sugeridas pelo Sr., foram todas aceitas, e o projeto de Estatuto foi modificado em funções delas [...] (CORRESPONDÊNCIA DE DOM LUCIANO DUARTE À NEWTON SUCUPIRA, 15/01/1968).

Após modificações, houve então a aprovação do Estatuto e, na sequência, a instalação da UFS, que tinha como data estipulada por Dom Luciano o dia 12 de maio de 1968, conforme consta em correspondência enviada à Newton Sucupira em 23 de abril de 1968 (ver anexo 19).

Caro Dr. Newton Sucupira – não pude comparecer à sessão extraordinária do Conselho Federal de Educação. Compromissos me retinham em Aracaju. Estamos trabalhando na escritura da Fundação Universidade Federal de Sergipe, e alguns pequenos problemas técnicos que ainda surgem vão sendo resolvidos. Está fixada a data de 12 de maio para a posse do Reitor e a instalação da Universidade. Devemos viajar, o Sr. e eu, no dia 05 de maio, domingo, para a sessão ordinária do Conselho. Penso que nos encontraremos em Salvador, no Caravelle da Cruzeiro. Imaginei assim, que de volta da sessão do Conselho, no dia 11 de maio (sábado), poderíamos ambos descer em Salvador, onde um automóvel irá buscar-nos. O Sr. descansaria a noite do sábado, e no domingo à noite nos faria uma conferência sobre “Reforma Universitária a Brasileira” e, na mesma sessão, seria a instalação da Universidade e a posse do Reitor. [...] (CORRESPONDÊNCIA DE DOM LUCIANO À NEWTON SUCUPIRA, 23/04/1968).

Dessa forma, a instalação da Universidade Federal de Sergipe deveria ter sido em 12 de maio, mas, no entanto, essa foi instalada no dia 15 de maio. Ao analisarmos a sequência da carta (em anexo), a sugestão para que ambos descessem em Salvador e seguissem juntos a Aracaju, derivava do fato do Aeroporto estar em reformas. Pensando então nos contratempos advindos da distância e, levando em consideração o cansaço e possivelmente outros problemas que possam ter surgido, compreendemos então que todas as programações descritas por Dom Luciano Duarte não aconteceram, tendo sido, então, a instalação da Universidade Federal de Sergipe realizada em 15 de maio de 1968, conforme nos afirma Souza (2015, p. 92).

Essa, ocorreu no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE, sob sessão solene, onde se fizeram presentes o Presidente do Conselho o Diretor Dom Luciano Duarte, membro do colegiado da FUFS, além do governador do Estado – Lourival Batista (1967-1971) e Newton Sucupira – membro do Conselho Federal de Educação e representante do Ministro da Educação (Tarso Dutra), além

destes, outras autoridades municipais, estaduais, federais, eclesiásticas, militares, professores, estudantes e pessoas em geral. Nessa mesma sessão, foi nomeado o primeiro reitor o Dr. João Cardoso do Nascimento Junior¹⁵⁵, o vice-reitor Waldemar Fortuna de Castro e o segundo vice-reitor, o padre José de Araújo Mendonça (SOUZA, 2015).

Eu não estava aqui não, estava viajando durante o processo de criação da Universidade Federal de Sergipe, eu lecionava Português, Didática e Estágio na antiga FCFS, me avisaram que tinha gente querendo minha cadeira, pense?! Voltei e assumi minha vaga novamente¹⁵⁶.

Eu não me envolvi não, estava viajando, estudando na Sorbone, estava me preparando, o processo de mudança ia acontecer, veio tudo na hora certa, eu estava mais preparada, já tinha experiência com o ensino superior, e quando eu retornasse com um diploma da Sorbone, ficaria bem melhor. A Universidade Federal já era esperada, se não mudasse nós não iríamos muito longe não, a situação era difícil, manter os cursos como era, estava complicado, ou mudava ou quem sabe, fecharíamos¹⁵⁷.

Após a instalação da Fundação Universidade Federal de Sergipe, iniciou-se o processo de composição do patrimônio e a incorporação das Faculdades Isoladas, pois essa havia nascido com suas unidades de ensino espalhadas pela cidade de Aracaju. As necessidades foram obrigando a construção ou ampliação de novos espaços para abrigar a administração e as atividades de ensino, que continuavam a se expandir. Ao passo que a UFS foi ganhando espaço dentro da sociedade sergipana e, em dez anos, houve um considerável aumento de matrículas, passando de 636 para 4.246, um salto de 567%. Em vista desse aumento, o reitor José Aloísio de Campos (o terceiro reitor), iniciou o processo de criação da cidade universitária. Além do aumento das matrículas, havia também a expansão, provocada pela criação de novos cursos e a Universidade Federal de Sergipe, não estava mais comportando a quantidade de alunos por conta das limitações das instalações oferecidas, era preciso ampliá-la (SOUZA, 2015).

Com a finalidade de dar prosseguimento às transformações exigidas pelas reformas estruturais, quando a UFS foi inserida no Programa PREMESU IV, que tinha por finalidade a construção do Campus Universitário, foi necessária a revisão da

¹⁵⁵Nascido em 1º de junho de 1918 na cidade de Piquete/São Paulo, formou-se em Medicina em 19 de dezembro de 1945, na 125ª Turma de Médicos da Faculdade de Medicina da Bahia. Tornou-se o primeiro Reitor da Universidade Federal de Sergipe em 15 de maio de 1968, mais detalhes consultar (SILVEIRA, 2010).

¹⁵⁶Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

¹⁵⁷Entrevista com a professora Rosália Bispo dos Santos concedida à autora em 12 de janeiro de 2014.

legislação básica. Em discurso, o reitor Aloisio de Campos afirmou que era preciso criar condições para melhorar a qualidade do ensino que estava sendo ministrado, era preciso atender às necessidades da mocidade da época, na busca pelo saber. Neste sentido, era preciso repensar, reformular e atualizar a estrutura da universidade. Era preciso ajustar a Universidade aos padrões mais modernos de ensino, que contemplasse o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica. Para isso, definiu-se a descentralização das atividades da Reitoria, criando cinco Pró-reitorias (Graduação, Pós-Graduação, Extensão e Assuntos Comunitários, Assuntos Estudantis, Administração), e uma Coordenação Geral de Planejamento (SOUZA, 2015).

Além disso, a reforma acadêmica visava a melhoria da qualidade do ensino, a execução de programas de pesquisas que contemplasse as áreas das ciências exatas e da tecnologia, das ciências biológicas e da saúde, o mesmo em relação às ciências humanas e sociais aplicadas. Como parte das reformas, estava inclusa a construção do Campus Universitário, pois, além de melhores condições de funcionamento para as atividades administrativas, pedagógicas e de pesquisa, promoveria a integração das atividades da Universidade. Firmada a possibilidade da construção do campus, iniciou-se outra maratona, encontrar um espaço adequado para a instalação deste. Várias áreas foram propostas, entre elas uma área cedida pelo Serviço de Patrimônio da União à UFS, sob o Decreto nº 66.226, de 17 de fevereiro de 1970, com 4.883.226,2772 (quatro milhões, oitocentos e oitenta e três mil e duzentos e vinte seis metros quadrados e dois mil, setecentos e setenta e dois centímetros quadrados), situado na Coroa do Meio, no Bairro Atalaia velha, em Aracaju (SOUZA, 2015).

No entanto, essa localidade não era apropriada para a instalação de UFS, devido sua proximidade com o mar, fato que poderia danificar os aparelhos dos laboratórios. Assim, já na administração do Reitor Luiz Bispo, por meio de uma Consultoria Técnica da UFS – CONSULTEC, definiu-se outras áreas a serem analisadas. Com os resultados colhidos, a escolha recaiu sobre uma área localizada no município de São Cristóvão, denominada “Fazenda Santa Cruz”. Para garantir a construção do Campus, era preciso que fosse realizada a aquisição dos primeiros terrenos, para isso, foi solicitado ao Ministério da Educação a quantia de CR\$ 449, 358 (quatrocentos e quarenta e nove mil cruzeiros e trezentos e cinquenta e oito centavos), para a desapropriação de terrenos que comporiam o Campus (SOUZA, 2015).

Para a realização desta obra, o Ministério da Educação e Cultura exigiu que fosse criada uma estrutura Técnico-administrativo, para arcar com o volume de serviços adicionais que seriam realizados. Dessa forma, em 17 de agosto de 1976, sob a resolução 14/1976, do Conselho Superior/CONSU, criou-se o ETA/Escritório Administrativo, com a responsabilidade de administrar e executar as obras de Construção do Campus. Durante o processo de construção, houve uma rejeição por parte dos funcionários e alunos por conta da localidade, o Reitor, então, utilizou-se de vários instrumentos para manter a sociedade informada, principalmente jornais, como forma de adquirir respaldo da sociedade sergipana frente um empreendimento importante para promulgação da educação em Sergipe. Além dos jornais, Aloísio de Campos convidava a sociedade para irem ao Campus visitar a construção, tudo isso para demonstrar que o novo espaço da UFS atenderia a demanda de alunos e seria um lugar seguro, tanto para os funcionários como para os alunos (SOUZA, 2015). As professoras Carmelita e Rosália também visitaram o Campus em construção, conforme fotografia abaixo.

Fotografia 21: As professoras visitando as obras do Campus Universitário.



Fonte: acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos

A frente temos a professora Carmelita Pinto Fontes, (de calça), seguida da professora Rosália Bispo dos Santos, (de vestido azul), também podemos ver a professora Teresa Prado de blusa branca, próximo a professora Rosália, entre outras. Com as primeiras obras construídas, teve início a transferência para o novo espaço, fato que causava insegurança aos funcionários e alunos, provocando uma verdadeira resistência. Os alunos reclamavam das condições dos esgotos, sanitários, da ligação da rede externa de serviços telefônicos, do transporte e da ponte de acesso ao Campus. Como agravante, em meio processo de transferência havia também a escolha de um novo Reitor. O presidente João Batista Figueiredo nomeou o economista Gilson Cajueiro de Holanda para o cargo de novo Reitor, substituindo José Aloísio de Campos que, mesmo com as obras incompletas, realizou a inauguração do Campus em 08 de agosto de 1980. No entanto a transferência ocorreu somente em 1981, pelas mãos do seu novo reitor. Assim, coube ao novo reitor, a responsabilidade de completar a instituição (SOUZA, 2015).

3.3- Carmelita Pinto Fontes, outras faces...

A década de 1965, foi de transformações tanto para a professora Rosália como para a professora Carmelita, pois, nesse mesmo ano, a professora Carmelita estava juntamente com suas amigas, Núbia Marques e Gizelda Moraes¹⁵⁸, lançando seu primeiro livro “Baladas do Inútil Silêncio”. Além de Aracaju, o livro também foi lançado em Salvador Bahia no dia 1º de outubro na Biblioteca da IOB – Imprensa Oficial da Bahia (SERGIPE JORNAL, 29/09/1965, nº 14.196).

¹⁵⁸Gizelda Santana Moraes, nasceu em 30 de maio de 1939 em Campo do Brito, município de Sergipe. Cursou o ginásio no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e o clássico no Atheneu Sergipense, participando da Arcádia Estudantil. Graduiu-se em Filosofia e Psicologia pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, e Pós Graduou-se na Universidade de São Paulo/USP, e na Universidade de Lyon (França), onde recebeu o Grau de Doutora, além desse, fez também o Pós-Doutorado em Etologia na Universidade de Paris XIII. Professora da Graduação e Pós-Graduação na UFS e na UFBA, além de ter sido professora visitante na Universidade de Nice (França). Mais informações consultar, (DIÁRIO OFICIAL, 2009, p. 17).

Fotografia 22: Núbia Marques e Giselda Moraes em Salvador Bahia no lançamento do Livro “Baladas do Inútil Silêncio”, 1965.



Fonte: fotografia extraída do livro, Baladas, Palavras e Outonos (2009, p. 19).

Segundo Melnikoff (2014), esse livro surgiu do convite de Núbia Marques para que as poetisas e amigas Carmelita Pinto Fontes e Gizelda Moraes pudessem fazer parte de uma trilogia de publicações, em que cada autora publicaria suas poesias em um único livro. Após o lançamento do livro, em 1967, Carmelita Pinto Fontes aceitou a proposta do Monsenhor Luciano Duarte de ir a Portugal para se especializar, através de uma bolsa de estudos. Ela não pensou duas vezes, arrumou as malas e seguiu.

Eu estava em casa quando ele chegou, disse que estava com umas ofertas de bolsas para Portugal, perguntou: você quer? Claro que sim! Quem vai dizer que não quer? Ele disse: então vamos tentar. Eu preenchi os formulários e ele levou. Ficamos aguardando e nada dessa bolsa chegar. E eu ansiosa, queria definir minha vida aqui, tinha que organizar as coisas. Quando foi uma noite, eu arrumando as coisas, organizando justamente os documentos e tudo, com uma ansiedade danada, porque não chegava nada, nem que sim, nem que não. Quando no domingo umas dezoito horas, eu em casa, isso foi no final de janeiro, aí chegou Maria Filizola, muito amiga dele também, ligada a ele, ele tinha pedido que ela me chamasse, eu fui. Quando cheguei ele disse sente, eu sentei, na hora nem me lembrei, nem imaginei, ele

disse: você está certa que é isso que você quer né? Eu disse o quê? Ele: sua bolsa chegou! Se prepare, arrume o passaporte. Eu já tinha arrumado tudo, cartão de saúde, tudo! Eu já tinha separado tudo quando fiz o projeto. O projeto havia sido aprovado, estávamos esperando a bolsa. Havia uma professora, muito competente, catedrática, inteligentíssima, mas ela não ganhou a bolsa. Acho que é coisa do Espírito Santo. Ela não ganhou e eu ganhei. Ele age sem a gente esperar. Eu achava que nem ia sair mais, eu vi aquilo demorando, eu disse, esse negócio não vai sair. Estava demorando e Dom Luciano procurou saber o que tinha acontecido, entrou em contato com a Embaixada Portuguesa e descobriu que minha bolsa tinha ido para São Paulo, por isso que estava demorando, se não fosse ele eu ia perder, mas ele é danado! Toda vida foi esperto, rapidinho ele desencavou. Ele fez uma carta de apresentação para que eu apresentasse em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros (hoje é o Itamaraty), minha bolsa era controlada por esse Ministério. Foi uma experiência de vida que só quem vive ou viveu sabe, a Europa é outro mundo. Quando eu era pequena, com uns sete anos, eu abri uma revista que dizia “Veneza” a cidade das águas. Eu pensei, como pode? Como pode uma cidade nas águas? Quando eu crescer eu vou ver se isso é verdade. Quando eu estava lá me lembrei e fui ver. Veneza a noite é a coisa mais linda do mundo! Eu nunca vi nada igual, tanta luz, tanto som! Infelizmente eu não tenho nenhuma fotografia. Mas foi uma experiência incrível, engordei 14 kg de tanto vinho que eu tomei¹⁵⁹.

Quando retornou, Carmelita assumiu a cadeira titular de Língua e Literatura Portuguesa do Instituto de Letras, Artes e Comunicação da Fundação Universidade Federal de Sergipe, lecionando as disciplinas de Estilística, Português I e II, Expressão Escrita e nos últimos anos, já próximo de se aposentar, a professora Carmelita lecionava também Introdução a Língua Portuguesa, ficando nessas disciplinas até março de 1991, quando se aposentou. Além das disciplinas, Carmelita foi por diversas vezes chefe do Departamento de Letras, responsável pela criação da Revista da Universidade Federal de Sergipe em 1981, assumindo a direção e edição do almanaque.

José Aloísio de Campos era o reitor, ele me solicitou que eu criasse uma revista para poder divulgar os trabalhos dos alunos, tanto de pesquisas como oficinas de leitura, ou algo mais que surgisse, era interesse dele que fosse popularizado seu trabalho, divulgasse os que estava sendo feito dentro da UFS¹⁶⁰.

Seu envolvimento com a cultura se fez presente, ela criou uma “Oficina de Leitura” na UFS, onde vários alunos se reuniam a cada quinze dias para leituras e discussões de textos literários, desencadeando no Primeiro Seminário de Leituras da UFS, realizado na década de 70. Além de seu envolvimento com os alunos, Carmelita

¹⁵⁹Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 08 de janeiro de 2016.

¹⁶⁰Idem, 08 de janeiro de 2016.

também escrevia crônicas no Jornal “A Cruzada” conforme já mencionado, desde quando ainda era estudante na FCFS e, mesmo em viagens, ela não deixava seus leitores sem suas escritas, enviavam-nas pelos correios e essas eram publicadas. Sua primeira crônica foi lançada em 14 de setembro de 1957, denominada de “A Flor do meu Quintal”.

A Flor do meu Quintal – Parece estranha esta frase e até desconexa, sem vida, enfim, sem beleza: “a flor do meu quintal”, mas eu tenho razões e razões bem fortes de assim dizer pois minha casa não tem jardim. Mas, no meu quintal estreito e apertado, cheio de mil coisas, uma nesga de terra perseguida aqui e ali por pedras, restos de água, pedaços de papel e até por meus passos incômodos e pesados que a atravessam tantas vezes, nada de grande e de notável desabrocha e cresce a não ser uma flor corajosa que um dia ali nasceu: a flor de meu quintal, a minha única flor. Tentarei descrevê-la procurando ser fiel ao que conheço a seu respeito, pois nada tendo de belo e exuberante, mas e tão simples que não terei dificuldade em fazê-lo. É assim a minha flor: o seu tamanho é a única coisa que me impede de falar de sua insignificância, de sua simplicidade, alcança uns quinze centímetros de diâmetro, logo não é pequena como o cravo e a Hortênciã. Qual mão leve de fada ela abre cinco dedos delicados sobre a face da terra tentando revelar aos homens o segredo que envolve sua veste alva e cetim – é branca a minha flor – Que outra cor poderia ter? somente a claridade é capaz de revelar segredos, de desvendar mistério porque é simples. Desprovida de todo luxo e conforto a minha flor é pobre, nasce em qualquer lugar, como nasceu no meu quintal e acredito mesmo que existem outras por aí, tendo por berço e por morada uma ramagem fraca e indefesa que para viver é preciso ajustar-se a algumas varas e escalar um muro quente com suas pernas de cipó para neles repousar as suas folhas. As vezes tenho pena da vida que leva, precisando tanto dos outros. Mas, logo me conforto porque toda existência é assim – uma necessidade que procura a outra, uma justiça que encontra a outra. Não podemos viver sós – precisamos sempre dos outros... É assim que vive a minha flor. E é mais que isto é mais pobre ainda e penso até que é infeliz, porque é sensível. É tão ruim ser assim. Parecemos sempre infelizes quando nos ressentimos com tudo... Ninguém lhe toca a não ser com cuidado, porque é frágil demais e se arrancamos mesmo com carinho pouco dura nas mãos dos homens. Só sabe viver no seu lugar, no lugar onde nasceu, sobre a ramagem oscilante que segura. Só vive enquanto flor sendo o que é: é tão triste deixar de ser o que somos; deixar de ser flor quando se é flor, deixar de ser gente quando se é gente... A esta altura, poderia dizer o seu nome, mas confesso que não o sei. Ouço milhões de nomes por aí, de nomes que lhe dão, mas tão vários e impróprios ou por qualquer outro motivo não consegui gravar um só e mesmo com nenhum deles eu ousaria batizá-la: são tão esquisitos, nomes sem nome. Se alguém quisesse saber, a flor do meu quintal tem um segredo, um mistério no qual está contido o seu nome. Ontem, a noite era linda, como toda noite de lua. Regressava da rua cansada, pensando no dia que passou, no dia que ia começar, pensando em muita coisa, quando levada por algum pensamento por certo e por alguém que me chamava, fui ver a minha flor. Estava tão bela como nos outros dias e não resistindo fui

depressa contemplar a sua beleza; lá estava ela prateada na claridade da noite como uma lua que refletia a outra. Não resistindo dei cabo a tudo num interessante diálogo com ela: queria naquela noite romper o seu segredo, sondar o seu mistério: é que a flor do meu quintal pura e simples passa um dia inteiro escondida, fechada para abrir somente a noite. E eu quis saber a razão de tudo... Por que trocar o dia claro de sol pelas noites frias e escuras? Por que não brilhar à luz do dia como brilham todas as flores disputando caprichosamente a riqueza de suas vestes? Por que? É que esta flor meiga e delicada que escolhe as noites sem vida e sem luz aponta sobre a face incerta da terra o destino de nossa vida, o segredo do nosso nome. Ela é cada um de nós, colocado não por acaso, no lugar que Deus escolheu, ajustando-se para viver às circunstâncias postas por ele, dando a lição de sua vida, precisando sempre dos outros, sem contudo neles estacionar, porque a obra é para ser contemplada; ela deve atrair sem absorver. E aí está o segredo do nosso nome, qual flor desabrochada por Deus em qualquer lugar no mundo, escondida da luz ardente e viva de sol das glórias, das honras, do egoísmo, do ódio e do prazer, para brilhar como a única luz na noite eterna e silenciosa de Deus como faz a flor do meu quintal...

No ano de 1958, a professora Carmelita seguiu escrevendo suas crônicas, porém ainda não havia criado a coluna “O Mundo Feminino”. Suas crônicas eram publicadas na coluna “Falando à mulher”. Nessa, suas escritas eram direcionadas especialmente às mulheres, fato evidenciado pela constância das crônicas relacionadas as questões femininas, como podemos observar a partir da matéria do dia 11 de janeiro de 1958 intitulada de “O segredo da felicidade”, em que ela fez um esboço sobre como as mulheres devem buscar a felicidade nas coisas de Deus e não nas coisas do mundo, pois, “[...] todo cristão deve ser criador, um artista para traduzir no original a imagem do seu cristo. Ninguém é tão pobre que não possua um coração para gravar nele a beleza desta imagem [...]” (A CRUZADA, 11/01/1958, nº 1.025).

No dia 18 de janeiro de 1958, Gratia Montal seguiu escrevendo para as mulheres, como sempre, e fez uma crônica com o título “Um grande erro na educação – o lar é o reino da mulher”. Nesse texto ela retratou que na educação das mulheres há vários erros, entre eles o fato de que as jovens deveriam ser educadas também para o lar, e que não podiam pensar somente no social. Para ela, a mulher deveria ser preparada para ser dona de casa.

Na educação da mulher existe em geral um gravíssimo erro. Deve-se a menina e a jovem a mesma educação que se dá aos rapazes. Lastimosamente se esqueceu de que a educação da mulher deve-se necessariamente dirigir-se para a maternidade; neste aspecto há de ser enquadrada sua atuação social. A educação das jovens nunca poderá

ser completa se a quiserem igualá-las à dos homens [...] (A CRUZADA, 18/01/1958, nº 1.025).

No mesmo ano, em 24 de maio, Gratia Montal retornou após dois meses sem escrever e seu retorno marcou também o aparecimento da coluna “O Mundo Feminino”, agora uma coluna mais aberta, embora ainda permanecessem a maioria das crônicas voltadas para as questões femininas, era uma coluna onde ela demonstrava sua criatividade poética também. Sua primeira crônica na nova coluna foi denominada de “A força do seu amor”. Nela, Gratia Montal fez um paralelo com uma reportagem que tinha saído na revista “O Cruzeiro”, alertando as jovens para terem cuidado com supostas promessas de amor. Suas crônicas dos mais variados estilos, deram visibilidade a sua produção literária, além de seu trabalho com os adolescentes na Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.

Sua produção no Jornal “A Cruzada” seguiu até 1969, doze anos de intensa produção e, após sua viagem a Portugal, ela também publicou algumas crônicas no Jornal “República” durante aproximadamente dois anos. Suas crônicas eram variadas, algumas relacionadas às viagens que ela fazia, outras traziam fatos sociais, morais, religiosos ou simplesmente retiradas de sua imaginação, o que segundo ela é extremamente normal, pois, “o artista consegue absorver os fatos que estão acontecendo ao seu redor, e transformá-los em poesias, crônicas, contos, pode ser tristes ou não, depende da situação¹⁶¹”. Buscando uma compreensão acerca de suas produções, destaco abaixo uma de suas crônicas do ano de 1960, escrita quando ela estava viajando ao Rio de Janeiro.

Partir e Ficar... O trem deu aquele apito, longe, como um gemido de moribundo aos ouvidos da gente. Era o entardecer e o dia entregava seus últimos poderes ao império da noite. O trem que se parecia com um lagarto, se movia na estrada longínqua e depois parecia morrer, à medida que iam diminuindo os seus últimos movimentos. Somente um lenço branco, dava, nos seus acenos, um tom de resto de vida; não era para mim. Eu me lembrei do partir e de ficar, embora nenhum dos dois fosse meu caso: não estava ali embarcando ninguém, um trem só parte para a gente, quando nos leva alguém, do contrário é um trem que vai e vem... Mas a ideia de partir, do ficar, mesmo sem alusões, sem compromissos, ficou na minha cabeça. [...] Mas vamos refletir no verdadeiro sentido dessas duas palavras. O partir é geralmente uma fuga, o ficar é sempre uma aceitação. Um é fácil, o outro é penoso. Mesmo quando a gente viaja, foge inconscientemente, ou medo das coisas ou em busca delas. A gente pode fugir de algo ou para algo. Enquanto que ficar é aceitar as últimas consequências de um sim.

¹⁶¹ Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 12 de janeiro de 2015.

Fica-se com saudade, com nostalgia, com solidão, é o lado de força, o de quem fica de pé. [...] (A CRUZADA, 20/02/1960, nº 1.168).

A autora teve visibilidade alcançada por conta de suas escritas durante anos nos principais jornais, a exemplo do Jornal “Gazeta de Sergipe” (1972 1973), a partir do fim do jornal “A Cruzada” em 1969. Além dos jornais, ela escreveu também crônicas para a Rádio Cultura, entre os anos de 1959 a 1965, depois retornando em 1979 a 1981, Carmelita era reconhecidamente uma poetisa, dona de uma escrita atuante e imediata. Por conta de tudo isso, em 1979, Carmelita, Núbia e Gizelda participaram do livro “Palavra de Mulher”: Poesia Feminina Brasileira Contemporânea. Livro organizado pela poetisa Maria de Lourdes Hortas, lançado pela editora Fontana, Rio de Janeiro. Suas produções não cessavam, em 1982 Carmelita novamente com suas parceiras e amigas, lançaram no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe o livro “Verdeoutono”. O livro é composto por três momentos denominados de “Eu”, “Tu” e “Nós”.

Fotografia 23: Carmelita Pinto Fonte, Núbia Marques, Marinho Neto (amigo) e, Gizelda Moraes, no lançamento do livro Verdeoutono, 1982.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

A poesia de três mulheres fabulosas está no livro “Verdeoutono”, é a vida correndo como sempre, apesar de tudo, tranquila, com as mudanças necessárias para o equilíbrio maior entre o que está acontecendo e o que vai acontecer. Verdeoutono de Núbia Marques, Gizelda Moraes e Carmelita P. Fontes, é uma história de amor, outra hora de saudade, de angústia, talvez a angústia que acompanha até hoje a questão feminina no nordeste. [...] Arte é um processo, meticuloso, cuidadoso, onde as pessoas são capazes de estabelecer uma linha, sem tirar o brilho capaz de movimentar a luz da inteligência de cada um [...] (DIÁRIO OFICIAL, 2009, p. 23).

Abaixo, destacamos um dos poemas de Carmelita contido no “Eu”, do livro Verdeoutono.

Incerta incerteza...

Já não sei se te amei como devia. Já não sei se te quis como eu queria. Sei que te amei bem mais do que podia. Mais tempo do que eu tinha para amar. Não sei se me esqueci pra te lembrar. Não sei se me perdi pra te buscar. Sei que te busquei mais do que sabia. Menos do que se sabe pra encontrar. Não sei se te venci ou me venceste. Não sei se te perdi ou me perdeste. No jogo que arrisquei pra te querer. Só sei que te perdendo sem cessar. Um dia deixarei de te lembrar. Um dia cansarás de me esquecer (FONTES, 1982, p. 11).

Nesse mesmo ano, a professora Carmelita lançou seu livro sozinha, “Tempo de Dezembro”. Sobre o livro, a professora Carmelita explicou que, “Tempo de Dezembro” (ou dez anos de alguns poemas) é um ato de compromisso com esses ditos que ficariam por não dito se, ao dever, não se juntasse um certo gesto de afeição que expressamos por aquilo que nasce de nós mesmos. Na fotografia abaixo Carmelita no dia do lançamento de seu livro.

Fotografia 24: Carmelita Pinto Fontes em lançamento do livro *Tempo de Dezembro*, 1982.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

Nesta partitura em que se abraçam cores, sons, silêncios, espaços – uma leve escritura engastada no tempo e com ele fluindo menos ameaçada que o tempo do poeta. São escritos de longe e de ontem trazendo para o agora os encargos dessa vinda que se tecem com os fios invisíveis dessa paixão que se chama vida. O tempo é sempre de dezembro – prazo e aplauso da palavra encenada, reinvenção (nunca repetição) em outros espetáculos de dezembro. A poesia não fala – isso fazem os homens – ela se diverte nesse jogo de roer o tempo, até atingir-lhe a seiva, matéria e experiência do verbo. Os poemas nascem antes de nós; produzi-los é uma espécie de afinidade de uma etapa de sua existência nômade com a nossa chegada. Identificados, seguem os dois – poeta e poesia – esta vida errante de ser apenas ensaio e passagem. Residente provisória, inquilina sem contrato, a palavra do poeta se instala fora do poder – mora caminhando ou se cansa de morar, de estar, e se inscreve no rebanho cigano dos significantes literários. Estar em tempo de dezembro é renascer em minha paixão mais antiga do que eu – porque amo desde tanto, com a obsessão dos vigias que escutam a noite até que ela se apague, sem fala e sem remorso. Esse passar dos poemas de dezembro desemboca em outros tempos, em outros passos de janeiro ou de setembro: “todos vão juntos e a estrada não dirá aonde vão/ e o poeta andando...” (FONTES, 1982, p. 08).

Entre tantos poemas produzido pela professora Carmelita, há um que ela se refere como sendo o mais comentado, denominado de “Os cabelos brancos de papai”. Segundo ela, se fosse escrito hoje não se chamaria “papai”, e sim “meu pai”, pois era dessa forma que ela e seus irmãos se dirigiam a ele, “meu pai”. “Se eu fosse escrever esse poema hoje, eu colocaria meu pai, e não papai, nós não chamávamos ele de papai, ainda pensei em mudar, mas, todos dizem que é bonito assim, então deixei¹⁶²”. Abaixo destacamos o poema que segundo Amaral Cavalcante “é o poema mais bonito entre todos mais bonitos escritos por Carmelita¹⁶³”.

Os cabelos brancos de papai...

Papai, eu já estou grande, mas inda me lembro de todos os presentes que você me deu: do bebê de celulóide, do sapatinho branco, do vestido de cetim... Papai, como eu gostava, como eu sorria, com aqueles brinquedos que você fazia, com aqueles presentes que você me dava. Gostava de girar na gangorra que você fez para eu brincar; gostava de sair correndo pela estrada, de montar no seu cavalo branco, de abrir cancelas pra você passar. Gostava tanto de perguntar as coisas a você e um dia, quando avistei aquela serra grande, cinzenta, quieta, como uma baleia morta, e lhe perguntei, você me respondeu: “é a serra de Itabaiana.” Foi com você, papai, que aprendi o que era horizonte, panorama, Via-Láctea, cruzeiro do sul, nascente, poente, norte e sul. Papai, era tão bom aprender geografia com você... Com as crianças de minha idade brincava pinto-galo, macacão, boca-de-forno, cabra-cega, e brincava também de me esconder. Mas o brinquedo melhor de minha infância, papai, era você... Era ouvir seu riso, sua voz, enfiar meus dedos nos seus cabelos brancos e pentear você... Mas um dia, um dia diferente, naquela tarde quente, uma água quente como aquela tarde caiu sobre você. Matou você, papai! E eu soube, depois, que na fúria de sua maldade ela carregou os seus cabelos brancos... No outro dia, a casa era deserta e tudo me falava de você: a gangorra parada, a cancela fechada, o cavalo branco, a lição de geografia... Papai, eu tenho uma saudade imensa de você... Desde esse dia tenho saído por toda parte a procurar os seus cabelos brancos: desesperada, fui um dia em direção ao mar; quando aquela espuma branca avistei pensando que eram seus cabelos brancos, minhas mãos mergulhei e ela se desfez sem piedade. Continuei, quando um riso de criança vi de mim se aproximar e quando tentei roubar aquele riso branco, ela me fitou com raiva. Voltei, sem esperança de mais nada, quando um bloco de areia branca, descobri; mas como o vento era forte, se arremessou na areia num ímpeto de morte e o bloco de areia se desfez sobre mim. Papai, nem a terra, nem os homens, nem o mar ninguém sabe onde foram parar os seus cabelos brancos? Papai, quando eu atravessar aquela nuvem branca ouvirei seu riso, sua voz, tocarei de novo, papai, no céu, os seus cabelos brancos... (FONTES, 1982, p. 26-28).

¹⁶²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 11 de janeiro de 2016.

¹⁶³Entrevista com Amaral Cavalcante, concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

O poema acima destacado em homenagem ao seu pai, representa a dor que marcou sua vida e modificou toda sua família. Sua poesia cheia de sentimentos havia alcançado o tão desejado reconhecimento entre seus pares, fato proporcionado por sua indicação à Academia Sergipana de Letras em 1984. Indicação essa que, segundo ela, partiu da iniciativa de Antônio Garcia Filho, secretário geral da ASL, nesse período. “Havia surgido uma vaga, com a morte do Dr. Marcos Ferreira de Jesus, que na época era o vice-presidente da ASL, ele pensou e lançou minha candidatura, depois me avisou¹⁶⁴”.

A Academia Sergipana de Letras foi criada em 1929, a partir das atividades desenvolvidas no “Clube de Leitura Hora Literária”, criado em 1919, sob o patrocínio do coronel José da Silva Ribeiro. Inicialmente foi batizado Hora Literária General José de Calazans¹⁶⁵ em homenagem ao primeiro presidente constitucional do Estado de Sergipe. Entre as várias atividades desenvolvidas podemos destacar a preocupação com a ortografia, pois esse defendia a harmonização da grafia da língua portuguesa com a dicção brasileira. Além dessa, a partir de 1928, seus estatutos foram modificados e, posteriormente, criou-se então a Academia Sergipana de Letras em 1929, cujos fins são bem semelhantes: o cultivo da língua e da literatura portuguesa (SOUZA, 2001).

A partir de sua instituição, a ASL seguiria o modelo da Academia Brasileira de Letras, por iniciativa do poeta Antônio Garcia Rosa e outros intelectuais como José de Magalhães Carneiro, Cleomenes Campos, José Augusto da Rocha Lima, Rubens Figueiredo, Monsenhor Carlos Costa, Clodomir Silva e Manuelito Campos (MELNIKOFF, 2014). A Academia Brasileira de Letras, por sua vez, seguia o modelo da Academia Francesa, que não permitia a entrada de mulheres em seu quadro de imortais. Segundo Fanini (2009), historicamente, a primeira mulher a romper esse reduto marcadamente masculino foi a poetisa Rachel de Queiroz (1977), mas, no entanto, outras mulheres já haviam tentado adentrar a ABL, a exemplo de Júlia Lopes de Almeida em 1897 e Amélia Beviláqua, em 1930. Em Sergipe, Núbia Nascimento Marques havia tentando sua entrada em julho de 1976, mas, como as demais, sua solicitação foi vetada por seus membros, conseguindo apenas em 17 de março de 1978.

¹⁶⁴Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 11 de janeiro de 2016.

¹⁶⁵José de Calazans, nasceu em 27 de agosto de 1863, na cidade de Itabaiana/SE. Em 03 de março de 1886 passou a integrar o corpo do Exército, onde seguiu carreira chegando em 03 de janeiro de 1912 ao cargo de Coronel. Foi também o primeiro presidente constitucional do Estado de Sergipe (Cf. GUARANÁ, 1925, p. 302).

Após Núbia Nascimento Marques, outras mulheres seguiram quebrando paradigmas, a segunda foi a professora Ofenísia Soares Freire¹⁶⁶, seguida por Maria Thetis Nunes¹⁶⁷. Carmelita seria, então, a quarta mulher a tornar-se imortal. Quando sua candidatura foi então oficializada, ela descobriu que seu concorrente seria seu ex-aluno, o pesquisador Luiz Fernando Soutelo. A partir de então, surgiu uma divisão dentro da ASL, alguns favoráveis à candidatura de Carmelita e outros à de Luiz Fernando Soutelo.

Começaram a dizer que eu era a candidata de Dom Luciano, ele nem aqui estava, estava viajando, em Campos do Jordão. Eu liguei para ele e disse: olhe, estão dizendo que eu sou sua candidata! Que você está me apoiando, que sou escolha sua. Ele disse: é? Não era não, mas agora é. Pronto! Começou as conversas nos jornais, todos os dias era uma história nova, me ligavam, foi uma campanha difícil, uma luta. Quando eu acordava seis horas da manhã já tinha repórter aqui em casa, eu dizia, meu filho isso é hora? Eles diziam: eles me mandaram, eu tenho que obedecer. Tudo isso atrás de conversa¹⁶⁸.

Luiz Fernando Soutelo, havia estudado no Ginásio de Aplicação, entrou na turma de 1962, ex-aluno de Carmelita Pinto Fontes, aprendeu com ela o gosto pela cultura. Segundo ele, antes dessa candidatura, havia surgido outra oportunidade de participar da ASL, mas, quando ele se candidatou, descobriu que seu concorrente seria o professor Clodoaldo de Alencar Filho, com o qual ele tinha uma relação de proximidade, pois esse era descendente de uma família da cidade de Estância, sua cidade natal, e essa família era próxima da sua família, ele então retirou sua candidatura, por respeito e consideração a esse professor. “Havia uma proximidade entre famílias, e ele havia sido meu professor de português no curso clássico, eu então retirei minha candidatura. Luiz Antônio Barreto disse, olhe Soutelo você contará com meu apoio na próxima vaga¹⁶⁹”. Nesse período, Luiz Antônio Barreto era o presidente da Academia Sergipana de Letras.

¹⁶⁶Professora, pesquisadora e jornalista, nasceu em 07 de dezembro de 1913 na cidade de Estância/SE. Catedrática de português do Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Escreveu para muitos jornais tanto na cidade de Estância como em Aracaju, publicando artigos relacionados com a Literatura Brasileira e Sergipana, numa forma evidente de levar conhecimentos aos leitores, e aos alunos. Publicou a “Presença Feminina em os Lusíadas”, obra publicada no ano de 1980, mesmo ano que foi empossada na Academia Sergipana de Letras, assumindo a cadeira de número 16 (CALDAS, 2015).

¹⁶⁷Educadora, historiadora, pesquisadora sergipana, nasceu em 26 de janeiro de 1923, na cidade de Itabaiana/SE. Ingressou em 1943 na Faculdade de Filosofia da Bahia, no curso de História e Geografia, concluindo em 1946. Tornou-se catedrática de História na Colégio Estadual Atheneu Sergipense, tornando-se a primeira mulher catedrática no Atheneu. Tornou-se imortal em 06 de abril de 1983, assumindo a cadeira de número 39 (CALDAS, 2015).

¹⁶⁸Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes concedida à autora em 11 de janeiro de 2016.

¹⁶⁹Entrevista com Luiz Fernando Soutelo concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

Quando surgiu outra vaga nós fomos candidatos juntos. Lembro que o Governador João Alves Filho, na época, me chamou e disse: qual é o apoio que eu como governador posso lhe dar? Eu trabalhava com o governador na época. Eu disse, governador muito obrigado, mas na Academia eu não quero envolver política. Porque ela foi patrocinada por Dom Luciano. A candidatura dela foi patrocinada por Dom Luciano. Fomos para o embate e ela ganhou. Eu só tive uma coisa a fazer, passar um telegrama parabenizando-a pela escolha. Ela tinha sido minha professora, não era minha inimiga. Eu só não fui para a posse dela, porque aí já era demais! Era um momento de consagração dela. Era explícito esse apoio de Dom Luciano à Carmelita, todos diziam que era apoio de Dom Luciano. Quando surgiu outra vaga, eu me candidatei, e ele, Dom Luciano na minha eleição, teve um gesto, para mim muito simpático. Ele me conhecia do GA, na hora que eu pedi voto, ele disse: você tem meu voto, mas estarei viajando na eleição, faça o seguinte, vá à Cúria, que eu vou lhe dá uma carta encaminhando meu voto. Ele me deu um papel assinado em branco! Era um ofício que eu tinha que encaminhar ao presidente da Academia com o voto dele. Hoje eu até entendo a ligação dele com Carmelita, se eu soubesse que seria ela, eu teria retirado minha candidatura como retirei para Clodoaldo¹⁷⁰.

A campanha de 1984 entre Carmelita Pinto Fontes e Luiz Fernando Soutelo seguiu acirrada, pois as preferências eram claras. Segundo o “Jornal Porta Voz” em uma matéria no dia 11 de fevereiro de 1984, Luiz Antônio Barreto foi quem inscreveu Luiz Fernando Soutelo na vaga deixada por Marcos Ferreira de Jesus, assim como Antônio Garcia Filho inscreveu a professora Carmelita. Iniciaria então uma disputa com preferências de dois lados. Em que pese, Antônio Garcia Filho já tenha agido em oposição a Dom Luciano Duarte durante o processo de Fundação da Universidade Federal de Sergipe, liderando o grupo que era favorável a criação da UFS sob o modelo de autarquia, contra o projeto de fundação federal liderado por Dom Luciano Duarte, esse, agora, se encontrava pertencente ao grupo que apoiou a candidatura de Carmelita Pinto Fontes, ou seja, comungando das mesmas ideias de Dom Luciano Duarte.

O jornalista Luiz Antônio Barreto, caráter fraco, ou muito mais que isso, inventou a candidatura de Luiz Fernando Soutelo à Academia Sergipana de Letras, contra a competente, culta e séria professora Carmelita Pinto Fontes. Quase rasgou os Estatutos da Academia em sua malandra e provinciana proposta. Ninguém tem nada contra o candidato do camaleônico jornalista, mas a verdade é que Luiz Fernando Soutelo não tem obra que o credencie a ser “imortal”. Qual a razão, então, levandade? (PORTA VOZ, 11/02/1984, nº 04).

¹⁷⁰Entrevista com Luiz Fernando Soutelo, concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

Para colocar mais assunto na disputa, o “jornal da Cidade” em 17 de fevereiro de 1984, lançou uma matéria entrevistando a professora Carmelita Pinto Fontes, na qual ela destacou sobre sua candidatura, bem como se ela aspirava ganhar a eleição, ao que ela respondeu que.

Considera uma aspiração justa uma vez que a Academia existe para congregar aqueles que tem uma história literária, através de livros publicados, vasta atividade jornalística, participação efetiva na elaboração e direção de espetáculos teatrais (JORNAL DA CIDADE, 17/02/1984, nº 3.632).

Sobre o fato dela ser mulher e estar aspirando a uma vaga na Academia Sergipana de Letras, ela respondeu que, “eu acho uma necessidade e um empenho da própria Academia Brasileira e a da França, que já tem em seus quadros a presença da mulher”. Quanto a eleição, Carmelita respondeu que deveria acreditar que seria uma eleição justa, pois, para ela.

A Academia constituída por pessoas que me incentivaram e acompanharam o meu trabalho, saberá essa instituição reconhecer quem deverá ocupar a cadeira 38 que pertenceu a Marcos Ferreira de Jesus. Espero que os acadêmicos, pessoas inteligentes, não se negarão em sufragar o nome de um candidato que tem quase quatrocentas publicações em jornais aqui e no exterior, além dos livros editados e da participação como escritor no Dicionário Brasileiro (JORNAL DA CIDADE, 17/02/1984, nº 3.632).

A disputa entre os dois candidatos seguiu acirrada e os jornais noticiavam tudo, deixando claro os dois lados da candidatura, a quem pertencia cada um dos candidatos.

Nesta segunda-feira deverá ser conhecido o novo imortal da Academia Sergipana de Letras. Perseguem a longevidade literária perpétua, Luiz Soutelo e Carmelita Fontes, se Luiz Soutelo representa a votação espontânea de alguns acadêmicos, Carmelita representa as forças da indicação exógena, segundo comentários, um apoio imbatível pela força que representa a indicação (JORNAL DA CIDADE, 12/03/1984, nº 3.648).

“Briga Cultural” – A poetisa ou poeta, Carmelita Pinto Fontes, que concorre a uma vaga na Academia Sergipana de Letras com o pesquisador cultural Luiz Fernando Soutelo, disse ontem que ele já foi seu aluno e não tem ainda maturidade para se tornar imortal. Soutelo por sua vez, rechaçou dizendo que idade não é requisito fundamental para se acadêmico. Carmelita disse ainda que ela têm vários livros publicados “e ele...nenhum” (JORNAL DA CIDADE, 12/03/1984, nº 3. 648).

O Jornal “Gazeta de Sergipe” também comentou sobre a eleição da professora Carmelita Pinto Fontes.

A professora Carmelita Pinto Fontes foi eleita para a Academia Sergipana de Letras, na tarde de ontem, obtendo 21 dos trinta e oito votos do colegiado. Luiz Fernando Soutelo, o outro aspirante à vaga deixada pelo Acadêmico Marcos Ferreira de Jesus, teve 16 votos e a comissão apuradora anotou um voto em branco. Com a eleição de Carmelita Fontes, a Academia Sergipana de Letras passa a ter quatro mulheres como imortais: Núbia Marques, Ofênsia Freire, Maria Thetis Nunes e Carmelita Pinto Fontes, recém-eleita. Segundo a nova imortal, “eu estava preparada para ganhar ou perder, e o resultado serviu apenas para acabar com a tensão criada com a campanha”. Para Carmelita, o concorrente Luiz Fernando Soutelo é um rapaz de índole boa e sei que tem condições para na primeira oportunidade, ocupar uma das cadeiras da Academia. “Ele é muito jovem e tenho certeza, que vai alcançar o seu objetivo”. Quanto a posse, Carmelita Fontes disse que “a partir de agora, vou pensar em uma data, tenho um ano para tomar posse, primeiro vou me recompor, pois a campanha foi exaustiva” (GAZETA DE SERGIPE, 13/03/1984, nº 7.605).

A notícia da eleição de Carmelita seguiu fazendo história, principalmente pelo fato do apoio de Dom Luciano Duarte à professora. Fato que pareceu não ter sido bem compreendido por parte dos membros da ASL. Em matéria no dia seguinte à eleição, intitulada de “Escaramuças Acadêmicas” as especulações seguiam.

Finalmente confirmaram-se todas as previsões que se vinha fazendo sobre a eleição para a Academia Sergipana de Letras: deu Carmelita Pinto Fontes na cabeça. O pleito, no entanto transcorreu num clima pouco acadêmico no dizer do próprio presidente daquela augusta casa de Letras. De acordo com Luiz Antonio Barreto sua autoridade foi por diversas vezes aviltada no decorrer da votação por conta dos destemperos verbais de alguns imortais. Diante disso, ao que parece, existe uma campanha velada contra Luiz Antonio Barreto nos vários quadrantes da cidade. Primeiro foi uma entrevista devastadora dada por Núbia Marques (também acadêmica) a este JC; depois o jornal “Porta Voz” trouxe uma nota desabonadora contra Luiz; já o poeta Carlos Magno glosou os “Verbetes Aracajuano” publicados por Luiz Antônio Barreto, no “Gazeta” e fez o seu “Verbetes Aracajuanos”, que estão sendo publicados na “Folha da Praia”. Agora essas escaramuças na ASL. Sem falar das notinhas que saíram, tempos atrás, no “Painel” do J.S. Vai ver que querem derrubar o Luiz da Academia (JORNAL DA CIDADE, 14/03/1984, nº 3.650).

A eleição que consagrou Carmelita, protagonizou a saída de Luiz Antônio Barreto da direção da Academia Sergipana de Letras. Sentindo-se desrespeitado como autoridade que era, redigiu uma carta de renúncia pedindo demissão¹⁷¹ após a eleição,

¹⁷¹Infelizmente a carta de renúncia escrita por Luiz Antônio Barreto não pôde ser acessada, pois o acervo da Academia Sergipana de Letras se encontra em processo de transição de gestão e não foi possível o

deixando o cargo nas mãos do secretário geral Antônio Garcia Filho. Na carta, ele explicava quais foram os motivos que o levaram a tomar essa decisão de abandonar um cargo faltando ainda um ano e nove meses de mandato.

Fotografia 25: Recorte do “Jornal da Cidade”, 1984.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/IHGSE.

O jornalista e pesquisador Luiz Antonio Barreto entregou ontem à tarde, uma carta ao secretário-geral da Academia Sergipana de Letras, Antonio Garcia Filho, renunciando à presidência daquela casa. No documento de duas laudas datilografadas em espaço dois, Luiz Antonio enumera uma série de fatores que determinaram a sua renúncia, todos estritamente ligados a realização do último pleito que elegeu a poetisa Carmelita Pinto Fontes para a cadeira do Dr. Marcos Ferreira de Jesus. Na carta, que somente ao Sr. Antonio Garcia será dado divulgá-la, Luiz Antonio deixa claro que ficou contrariado com o estilo da campanha da eleição passada. Afirma o presidente demissionado que recebeu “Umas pauladas que ele considera injustas”. Tendo sido alvo da pontaria de alguns membros da Academia Sergipana de Letras como uma casa de convivência fraterna, e que jamais imaginou vir a ser objeto de grosserias e agressões. “Fiquei, inclusive, sem poder responder pelo fato de ser o presidente da entidade e não poder tomar partido. Se respondesse

acesso aos seus documentos, assim como as Atas de reuniões. Outro local consultado por mim diz respeito ao Instituto Tobias Barreto, idealizado por Luiz Antônio Barreto, que fica localizado no segundo andar da Biblioteca da Universidade Tiradentes/UNIT, no bairro Farolândia, mas, no entanto esse documento não consta no acervo do ITB. Assim, as informações ficaram a cargo dos jornais e entrevistas apenas com dois dos lados envolvidos.

poderia ser faccionado, ficar do lado de Carmelita ou Fernando Soutelo”. Luiz Antonio Barreto, que votou em Fernando Soutelo, será substituído pelo secretário geral da ASL, Antonio Garcia, uma vez que o vice-presidente da casa era o Dr. Marcos Ferreira de Jesus, falecido recentemente e cuja cadeira foi disputada acirradamente no último pleito. A Academia deverá, agora, reunir-se em assembleia para marcar nova eleição para a presidência. Luiz Antonio Barreto deixou o cargo faltando ainda um ano e nove meses de mandato a cumprir (JORNAL DA CIDADE, 20/03/1984, nº 3. 656).

Segundo a professora Carmelita, Luiz Antônio Barreto talvez não contasse que sua demissão seria aceita, pois “ele, talvez pensou que todos fossem ponderar o pedido dele, que não fosse ser aceito, ele só não imaginava que Antônio Garcia estava doido para ser o presidente, para ficar no lugar dele¹⁷²”. Com a renúncia de Luiz Antônio Barreto, a ASL reuniu os membros em Assembleia Geral para escolha do novo presidente e do vice-presidente. Em votação, foram escolhidos os acadêmicos Antônio Garcia Filho para presidente e José Bonifácio Fortes Neto para vice-presidente. Na sequência, foram escolhidos também para secretário geral, cargo ocupado por Antônio Garcia, o acadêmico João Evangelista Cajueiro. De forma sucinta, Antônio Garcia agradeceu a honra de ser recebido pela unanimidade e, de pronto, comprometeu-se a realizar sessões formais da Diretoria e uma sessão informal para confraternização e sugestões, mensalmente, e instituir uma reunião pública de Assembleia geral com “um tema em debate”. Esta, gravada para acervo da memória histórica da Academia, propôs ainda editar a Revista neste semestre (GAZETA DE SERGIPE, 07/04/1984, nº 7.527).

Apesar da tumultuada disputa, após sua eleição, a professora Carmelita, em sessão solene no dia 13 de novembro de 1984, assumiu a cadeira de número 38 da Academia Sergipana de Letras. Apresentada por Manuel Cabral Machado, seu ex-professor, que exaltou sua carreira, o início da paixão pela escrita, quando ainda era sua aluna na FCFS, destacou sua vida pessoal, profissional e claro suas produções fato que ocasionou sua entrada na ASL.

Academia Sergipana de Letras ganha nova imortal – um discurso de aproximadamente 10 laudas, versando sobre a imortalidade, foi lido pela professora Carmelita Pinto Fontes ao ser empossada às 20 horas de ontem, membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira de número 38 que pertenceu ao imortal Marcos Ferreira de Jesus. Professora da Universidade Federal de Sergipe, ela foi eleita no mês de março passado, durante disputado pleito que também contou com a candidatura do atual presidente do Conselho Estadual de Cultura, Luiz Fernando Ribeiro Soutelo. [...] Ao assumir a cadeira 38

¹⁷²Entrevista com a professora Carmelita Pinto Fontes, concedida à autora em 11 de janeiro de 2016.

da Academia Sergipana de Letras a imortal Carmelita Pinto Fontes tem dois objetivos: lutar pela prevenção da cultura brasileira, juntamente com os demais integrantes daquela instituição e se preocupar com as coisas da intelectualidade. Durante seu discurso a professora procurou demonstrar a importância da imortalidade, afirmando que ela existe tanto no ângulo da espiritualidade como no lado intelectual. À solenidade, que foi presidida pelo professor Antonio Garcia, aconteceu no auditório do Tribunal de Justiça e contou com a participação de grande número de autoridades civis, militares e eclesiásticas (JORNAL DA CIDADE, 14/11/1984, nº 3.850).

Em seu discurso de posse, a professora Carmelita agradeceu o apoio recebido por todos, principalmente por seu amigo Dom Luciano José Cabral Duarte, além de Núbia Marques, também sua amiga e antecessora na ASL, Manoel Cabral Machado, que fez o discurso de apresentação da nova acadêmica, Maria Thetis Nunes, entre outros. Abaixo destacamos a professora Carmelita Pinto Fontes em seu momento de glória, sua posse na ASL.

Fotografia 26: Carmelita Pinto Fontes na Academia Sergipana de Letras, 1984.



Fonte: acervo pessoal da professora Carmelita Pinto Fontes

A disputa cultural que antecedeu a eleição da professora Carmelita não interferiu no brilho da festa, onde ela exaltou seus professores responsáveis por seus

primeiros passos rumo a cultura, a escrita, a profissão que seguiu. Além desses, ela não esqueceu os primeiros professores do primário, a exemplo de Zizinha Guimarães, mestra importante no despertar de sua capacidade criativa, conforme consta logo abaixo.

Na caminhada da infância e da adolescência – a escola, este precioso sinônimo de mulher. Iracema Lobão, quem primeiro me colocou na palco; Júlia Teles que me ensinou através do Português o difícil trajeto da justiça; Ofenísia Freire que me introduziu nas veredas deste infinito sertão da Literatura. E uma mulher, Zizinha Guimarães – a mestra maior, a doutora de Laranjeiras, dramaturga, pianista, poliglota. Parece ter surgido ali como vinda de um planeta estranho e bem distante: competente, austera e inovadora, solene e sensível. Ensinava todas as coisas a filhos e a pais e à cidade inteira. Lecionava várias línguas estrangeiras, piano, ginástica com música, teatro, dança e todos os deveres cívicos, morais e religiosos. Nasceu antes do seu tempo, viveu a plenitude da educação e morreu brilhando de lucidez. Ela foi minha lição de ser.... e não tem outro nome (FONTES, 1984, p. 24).

A professora Carmelita seguiu seu discurso agradecendo à família, aos valores deixados por seu pai, à força de sua mãe em seguir com a educação dos filhos apesar das adversidades, lembrando sempre das escolhas que fez no decorrer de sua vida, tendo sempre como base a educação. A busca pelo reconhecimento de seus pares, na necessidade constante de uma “autoafirmação”, de reconhecimento por tudo que produziu, por tudo que contribuiu com a cultura de seu Estado fez com que ela disputasse uma vaga com seu ex-aluno. Carmelita ganhou a eleição, e imortalizou seus trabalhos, sua cultura, seu nome.

ALGUMAS REFLEXÕES

Não tenho aqui a pretensão de finalizar nenhum pensamento, nem trago fórmulas prontas sobre detalhes destacados no texto, conforme cito na introdução, esta pesquisa nasceu a partir de lacunas encontradas em outra pesquisa e, como tal, espero que esta possibilite mais pesquisas, pois “nenhum documento está totalmente superado”, o meu olhar é falho e as possibilidades de outros olhares são infinitas. Sendo assim, trago algumas “reflexões” acerca desta pesquisa, que teve como objetivo analisar as trajetórias intelectuais das professoras Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos, mostrando suas contribuições para a educação sergipana. Para isso, foi preciso compreender como essas professoras construíram suas carreiras e conduziram suas atividades pedagógicas nas instituições que atuaram, mostrando os impactos que suas ações proporcionaram à sociedade de sua época.

Isso só foi possível a partir das análises dos dados obtidos em documentos produzidos por elas e/ou sobre elas, em recortes de jornais da época e em entrevistas com seus ex-alunos na busca por compreender se, suas ações pedagógicas refletiram ou não sobre suas escolhas profissionais ou mesmo pessoais. De acordo com as informações obtidas nos foi possível perceber que sim, pois alguns deles seguiram também a mesma profissão de suas antigas professoras. Isto significa que a educação tem a capacidade de transmitir ao outro valores sociais, morais ou até mesmo político, ao que Sirinelli (1996) destaca como “intelectuais despertadores”, pois, assim como Carmelita sentiu-se estimulada pela criatividade pedagógica desenvolvida por sua primeira professora Zizinha Guimarães, Rosália também decidiu ser professora de Francês a partir do primeiro contato com a língua transmitida a ela por sua professora Norma Reis, esses valores sociais refletiram de forma decisiva na construção social e educativa de seus ex-alunos também.

Além destes, buscamos também entrevistá-las afim de ampliar nosso olhar sobre as personagens aqui analisadas. Ouvi-las sobre suas vidas nos possibilitou identificar situações particulares que dificilmente um documento seria capaz de transmitir. Além disso, as entrevistas forma confrontadas com outras fontes e, amparadas em conceitos teóricos, nos possibilitou um entendimento maior dos fatos vivenciados por elas em seu tempo. Entre eles, destacamos o conceito de *campo* de

Bourdieu (2004), o conceito de *redes* de Sirinelli (1996), além do conceito de *histórias de vidas* de Nóvoa (2007), e Souza (2007).

Na completude desta, alguns personagens foram surgindo, fato que contribuiu para um melhor entendimento acerca da organização e consolidação de suas carreiras. Carreiras que, para construí-las Carmelita e Rosália se distanciaram dos padrões sociais que a cercavam, seus olhares estavam voltados para outros horizontes. A realização profissional requer sacrifícios, como noites dedicadas às leituras, correções das atividades, (no caso delas que são professoras) a distância da família, viagens em busca de mais conhecimentos, ou como no caso das duas, a abnegação pela construção de uma família que, em alguns casos, a vida pode lhes cobrar o preço depois.

Ambas não casaram e, segundo Carmelita, a ausência do casamento não lhe faz falta, mas se arrepende de não ter tido filhos, se pudesse voltaria no tempo para corrigir o que, segundo ela, está fazendo falta agora. Já a professora Rosália não se arrepende, porém, se voltasse alguns detalhes ela teria feito diferente. Ou seja, mesmo transparecendo que são mulheres realizadas profissionalmente, lhes falta algo que agora não será mais possível corrigir.

Na busca por essa construção profissional, destacamos a presença de Dom Luciano Duarte, interligando fatos e oportunidades, garantindo-lhes posições sociais destacadas entre seus pares, a exemplo da nomeação de Rosália ao cargo de diretora do Colégio Estadual de Sergipe, mesmo sem pertencer à Congregação do Colégio, grupo formado por professores catedráticos do qual somente os membros poderiam ser nomeados ao cargo de diretor, e a posse de Carmelita na Academia Sergipana de Letras após tumultuado processo de eleição. Não queremos com isso diminuir o mérito, nem da escrita de Carmelita, nem da capacidade administrativa de Rosália, o objetivo foi tão somente evidenciar as *redes sociais* que as envolviam na sociedade de seu tempo. Além das viagens oportunas, que possibilitaram uma ampliação a mais nas suas carreiras.

Assim, fica aqui uma contribuição aos estudos da História da Educação com destaque para duas mulheres que construíram suas vidas profissionais e transmitiram valores à sociedade de sua época, proporcionando uma contribuição as gerações seguintes.

FONTES DOCUMENTAIS

Ata da primeira reunião dos professores do Ginásio de Aplicação, 05/03/1959.

Atas de reuniões dos professores do Ginásio de Aplicação, 1960.

Atas de reuniões dos professores do Ginásio de Aplicação, 1961.

Atas de reuniões dos professores do Ginásio de Aplicação, 1965.

Atestado de idoneidade dos professores do Ginásio de Aplicação em 1959.

Convênio firmado entre a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe e o Colégio Estadual de Sergipe, 1965.

Correspondência de Dom Luciano Duarte à Newton Sucupira, 15/01/1968.

Correspondência de Dom Luciano Duarte à Newton Sucupira, 19/12/1967.

Correspondência de Dom Luciano Duarte à Newton Sucupira, 23/04/1968.

Correspondência de Dom Luciano Duarte ao ministro da Educação e Cultura Raymundo Moniz de Aragão, 1966.

Declaração de comprometimento dos futuros professores do Ginásio de Aplicação, 1959.

Livro de registros de disciplinas de alunos do Ginásio de Aplicação, 1960.

Livro de registros de disciplinas de alunos do Ginásio de Aplicação, 1961.

Livro de registros de disciplinas de alunos do Ginásio de Aplicação, 1962.

Livro de registros de disciplinas de alunos do Ginásio de Aplicação, 1963.

Ofício encaminhado à Secretaria Estadual de Segurança, pela professora Rosália Bispo dos Santos solicitando a contratação de um guarda-civil, 1965.

Ofício encaminhado ao diretor geral do Departamento de Educação, Curt Vieira, pela professora Rosália Bispo dos Santos, 1965.

Ofício enviado ao Secretário da Fazenda e Obras Públicas, expedido pela professora Rosália Bispo dos Santos, 1965.

Ofício enviado ao Secretário Estadual de Educação, pela professora Rosália Bispo dos Santos, 1965.

Procuração de Dom José Vicente Távora ao padre Luciano Duarte, 26/06/1959.

Regimento Interno do Ginásio de Aplicação, 1960.

Regimento Interno do Ginásio de Aplicação, 1982.

Registro dos professores no Ministério de Educação e Cultura, 1959.

Relação das primeiras provas parciais dos alunos do Ginásio de Aplicação, 1960.

Relação das primeiras provas parciais dos alunos do Ginásio de Aplicação, 1961.

Relação de livros existentes na Biblioteca do Ginásio de Aplicação, 1959.

Relação do Corpo Docente do Ginásio de Aplicação, 1960.

Relação dos materiais existentes nas salas de aulas práticas do Ginásio de Aplicação, 1959.

Relatório da Inspeção Federal, 1959.

Relatório de Verificação Prévia – Inspeção Federal, 30/06/1959.

Solicitação de contratação expedido pela professora Rosália Bispo dos Santos, 1965.

JORNAIS UTILIZADOS

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO – 1965.

JORNAL: A CRUZADA – 1950, 1951, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1965.

JORNAL GAZETA DE SERGIPE – 1965, 1884.

JORNAL DA CIDADE – 1884.

JORNAL PORTA VOZ – 1984.

SERGIPE JORNAL – 1965.

ENTREVISTAS

BEZERRA, Gélío Albuquerque. Entrevista concedida à autora em 15 de julho de 2015.

CALDAS, Maria Hermínia. Entrevista concedida à autora em 15 de dezembro de 2015.

CAVALCANTE, Amaral. Entrevista concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

FONTES, Carmelita Pinto. Entrevista concedida à autora em 12 de janeiro de 2015, 21 de agosto de 2015, 08 e 11 de janeiro de 2016.

LISBOA, Jane Lisboa. Entrevista concedida à autora em 19 de novembro de 2015.

OLIVEIRA, Renilson. Entrevista concedida à autora em 18 de agosto de 2014.

RIBEIRO, Jorge Andrade. Entrevista concedida à autora em 04 de agosto de 2015.

SANTOS, Rosália Bispo dos. Entrevista concedida à autora em 12 de agosto de 2014 e 28 de agosto de 2015.

SOUTELO, Luiz Fernando. Entrevista concedida à autora em 20 de agosto de 2015.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. Histórias dentro da História.** Carla Bassanezi Pinsky (ORG). São Paulo. Ed. Contexto, 2011.

ANDRADE, Fabiane Vasconcelos. **O Ensino de Francês:** Reflexões sobre a Prática Docente da Professora Norma Reis. IN. SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação. V Congresso Brasileiro de História da Educação, Aracaju/SE, 2008, v. 1, p, 1-9.

ANDRADE, Maria Clarete Borges de. **Cultura Escolar do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina na Década de 1960.** Dissertação de Mestrado em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Florianópolis, 2009.

ARAGÃO, Natália de Menezes. FILHA, Rivanda Maria Costa Chagas. SANTOS, Simone da Conceição. FREIRE, Viviane Bezerra. **Maria Augusta Lobão Moreira: competência a serviço da Educação.** Monografia apresentada ao Centro de Ciências do Homem e da Natureza da Universidade Tiradentes/UNIT, Aracaju, SE, 2001.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de Dom José:** O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). São Cristóvão/SE. Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BARROS, José de Assunção. **O Campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2009.

BERGER, Miguel André. **Acrísio Cruz:** Um Intelectual Sergipano Defensor do Ensino Rural. Artigo apresentado no XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

_____, Miguel André. **Estágio supervisionado:** exploração da/ou contribuição para a escola? **Educação**, p. 30 -32; agosto de 1985.

BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia; BUENO, Ivana Santiago. **Relação Teoria-Prática na Formação de Professores:** Escolas de Aplicação e Cursos de Pedagogia. Artigo apresentado ao VIII colóquio da UNINOVE/Universidade Nove de Julho/São Paulo/SP, 2011.

_____, Patrícia. **Escolas de Aplicação:** um Capítulo na História da Formação de Professores no Brasil. (IN) Instituições e Práticas Escolares no Brasil: reflexões na História. SOUZA, Josefa Eliana, JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas. (Organizadores). São Cristóvão. Ed. UFS. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Os Usos Sociais da Ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denise Barbara Catani. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

_____, Pierre. **A Ilusão Biográfica.** IN. Usos e Abusos da História Oral. AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). Rio de Janeiro. Editora FGV – 8ª ed. 2006.

_____, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** (ORG) Sergio Miceli. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2013.

CALDAS, Maria Hermínia. **Vultos da História da Educação em Sergipe**. Aracaju, SE. Ed. Infographics, 2015.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da Escola: As Festas Escolares em São Paulo (1890-1930)**. 2007. (Dissertação de Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo/SP.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Rosemeire Macedo. **Fé, Civilidade e Ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**. Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2003.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2004.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e Fardões: Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)**. São Paulo, 2009 (Tese).

FERRETTI, Celso João. A Inovação na Perspectiva Pedagógica. In: GARCIA, Walter Esteves. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 3. ed. São Paulo. Autores Associados, 1995.

FONTES, Carmelita Pinto. **Tempo de Dezembro: poesia**. Ed. J. Andrade. Aracaju, SE. 1982.

_____, Carmelita Pinto; MORAIS, Gizelda; MARQUES, Núbia Nascimento. **Baladas, Palavras e Outonos**. Editora Oficial do Estado, 2009.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 13ª edição. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio. 1979.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)** São Cristóvão. 2003.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

GONÇALVES, José Alberto M. **A Carreira das Professoras do Ensino Primário (IN) Vidas de Professores**. NÓVOA, António. (Organizador) Ed. Porto. Portugal 2003.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira Da. **Pés-de-Anjo e Letreiros de Neon**. Ginasianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão – SE. Ed. UFS. 2002.

GUARANÁ, Armindo, **Diccionario Bio-Bibliographico Sergipano**. Rio de Janeiro/S. Ed., 1925 (p.271-274).

HORTA, José Silvério Baia. **O Hino o Sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1994.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. Ed. Martins Fontes. São Paulo 1922.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto Histórico**. Tradução de Gizele de Souza. Revista brasileira de história da educação, nº 1, jan/jun. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2003.

_____, Jacques. **São Luiz**. Tradução: Marcos de Castro, 4ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2010.

LEVI, Giovanni. **Usos da Biografia**. IN. Usos e Abusos da História Oral. AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). Rio de Janeiro. 8ª ed. Ed. FGV, 2006.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao Ensino Superior Sergipano (1950-1968)**. Dissertação de Mestrado em Educação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2009.

LIMA, Ana Paula Soares. **Educação e Cultura: aspectos desenvolvidos pela professora Albertina Brasil em Sergipe**. São Cristóvão/SE. Monografia Apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na Sala de Aula**. História das Mulheres no Brasil. DEL PRIORE, Mary. (ORG) PINSKY. Carla Bassanezi (Coord. De textos) 10 ed. São Paulo. Contexto. 2013.

MARQUES, Alex Escalé; BARBOSA, Maria do Carmo; MAGALHÃES, Camila Aguiar do Monte de. BARBALHO, Maria Goretti Cabral. **Valor Contributivo dos Colégios de Aplicação em Universidades Federais: o Caso do Núcleo de Educação da Infância (Nei) na UFRN**. Artigo apresentado no VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

MEDEIROS, Valéria Antônia. **Antônio de Sampaio Dória e a Modernização do Ensino em São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. PUC/Pontifícia Universidade Católica, 2005. Tese.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques: Contribuições para a Educação em Sergipe (1978-1999)**. Dissertação de Mestrado em Educação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe/PPGED. São Cristóvão/SE, 2014.

MENDES, Lícia de Fátima Gonsioroski. **Educação para a Gestão da Mobilização e Segurança Nacional**. Revista do Portal de Educação do Exército Brasileiro, RJ, jan, 2009.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte**. Aracaju/SE. J. Andrade, 2008.

NÓVOA, António. Os Professores e as Histórias da sua Vida. IN. **Vidas de Professores**. NÓVOA, António. (ORG). Tradutores: Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. Ed. Porto. Portugal, 2007.

NUNES, Martha Susana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS: memórias de um ginásio de ouro**. São Cristóvão. Editora UFS, 2012.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: A Poesia da Ação**. Bragança Paulista, SP. EDUSF, 2000.

NUNES, Maria Thetis. **História da educação em Sergipe**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1984.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. ALVES, Eva Maria Siqueira. **A Organização das Cátedras na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1968)**. IN. VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Inovação, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil, 2011, Vitória/ES. SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação.

OLIVEIRA, Nayara Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): Origens e Contribuições**. São Cristóvão. Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe. 2011. (Dissertação de Mestrado).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2005.

PILETTI, Claudino. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. Ed. Contexto. São Paulo 2013.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns Nomes Antigos do Aracaju**. Aracaju/SE. Ed. J. Andrade. 2011.

RODRIGUES, Edina do Socorro Gomes. **Um Estudo Sobre Intelectuais Negros na Academia entre 1970 e 1990: Trajetória Acadêmica de Florentina Silva Souza**. Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará/Belém. (Mestrado Acadêmico), 2011.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1996.

SÁ, Rozendo de Aragão, e LINHARES, Ronaldo Nunes. **A Imprensa em Sergipe: notas sobre o Jornal “A Cruzada”**. Artigo apresentado no 7º Encontro Nacional de Imprensa de 2009 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

SANTANA, Livia Borges. **Em Busca de Zizinha:** Vestígios para a musealização da memória sobre Eufrozina Amélia Guimarães (1872-1964). Monografia de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras/SE 2011.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade:** A Arquitetura dos Grupos Escolares Sergipanos (1911-1926). São Cristóvão. Ed. UFS, 2013.

SANTOS, Cora Linhares dos. **Construção do Primeiro Campus Universitário de Sergipe (1972-1980).** São Cristóvão/SE. Monografia Apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2013.

SANTOS, Maria Nely dos. **Professora Thetis:** uma vida. Aracaju: FUNCAJU, 1999.

SILVA, Anna Karla de Melo e. **Felte Bezerra:** Um Quartel de Atividades Littero-Científicas. Dissertação Apresentada ao Departamento de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe/PPGED/UFS. São Cristóvão/SE, 2014.

SILVEIRA, Jussara Maria Viana. **Da Medicina ao magistério:** aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Junior. São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2008 (Dissertação de Mestrado).

SIRINELLI, Jean François. **Os Intelectuais.** IN: RÉMOND, René (ORG). Por uma História Política. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro. UFRJ. 1996.

SOARES, Norma Patrícia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003):** Reconstruindo uma Memória da Formação de Professores. Teresina/PI. Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Piauí. 2004. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Josefa Eliana. **História e Memória Universidade Federal de Sergipe:** 1968-2012. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

_____, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça:** Um Escolanovista Sergipano. São Cristóvão. Ed. UFS. 2003.

SOUZA, Cristiane Vitória de. **A República das Letras em Sergipe (1889-1930).** Monografia Apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **História de Vida e Práticas de Formação:** escrita de si e cotidiano escolar. IN. História de Vida e Formação de Professores. Coleção. Salto para o Futuro. Ministério da Educação, 2007.


THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1992.

WARDE, Mirian Jorge. **O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação.** Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, 2003, v. 5, p. 125-167.

ANEXOS

1ANEXO 01: Procuração assinada por Dom José Vicente Távora nomeando o padre Luciano Duarte em 26 de junho de 1959.

210



PROCURAÇÃO

A SOCIEDADE SERGIPANA DE CULTURA, com sede nesta Capital, representada neste ato pelo seu Presidente Dom José Vicente Távora, que também assina - Dom José Távora, Bispo da Diocese de Aracaju, nomeia e constitui seu bastante procurador o Mons. - Doutor Luciano José Cabral Duarte, brasileiro, sacerdote, residente e domiciliado nesta capital, para fundar em nome da Outorgante, o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, podendo requerer no Ministério de Educação e Cultura e em qualquer repartição pública federal, estadual e municipal, o que se tornar mister à fundação do dito Ginásio, requerendo e assinando tudo que preciso fôr, podendo inclusive substabelecer, com ou sem reserva de poderes

Aracaju, 26 de Junho de 1959

Dom José Távora
Bispo Diocesano

Recebido como válido
(e)

ANEXO 02: Relatório de Verificação Prévia – Inspeção Federal, 30 de junho de 1959.

GINÁSIO
DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE
RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO PRÉVIA

1) - Nome oficial do estabelecimento

GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE.

2) - Histórico

O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, fica situada á rua Campos nº 177, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe.

Foi fundado no dia 30 de junho de 1959 pela Sociedade Sergipana de Cultura.

Como o seu nome indica, servirá para o treinamento didático dos professores. Possui condições pedagógicas satisfatórias e contando com um excelente professorado, está capacitado a ministrar o melhor ensino ginasial do Estado.

Com o crescimento da população escolar, é de interesse vital a criação desse Ginásio que irá atender seguramente aos professores formados pela Faculdade Católica de Filosofia / de Sergipe e que se encontram ás vezes em dificuldade de exercer a sua profissão por já estarem os demais Ginásios com o seu quadro / docente completo.

O estabelecimento mantém a seguinte organização administrativa: Diretoria, Secretaria, Auxiliares da Administração, Corpo Docente e Corpo Discente.

Na data do levantamento deste relatório os / cargos de administração se acham assim constituídos:

Diretor: Prof. Rosália Bispo dos Santos
Secretário: Prof. Elze do Prado Barreto

3) - Regime

O Ginásio funcionará sob o regime de externato, admitindo matrícula para candidatos de ambos os sexos, observadas as exigências da legislação de ensino vigente.

4) - Capacidade

A capacidade do estabelecimento, por turno, é de 222 alunos, conforme distribuição no quadro seguinte:

ANEXO 03: Relação dos Livros existentes na Biblioteca do Ginásio de Aplicação.

RELACÃO DOS LIVROS EXISTENTES NA BIBLIOTECA DO GINÁSIO
DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

NÚMERO	TÍTULO	AUTOR	VOLUMES
1	A Paixão de Militona.....	T. Gauteis	1
2	Dedo nos Labios.....	A. Schmidt	1
3	Amores e Viagens de P. Manuel.....	J.P.D'Arcos	1
4	O Gato Escarlata.....	O. Oppenheim	1
5	O Homem que comprou Londres.....	E. Wallace	1
6	Viagem Atraves do Brasil I.....	A. Espinheira	1
7	Viagem Atraves do Brasil II.....	A. Espinheira	1
8	Viagem Atraves do Brasil III.....	A. Espinheira	1
9	Viagem Atraves do Brasil IV.....	A. Espinheira	1
10	O Manequim de Vime.....	A. France	1
11	O Ermitao da Gloria.....	J. de Alencar	1
12	O Navio Fantasma.....	R.L. Stevenson	1
13	Um Romano Antiho.....	C. de Souza	1
14	A Decima Praga.....	Jones Rocha	1
15	O Inimigo na Sombra.....	J.S. Fletcher	1
16	O Coronel Chabert.....	H. de Balzac	1
17	Em vão.....	H. Sienkiewicz	1
18	A Ilha da Aurora.....	E.M. de Vogue	1
19	O Rei dos Cangaceiros.....	Nelly Cordes	1
20	De Profundis.....	Oscar Wilde	1
21	São Paulo dos Meus Amores.....	A. Schnidt	1
22	Bom Tempo.....	A. Schnidt	1
23	Geografia do Brasil.....	G. Sampaio	1
24	Geografia do Brasil II.....	G. Sampaio	1
25	Geografia do Brasil III.....	G. Sampaio	1
26	Geografia do Brasil IV.....	G. Sampaio	1
27	English Corse I.....	A.N. Espindola	1
28	English Corse II.....	A.N. Espindola	1
29	English Corse III.....	A.N. Espindola	1
30	English Corse IV.....	A.N. Espindola	1
31	Geografia Regional do Brasil.....	M. Givocate	1
32	Geografia do Brasil.....	M. Givocate	1
33	Geografia Geral I.....	M. Givocate	1
34	Geografia Geral II.....	M. Givocate	1
35	Geografia Geral III.....	M. Givocate	1
36	Geografia Geral IV.....	M. Givocate	1
37	Curso de Latim I.....	M.A.B. Costa	1
38	Curso de Latim II.....	M.A.B. Costa	1
39	Curso de Latim III.....	M.A.B. Costa	1
40	Criança do Brasil I.....	T.M. Santos	1
41	Criança do Brasil II.....	T.M. Santos	1
42	Criança do Brasil III.....	T.M. Santos	1
43	Criança do Brasil IV.....	T.M. Santos	1
44	Coração Infantil I.....	V. Peixoto	1
45	Coração Infantil II.....	V. Peixoto	1
46	Coração Infantil III.....	V. Peixoto	1
47	Coração Infantil IV.....	V. Peixoto	1
48	Minha Aritmetica I.....	O.P. Mettig	1
49	Minha Aritmetica II.....	O.P. Mettig	1
50	Brasil Minha Patria I.....	T.M. Santos	1
51	Brasil Minha Patria II.....	T.M. Santos	1
52	Brasil Minha Patria III.....	T.M. Santos	1
53	Brasil Minha Patria IV.....	T.M. Santos	1
54	Geografia do Brasil.....	O.P. Mettig	1
55	Geografia do Brasil II.....	O.P. Mettig	1

ANEXO 04: Relação dos Materiais utilizados nas aulas práticas do Ginásio de Aplicação.

MATERIAL DO LABORATÓRIO	
substâncias	quantidade
01- Nitrato de prata	100gr
02- Zul de bromotimol	5gr
03- Acido clorídrico	3litros
04- " sulfúrico	"
05- " bórico	50gr
06- " benzóico	"
07- " acético	1/2litro
08- Sulfato de sódio	250gr
09- Enxofre	50gr
10- Nitrato de potássio	100gr
11- Lugol	5gr
12- Formol	1litro
13- Bicarbonato de sódio	250gr
14- Permanganato de potássiol.....	50gr
15- Iodo	lampola
16- Alumínio	50gr
17- Zinco	"
18- Oxido de mercúrio	20gr
19- Chumbo	50gr
20- Reativo de benedict	5gr
21- Magnésio	20gr
22- Ferrocianeto de potássio	100gr
23- Mercúrio metálico	100gr
24- Hidróxido de cálcio	100gr
25- Bicromato de Potássio	"
26- Acetona	1/2litro
27- Lêvedo	250gr
28- Azul de metileno	5gr
29- Clorofórmio	1/2litro
30- Amoníaco	3litros
31- Hidróxido de sódio	250gr
32- Glicose	1kg
33- Alcool comum	2litros
34- Fósforo	1pacote
35- Parafina	100gr
36- Bi-óxido de manganês	50gr
37- Clorato de potássio	250gr
38- Sulfato de cobre	100gr
39- Cloreto de sódio	100gr
40- Limalha de ferro	100gr

ANEXO 05: Relação do Corpo Docente do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – 1960

215 I

RELACÃO DO CORPO DOCENTE
DO
" GINÁSIO DE APLICAÇÃO "
DA
FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE - ARACAJU
Ano de 1960.

<u>Matérias</u>	<u>Professores</u>
Português	Profª Rosália Bispo dos Santos - Licenciada
Francês	Profª Rosália Bispo dos Santos - Licenciada
Matemática	Dr. José Rollemberg Leite - Registro nº D-9949
Geografia	Profª Josefina Sampaio Leite - Licenciada
História do Brasil.	Dr. Gonçalo Rollemberg Leite - Registro - 26.146
Latim	Mons. José de Araújo Machado - Registro - 12.969
Desenho	Profª Olga Andrade Barreto - Licenciada F. 6.362
Trabalhos Manuais .	Profª Cecília Teixeira - Registro nº 18.864
Canto Orfeônico ...	Profª Cândida Viana Ribeiro - Registro,
Educação Física ...	Profª Rosália Bispo dos Santos -

ANEXO 06: Atestado de Idoneidade do padre Luciano Duarte, 26 de junho de 1959.

212

ATESTADO DE IDONEIDADE MORAL

Atestamos, que o professor Mons.dr.Luciano José Cabral Duarte, possui completa idoneidade moral e social.

Aracaju, 26 de junho de 1959.

José Rollemberg Leite
Dr. José Rollemberg Leite
Professor - Registro nº D-9949

José Silvério Leite Fontes
Dr. José Silvério Leite Fontes
Professor - Registro nº M. 479

MAST/.

ANEXO 06/02: Atestado de Idoneidade da professora Rosália Bispo dos Santos.

214 6

ATESTADO DE IDONEIDADE MORAL

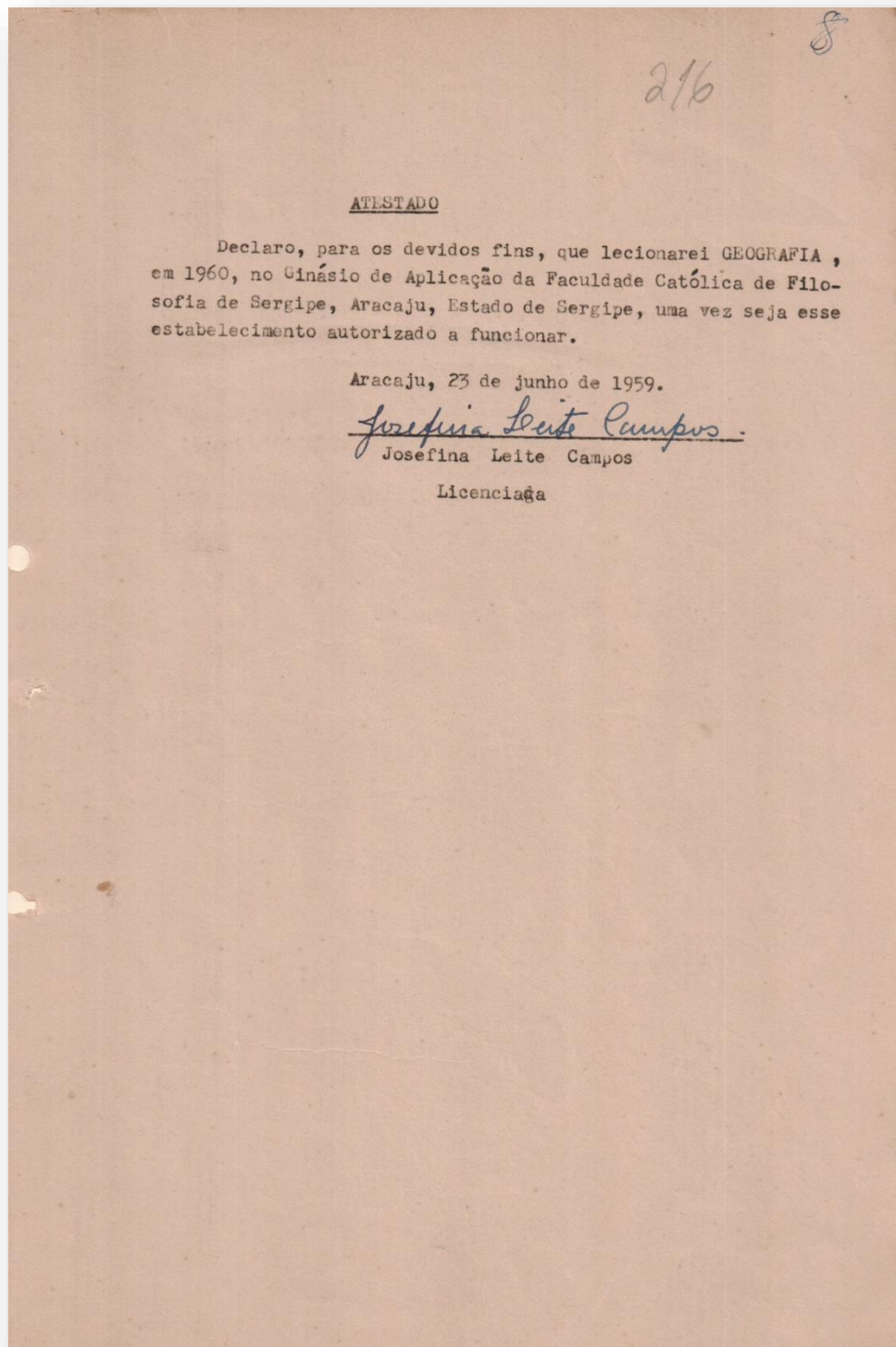
Atestamos que a professora ROSÁLIA BISPO DOS SANTOS, possui completa idoneidade moral e social.

Aracaju, 26 de junho de 1959.

José Rollemberg Leite
José Rollemberg Leite
Professor, Registro nº D-9949

Celina Oliveira Lima
Celina Oliveira Lima
Inspetora Federal.

ANEXO 07: Declaração de Comprometimento com o Ginásio de Aplicação, 23 de junho de 1959.



ANEXO 08: Relação da primeira prova parcial dos alunos do Ginásio de Aplicação, junho de 1960. Antes da contratação da professora Carmelita Pinto Fontes.

GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATOLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE										
ARACAJU - SERGIPE										
ATA DA Primeira PROVA PARCIAL das cadeiras										
da 1ª série do curso Ginasial										
Nos dias 17, 18, 20, 21, 22, 23 e 25 do mês de junho do ano										
de 1960 nesta cidade de Aracaju realizaram-se, em 1ª chamada, as										
primeiras provas parciais do corrente ano letivo, da primeira série do curso										
Ginasial do Ginásio de Aplicação da F.C.F.S.										
cujos resultados constam do quadro abaixo:										
NOME DO ALUNO	DISCIPLINAS								Canto Orfônico	Religião
	Português	Latim	Francês	Matemática	Hist. do Brasil	Geografia	Trabalhos Manuais	Desenho		
Alvaro José Lacerda Monteiro	6	8,25	8	3,8	6,9	10	9,8	7,5	6,8	9
Antonio Renato de M. Garcia Noronha	5,3	4,57	6,5	4,3	7,4	8	7,5	4,5	3	9
Arnaldo Simões Andrade	5,5	6,65	6,3	4,3	8,8	8,5	10	5,5	7,5	9,5
Beatriz Ma. de Freitas Barreto	7,1	6,05	8,8	8,5	4,7	8	10	4	8,3	9,5
Beatriz Ribeiro Franco	8	7,5	9	4,6	8	9	9,5	7	8,7	9,5
Edgard d'Ávila Mello Silveira	3,5	4,5	5,3	2,6	7,6	6,5	5	4,5	6,8	8
Edvaldo Silveira Leite	9	8	9,5	6,5	8,7	10	10	9	9	9,5
Elizama Andrade Corto	4,3	5,55	5,8	3,2	7,2	8	8	5	6	8,5
Elizama Costa Lima Rezende	3,8	3,99	6,5	3,2	6,7	8	5,1	3,5	7,3	9,5
Helviza Rezende de Macêdo	4,9	2,43	5,5	2,1	5,8	8	5,8	2	7,5	8,5
José Maria de Oliveira Neto	4,2	4,7	3,8	2,7	6	8	7,5	4	5,5	8,5
José Valtér Nunes Liqueira	6,3	6,25	6,5	3,5	6,9	8,5	9,5	7,5	7,2	9,5
Maria Auxiliadora de Oliveira	4,7	6,3	5,3	2,4	4,7	6,5	5,5	6,5	8,5	8,5
Maria da Conceição Sobral Garcia	5,5	5,55	6,8	3,5	6,1	8,5	8	6,5	2,7	9
Maria das Graças Melo Garcez	3,3	4,2	4,8	3,8	5,5	5,5	4,6	4,5	3,5	9
Maximino Prado Ribeiro	4,1	4,4	6,5	2,7	6,8	8,5	7,1	6	1,5	9
Oswaldo Gilson Sampaio Costa	9,3	9,65	9,5	6,9	9,2	10	10	9,5	9,5	9
Roberto Moraes de Almeida Mesquita	7,2	8,9	8,8	7,1	9,4	8	10	6,5	7,7	8,5
Ruy Carvalho Filho	4,2	6,4	6,8	3,1	7,2	9,5	5,9	6	2,5	9
Sergio Petersen Botto de Barros	7,5	5,15	7,5	8,2	7,3	9	9,5	8,5	7,8	9
Sônia Maria Trimponi	8,5	8,05	9,8	9,8	9,4	9,5	10	9	9	9,5
Tânia Galvão Carvalho	5,4	5,5	7,3	3,3	6,7	7,5	8,8	7,5	8,2	9,5
Tânia Maria Lins Sarmiento	6,5	6	7,3	5,2	7,3	7,5	9,8	8	7,8	9,5
Waldson Francisco Silva Santos	5,5	6,2	7,3	5,2	7,8	8,5	8,2	5	8	8,5

ANEXO 09: Relação da primeira prova parcial dos alunos do Ginásio de Aplicação, em junho de 1961. Após a contratação da professora Carmelita Pinto Fontes.

GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE										
ARACAJU - SERGIPE										
ATA DA <u>Primeira</u> PROVA PARCIAL das cadeiras										
da <u>1ª</u> série do curso <u>Ginásial</u>										
Nos dias _____ do mês de <u>junho</u> do ano										
de 19 <u>61</u> nesta cidade de <u>Aracaju</u> realizaram-se, em <u>1ª</u> chamada, as										
<u>1ª</u> provas parciais do corrente ano letivo, da <u>1ª</u> série do curso										
<u>Ginásial do Ginásio de Aplicação da F.C.F.S.</u> ,										
cujos resultados constam do quadro abaixo:										
NOME DO ALUNO	DISCIPLINAS								Média	C. Def.
	Português	Latim	Francês	Matemática	Hist. do Brasil	Geog. Geral	Trab. Manuais	Desenho		
Adria Ferreira Araújo Ramos	7,7	8	7,5	5,3	5,4	5,9	10	6,5	7	
Ana Maria Gade Vacconcelos	7,8	9,3	7,7	4,6	5,7	4,9	9,5	9,5	7,5	
Carlos Augusto Barreto Sattler	6	9	5,5	4	3	6	9,5	7	4	
Celso Carvalho Siqueira	8,3	8,5	7,7	6	6,4	3,7	8,8	8,5	1,5	
Clara Angélica de Oliveira Góto	9,8	8,8	8,1	8,4	8	7,4	8	8	9	
Cláudio Elviseu Bessa Santos	5,7	4	3,2	8,1	4,1	4,8	6,5	7	5	
Eduardo Fíglio Bastos	9,1	9,5	8,5	6,2	8,6	7,9	10	9	9	
Fernanda Anta da F. Sobral	10	9,5	9,4	10	8,8	6,5	10	8,5	9,5	
George Alberto Silva Amado	5,5	8,3	6,2	8	7,4	5,5	7,5	6	4,5	
Gilmarino Oliveira Nascimento	8	9,5	7,7	6,6	5,8	6,5	9,5	8	5	
Israhim Benquise Abud	9,6	9,3	9,2	10	8,3	7,6	9,5	8	8,8	
Josui Barbosa de Melo	5,7	8	6,4	3,6	7,6	5,4	6,5	5,5	6,5	
Jackson Azi Santana	6,2	9	7,7	6,4	6,2	5	9,8	7,5	6,5	
Leônia Firpo Andrade	6,4	6,8	4,3	5	4,4	4,5	7,5	6,5	7	
Luiz Fernando Ribeiro Soutelo	6	7,8	6,3	4,6	7,3	6,4	8	8	6	
Marcelo da Silva Ribeiro	7,1	8,5	7,2	7,8	8,2	6,7	9	8,5	7,5	
Ma. Angélica de A. Souza	5,8	7,8	6,2	8,1	4,3	5	10	7,5	7,5	
Ma. Auxiliadora de A. Aguiar	7	7,8	4,6	6,8	3,1	4	8	5	5,5	
Ma. Cecília de Melo Garcia Moura	9,6	9	7,7	7,8	7,3	7,4	10	8	8,3	
Ma. das Mercês Mandarim Monteiro	6,5	8,5	7,9	5	6,6	6,1	10	8	6	
Marinho Tar. de Almeida Neto	8,2	8,8	8	3,6	3,8	5,7	9,5	7	6,5	
Miguel Roberto Peixoto Chagas	10	9,8	10	9,3	8,6	8,6	10	9	8,5	
Nadya da Silva Oliveira	8	10	6,1	6	8,2	6,1	8,5	7	8	
Osvaldina Rocha Rosa Filho	6,8	7,5	7,4	5,3	4,3	5,7	10	8,5	7,5	

ANEXO 10: Ofício encaminhado ao diretor Geral do Departamento de Educação Curt Vieira em 1965.

Nº. 249 .

7 de outubro de
1965.

Senhor Diretor:

Para os devidos fins, comunico a V. S. que a 28 de setembro próximo findo MARIA AUGUSTA LOBÃO MOREIRA, Professor Catedrático de História Geral deste Estabelecimento, reassumiu o exercício da sua função efetiva.

Outrossim, comunico-lhe que na data acima citada (28 de setembro), a referida professora entrou em gozo de 90 dias de licença para tratamento de saúde, conforme despacho governamental de 4 do corrente.

Cordiais Saudações

Rosália Bispo dos Santos
Diretora

Ao Ilmo. Sr. Dr. Curt Vieira,
M. D. Diretor Geral do Departamento de Educação.

ANEXO 11: Ofício solicitando da Secretaria Estadual de Segurança a contratação de um guarda-civil, 1965.

Of. Nº 281

16 de novembro de 1965

De: Diretor do Colégio Estadual de Sergipe

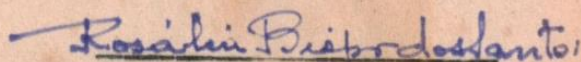
As: Ilmo. Sr. Secretário de Segurança do Estado

Assunto:

Pelo presente solicito de V. S. obsequiosas providências no sentido de colocar à disposição deste Colégio um guarda-civil a fim de manter a ordem nas imediações do estabelecimento, sobretudo nas tardes dos Sábados e nos domingos quando a quadra de esporte está constantemente invadida por populares

Confiante de que V. S. prestará esta valiosa cooperação ao Colégio / Estadual de Sergipe apresento-lhe antecipadamente os meus sinceros agradecimentos.

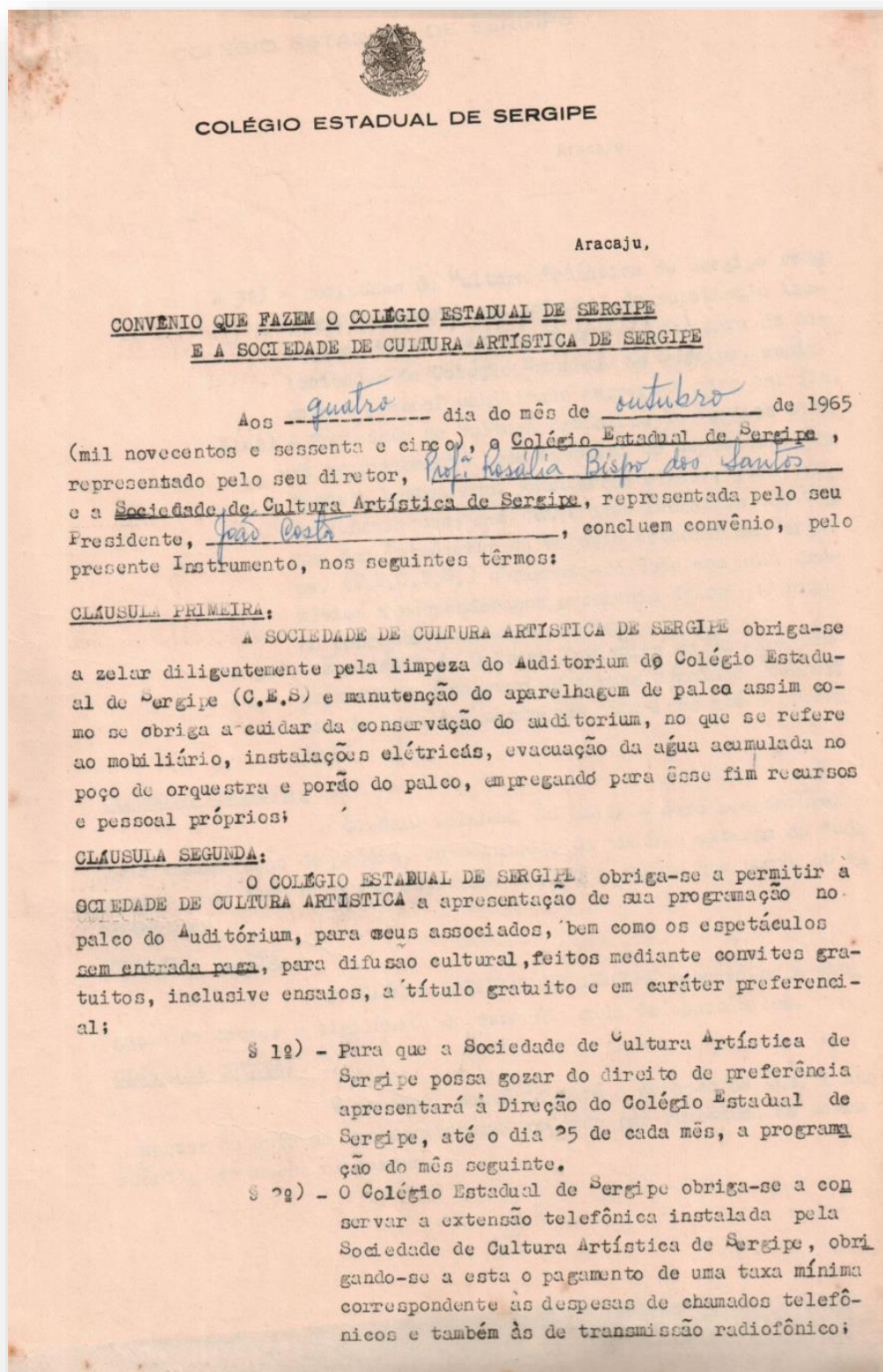
Atenciosas saudações



Rosália Bispo dos Santos

Diretora

ANEXO 12: Convênio firmada entre a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe e o Colégio Estadual de Sergipe.



ANEXO 13: Convênio entre a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe e o Colégio Estadual de Sergipe.



COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

Aracaju,

- § 3º) A sociedade de Cultura Artística de Sergipe cederá gratuitamente seu material de espetáculo (rondas, bambolinas, gambiões e luz) para as solenidades do Colégio Estadual de Sergipe, assim como o pessoal habilitado empregado para tal fim.
- § 4º) A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe cederá gratuitamente seu material de espetáculo (rondas, bambolinas, gambiarras e luz), para as representações, sem finalidade lucrativa, do Teatro dos Estudantes do Colégio Estadual de Sergipe. (T.E.C.E.S.) obrigando-se este conjunto dramático a responder por eventuais danos que haja no respectivo material cedido;
- § 5º) A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe compromete-se conservar as normas morais e ideológicas de suas apresentações, mantidas até o presente;

CLÁUSULA TERCEIRA:

O COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE será responsável pela conservação do prédio, do telhado e da pintura externa do Auditorium, bem como da parte referente à água e esgoto que serve ao Auditorium;

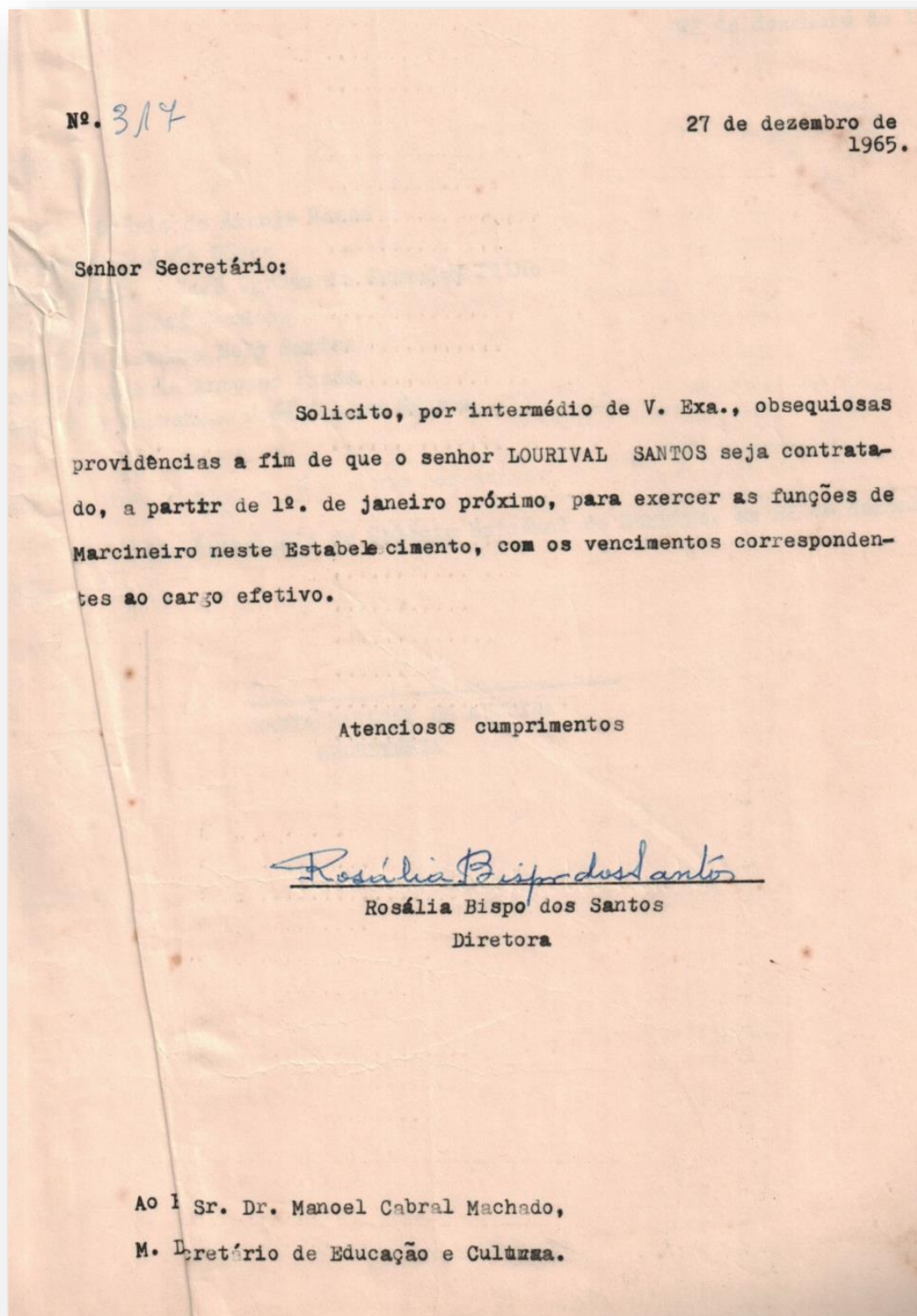
CLÁUSULA QUARTA:

O COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE reserva-se a obrigação de manter a vigilância da referida casa de espetáculos.

CLÁUSULA QUINTA:

O presente convênio terá a duração de (um) 1 ano, a contar da data da sua assinatura, podendo ser renovado, de comum acordo, por ambas as partes.

ANEXO 14: Solicitação para contratação de um marceneiro.



ANEXO 15: Ofício enviado ao Secretário Estadual de Educação.

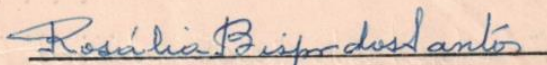
Nº. 317

27 de dezembro de
1965.

Senhor Secretário:

Solicito, por intermédio de V. Exa., obsequiosas providências a fim de que o senhor LOURIVAL SANTOS seja contratado, a partir de 1º. de janeiro próximo, para exercer as funções de Marcineiro neste Estabelecimento, com os vencimentos correspondentes ao cargo efetivo.

Atenciosos cumprimentos



Rosália Bispo dos Santos
Diretora

Ao Sr. Dr. Manoel Cabral Machado,
M. Secretário de Educação e Cultura.

ANEXO 15: Ofício enviado ao Secretário da Fazenda e Obras Públicas.

NW. 3/2

17 de dezembro de 1965.

Exmo. Sr. Secretário da Fazenda e Obras Públicas.

Solicito de V. Exa. obsequiosas providências no sentido de que seja feito um adiantamento da quantia de Cr\$ 1.033.506. (Hum milhão e trinta e três mil quinhentos e seis cruzeiros) a fim de que possa este Estabelecimento de ensino efetuar o pagamento à firma LIVRARIA REGINA LTDA., desta praça, único débito, conseqüentemente, sob nossa responsabilidade no comércio local ou em outras Praças.

Neste ensejo apresento a V. Exa. os protestos de estima e verdadeira consideração.

Atenciosamente,

Rosália Bispo dos Santos
Diretora

ANEXO 16: Correspondência de Dom Luciano Duarte ao Ministro da Educação e Cultura Raymundo Moniz de Aragão.

Aracaju, 26 de Setembro de 1966.

Exmo. Sr.
Professor Raymundo Moniz de Aragão,
M.D. Ministro da Educação e Cultura
Ministério da Educação e Cultura
Rio de Janeiro-GB

Excelentíssimo Senhor Ministro:

Permita-me, Vossa Excelência, que o ponha a par do andamento do Processo nº 550/64, que trata da criação da Fundação Federal Universidade de Sergipe. Quando, em Agosto passado, estive no Rio de Janeiro, para entregar a Vossa Excelência os documentos que restavam, para o referido Processo 550/64 pudesse prosseguir, convidei o Relator do mesmo, Conselheiro Federal Newton Sucupira, a fim de que viesse a Aracaju, visitar nossas Faculdades. O Professor Newton Sucupira atendeu, amavelmente, ao nosso convite, e passou em Aracaju os dias 18 e 19 do corrente mês de Setembro. À noite do dia 18, pronunciou, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, uma conferência magnífica (que foi irradiada), sobre: "Uma Universidade no Brasil de hoje". No dia seguinte, o Professor Sucupira visitou, uma por uma, todas as nossas seis Faculdades, indagando pormenores, olhando tudo com olhos de ver, como convém a um relator. Pouco antes de tomar o avião que o reconduziria a Recife, o professor Sucupira me disse, no aeroporto, que sua impressão, no conjunto, era bastante boa, e que daria parecer favorável ao processo. Eu lhe pedi que apresentasse seu parecer ainda na sessão do mês de Setembro, do Conselho Federal de Educação, e ele prometeu-me fazê-lo. Assim sendo, espero que dentro de poucos dias o processo 550/64 se voltará para as mãos de Vossa Excelência, para que abata a matéria em minha mão, ao Sr. Presidente da República, a quem cabe enviar ao Congresso a mensagem de criação da Fundação Federal Universidade de Sergipe. Todo o Estado de Sergipe tem, hoje, conhecimento de que o grande patrono da causa de nossa Universidade é o Ministro Moniz de Aragão. E efetivamente, é nas mãos de Vossa Excelência que, nestas fases conclusiva da caminhada, nós temos toda nossa esperança. Peço permissão a Vossa Excelência para renovar-lhe, aqui, o convite para assistir à missa Sagradação Episcopal, no próximo dia 2 de Outubro. Creia, Senhor Ministro, no profundo respeito do

Dom Luciano José Cabral Duarte, presidente da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação de Sergipe, e Bispo auxiliar de Aracaju

rua Santo Amaro, 285 - Aracaju-Sergipe

ANEXO 17: Correspondência de Dom Luciano Duarte à Newton Sucupira.

(2)

Aracaju, 19 de dezembro de 1967.

Vem agora o caso da Faculdade de Letras e Comunicação, que se transformará em Instituto. Se bem entendi sua sugestão, não há mais a necessidade de eliminar, simplesmente, o termo "Ciências Humanas", e sim, simplesmente, o termo "Instituto de Letras". Entendi bem? Se assim for, não há problema.

Em quanto lugar, esclareço: na área da Geociências, temos aqui o Curso de Filosofia, o Curso de Ciências Humanas, sem embargo de algumas poucas disciplinas (Geografia Física, Cartografia) para o Instituto de Física e Matemática. Não há, portanto, nenhuma alteração no Instituto de Ciências Humanas.

Espero que tenha recebido meu telegrama, enviado para seu endereço em Recife, dizendo-lhe meu grande agradecimento. Renovo aqui a expressão de meu reconhecimento, por seu esforço de, apesar da escassez de tempo, apresentar o Parecer sobre o Estatuto da Universidade de Sergipe na última sessão extraordinária do Conselho Federal de Educação.

O dr. Aloísio Campos, nosso amigo e pessoa muito interessada na Universidade, telegrafou-me no dia 16, comunicando-me a grande notícia, que logo divulguei, e que foi causa de contentamento geral, pois assim estamos dentro do calendário pré-fixado, e nossa Universidade se instalará nos primeiros dias de Março, como previsto.

O mesmo dr. Aloísio Campos me escreveu, logo em seguida, enviando-me uma cópia mimeografada do Parecer, e dizendo-me que o sr. sugeria uma viagem minha ao Recife, para trocarmos ideias sobre as modificações a fazer.

Li atentamente o Parecer, e há apenas dois pontos para os quais gostaria de um esclarecimento seu. O primeiro é relativo à observação nº 1. do Parecer, que sugere que "a Universidade desde logo efetue as modificações que se fizerem necessárias em sua estrutura." E essas modificações seriam, segundo sua sugestão: a Faculdade de Filosofia e Educação perderia a parte de Filosofia, que seria transferida para o Instituto de Ciências Humanas, que passaria a ser "Instituto de Ciências Humanas e Filosofia".

Por outro lado, o sr. sugere que desapareça o título de "e Comunicação", da Faculdade de Letras e Comunicação, que assim ficaria transformada no Instituto de Letras.

E finalmente, indaga: onde ficariam, em que unidade, as disciplinas referentes à área de Geociências?

Retomo o assunto, ponto por ponto. Indago: teria o Estatuto (que será aprovado pelo Cons. Federal de Educação e apenas homologado pelo Ministro) força legal para alterar o que foi disposto no Decreto-Lei nº 269, que, assinado pelo presidente da República, criou a Universidade de Sergipe e deu a denominação de suas unidades? Por seu parecer, tenho a impressão de que sua resposta é positiva, mas estimaria uma confirmação.

Em seguida, indago: haveria grave inconveniente em que fosse conservada sem alteração, como está no Decreto-Lei nº 269, a Faculdade de Filosofia e Educação? Entendo que Filosofia ficaria bem no Instituto de Ciências Humanas. Entretanto, haveria grande conveniência local em que o curso de Filosofia ficasse junto à Faculdade de Educação. O sr. sabe como são as circunstâncias. Em nosso caso, elas aconselhariam a permanência "statu quo": Faculdade de Filosofia e Educação. Mas, se não for possível, far-se-á como for necessário.

Tua Santa Amizade,
Aracaju-Sergipe

ANEXO 18: Correspondência de Dom Luciano à Newton Sucupira.

(S)

Aracaju, 15 de Janeiro de 1968.

Meu caro dr. Newton:

Gratias et Pax.

Como combinado, estou remetendo ao sr., antes do dia 20 de Janeiro, o Estatuto de nossa Universidade Federal de Sergipe.

De volta do Recife, reuni o plenário que preparou o projeto de Estatuto, e referi-lhes todas as suas observações. As modificações judiciosamente sugeridas pelo sr. foram todas aceitas, e o projeto de Estatuto foi modificado em função delas.

Quanto ao caso do Instituto de Teologia, repensei o assunto, e dentro do que o sr. me disse, julguei oportuna uma alteração. Tínhamos pensado (quando de minha última estada em Recife) em transformar o Instituto de Teologia (aprovado pelos que redigiram o Estatuto) em um Departamento de Ciências da Religião do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Isto, entretanto, apresentaria o seguinte inconveniente: o Departamento perderia no valor, e sobretudo ficaria muito ligado à Congregação de Professores do Instituto ao qual ele ficaria anexo, a qual, sem ter especial competência para isto, teria poder de intervir na aprovação de programas, etc.

Assim sendo, alguns colegas interessados no assunto e eu mesmo pensamos que seria mais interessante que o Instituto de Teologia passasse a ser um Centro Superior de Estudos Religiosos, integrado na área de Ciências Humanas. Assim, ele terá mais consistência. Peço, com todo o empenho, sua compreensão e boa vontade para a fórmula que encontramos. Aceitando sua sugestão, retiramos o Centro Superior de Estudos Religiosos dos Órgãos Suplementares (onde estava o antigo Instituto de Teologia), e o colocamos nas Disposições Gerais, com o número de Art. ____.

Agora, para facilitar seu trabalho de verificação das mudanças adotadas na nova redação do nosso Estatuto, dou-lhe aqui os números dos artigos, na ordem correspondente aos itens do Parecer nº 498/67 que o sr. elaborou.

O item nº 1 do Parecer: diz respeito ao atual Art. nº ____.

O item nº 2 " " : mandava suprimir o artigo Art. 13. A supressão foi feita.

O item nº 3 do Parecer: a nova situação do Instituto de Teologia está no Art. nº ____.

Dom Luciano
Rua Santo Amaro, 282 - Aracaju - Sergipe

ANEXO 19: Correspondência de Dom Luciano Duarte à Newton Sucupira.

Aracaju, 23 de Abril de 1968.

Ilmo. sr.
dr. Newton Sucupira
rua Arnaldo Bastos, 66
Madalena
Recife-Pernambuco.

Caro dr. Newton:

Gratia et Pax.

Não pude comparecer à sessão extraordinária do Conselho Federal de Educação. Compromissos me retinham em Aracaju. Estamos trabalhando na escritura da Fundação Universidade Federal de Sergipe, e alguns pequenos problemas técnicos que ainda surgem vão sendo resolvidos.

Está fixada a data de 12 de Maio para a posse do Reitor e a instalação da Universidade.

Deveremos viajar, o sr. e eu, no dia 5 de Maio, domingo, para a sessão ordinária do Conselho. Penso que nos encontraremos, em Salvador, no Caravelle da Cruzeiro. Imaginei, assim, que, de volta da sessão do Conselho, no dia 11 de Maio (sábado), poderíamos ambos descer em Salvador, onde um automóvel irá buscar-nos. O sr. descansaria a noite do sábado, e no domingo à noite nos faria uma conferência sobre "Reforma Universitária Brasileira", e, na mesma sessão, seria a instalação da Universidade e a posse do Reitor.

O aeroporto de Aracaju está em vias de ser interditado, pois vão reaparelhá-lo e ampliá-lo, de modo que possam descer aí também aviões a jato. Quanto à vinda de d. Odete, informar-me-ei se no sábado, dia 11 de Maio, ou no domingo dia 12, ainda descerá em Aracaju algum avião da Companhia VASP, única que, atualmente, ainda está pousando aqui. Em caso contrário, poremos um automóvel à disposição dela. O carro irá a Recife, e ela poderá vir com alguns dos filhos, se assim desejar.

Estimaria que o sr. me fizesse a gentileza de telegrafar-me, confirmando a recepção desta carta, e sua presença, na data acima indicando. Eu e todos daqui, inclusive o Governador, fazemos questão bem quanto devemos à sua atuação séria, decidida e amigável, em toda essa questão da Universidade.

O Governador Lourival Baptista vai convidar o sr. Ministro da Educação. Convidou o ex-Ministro Moniz de Aragão, que não poderá vir, pois seguiu para a Alemanha no dia 21 passado.

Adeus, caro dr. Newton. Renovo-lhe meus agradecimentos pela maneira como me recebeu no Conselho Federal. Conto com sua amizade e sua experiência para orientar-me nessa nova função. Com minhas saudações para d. Odete, sou o amigo e admirador, fraternalmente,
Luciano Duarte
rua Santo Amaro, 285
Aracaju-Sergipe